



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA E CONSERVAÇÃO

SEBASTIANA LIMA DOS SANTOS

**INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES EM UMA REGIÃO SEMIÁRIDA
NORDESTINA: ETNOZOOLOGIA, BEM-ESTAR E CONSERVAÇÃO ANIMAL**

CAMPINA GRANDE-PB

2020

SEBASTIANA LIMA DOS SANTOS

**INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES EM UMA REGIÃO SEMIÁRIDA
NORDESTINA: ETNOZOOLOGIA, BEM-ESTAR E CONSERVAÇÃO ANIMAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Ecologia e Conservação da
Universidade Estadual da Paraíba
(PPGEC/UEPB) como requisito final para
obtenção do grau de Mestre em Ecologia e
Conservação.

Orientador: Prof. Dr. Rômulo Romeu da Nóbrega Alves

CAMPINA GRANDE-PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237i Santos, Sebastiana Lima dos.
Interações entre pessoas e cães em uma região semiárida nordestina [manuscrito] : etnozoologia, bem-estar e conservação animal / Sebastiana Lima dos Santos. - 2020.
99 p. : il. colorido.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Rômulo Romeu da Nóbrega Alves, Coordenação de Curso de Biologia - CCBS."
1. Etnozoologia. 2. Caça. 3. Cães. 4. Conservação animal.
I. Título

21. ed. CDD 591

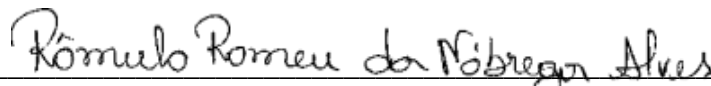
SEBASTIANA LIMA DOS SANTOS

**INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES EM UMA REGIÃO SEMIÁRIDA
NORDESTINA: ETNOZOOLOGIA, BEM-ESTAR E CONSERVAÇÃO ANIMAL**

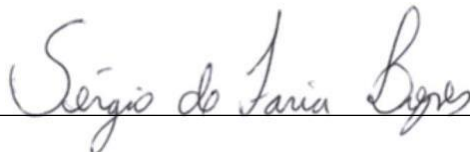
Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Ecologia e Conservação da Universidade Estadual da Paraíba (PPGEC/UEPB) como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Ecologia e Conservação.

Aprovado em: 29 de abril de 2020.

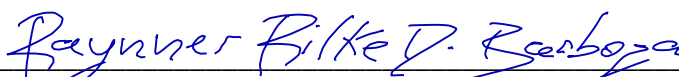
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rômulo Romeu da Nóbrega Alves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Sérgio de Faria Lopes (Examinador interno)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Raynner Rilke Duarte Barboza (Examinador externo)
Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Dedico:

Aos meus pais Maria José de Lima Santos e Lourival Francisco dos Santos, analfabetos, agricultores e “guerreiros”, sempre souberam me educar e a não desistir.

Ao meu esposo, parceiro, amigo e pelo apoio e confiança em minha trajetória acadêmica/ pessoal.

A minha filha Liz Maria que ainda permanece em meu ventre. Mas, já me faz mais resistente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS por me conduzir e fortalecer desde quando sonhava em continuar estudando e chegar até o fim de uma pós-graduação. Precisamos persistir e nunca perder a Fé. Sou de uma família desprovida de muitos recursos e da zona rural, onde as dificuldades foram muito frequentes, e isto exige de um maior esforço para cada conquista. Obrigada Senhor!

Agradeço a Nossa Senhora, também minha mãe, por sua intercessão e por nunca me desamparar. Hoje, grávida, mas com a consciência que a mulher pode liderar o que ela quiser, seja um lar, a maternidade ou a vida acadêmica...Enfim, são inúmeros os desafios, mas que tem que persistir naquilo que a faz feliz.

Ao meu amado esposo, Erick Glauber, pela sua companhia e auxílio nas coletas de dados dessa pesquisa e pelo apoio incondicional em todas as atividades domésticas do lar, inclusive na preparação de nossa alimentação. Seu incentivo foi essencial para essa conquista acadêmica e pessoal. Agradeço a Deus pela sua vida! Amo você.

Agradeço a minha família, especialmente aos meus pais (Maria e Louro), sempre presente em minha vida, torceram pelo meu sucesso, oportunidade esta, que eles não tiveram em sua trajetória, e pela estadia durante a coleta de dados dessa pesquisa.

Aos meus irmãos (Edilson, Edinete e Elizete) e minha sobrinha, Ana Beatriz (Bia), pelas descontrações e apoio. A Gracinha (cunhada) pelo apoio e estadia em sua residência. Amos vocês!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rômulo Romeu da Nóbrega Alves, por seus ensinamentos e orientações de fundamentação importância para o desenvolvimento dessa pesquisa. Sua experiência, humildade, paciência e compreensão nas minhas dificuldades me ajudaram a ser mais segura. Muito Obrigada Rômulo!

Ao professor Dr. Sérgio de Faria Lopes, meu professor da graduação e mestrado, seus ensinamentos e pensamentos construtivos são únicos, e pela disposição em auxiliar na interpretação dos dados estatísticos. Muito Obrigada!

Aos informantes deste estudo, pela disponibilidade e interesse em colaborar com a pesquisa.

Aos caçadores desta pesquisa, que me receberam especialmente em dias de domingo, conduzindo-me a outros caçadores e me tratando como amiga.

A Macelly Medeiros pela sua amizade, incentivo e apoio. Sempre pronta para me auxiliar durante o mestrado e trocar ideias sobre meu trabalho. Uma amizade que levarei após o mestrado. Muito obrigada!

A Lívia Emanuelle Tavares Mendonça (Xuxu) pela sua amizade desde a especialização, é como uma irmã. Obrigada por se preocupar e cuidar de mim e por todo apoio não somente acadêmico, mas na minha vida pessoal.

As minhas colegas de turma, Gracy, Ranielle, Dayany, Júlia e Niviane. De modo especial, a Sonally Silva da Cunha, por todo carinho, incentivo e amizade, sempre disposta a me ajudar em toda caminhada de curso.

Ao professor Miguel Guedes de Brito (*in memoriam*) que além de professor foi amigo, ensinou-me a não desistir e a sempre confiar em meu potencial, um exemplo de educador que cativou de forma mais bela a acreditar que a educação é transformadora.

Aos colegas de laboratório de Etnobiologia, Mika e Moacir, pelas brincadeiras, descontrações e trocas de ideias sobre a pesquisa.

Ao colega Ronnie Oliveira, pelos conselhos e trocas de ideias. Muito obrigada!

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo inestimável apoio financeiro. Sem esse apoio, a conclusão desse trabalho teria sido muito difícil.

RESUMO

As primeiras relações entre seres humanos e cães (*Canis familiaris*) são antigas, e vem se tornando cada vez mais frequentes, tendo em vista, a imensa importância e diversidade de papéis dos cães em nossa sociedade. O presente trabalho objetivou investigar as relações entre pessoas e cães. A pesquisa de campo foi realizada de outubro de 2018 a maio de 2019 em uma localidade semiárida do Nordeste do Brasil. Foi visitado um total de 199 residências que mantêm cães. Do número total de domicílios visitados, 47 pertencem a caçadores que mantêm cães para atividades cinegéticas. Os dados foram coletados através de questionários semiestruturados. Cães sem raça definida são os mais comuns, principalmente em áreas rurais. Informantes de baixa renda optam por criar cães sem raça definida para proteção das residências e caça, enquanto na área urbana parte dos criadores os mantêm como animal de estimação. Com relação ao bem-estar animal, parte dos entrevistados (n=76; 38%) afirmou passear com seu cão, e parte dos informantes, afirmaram dar banho nos animais em seus domicílios, e só os cães da raça Poodle (5%), recebem cuidados em pet shop. A maioria dos entrevistados informa que seus cães foram vacinados contra raiva em campanhas de vacinação gratuitas. No que diz respeito à caça com cães, todos os entrevistados (n=47) afirmaram que as espécies-alvo são caçadas no período noturno, como *Conepatus semistriatus* (tacaca), *Euphractus sexcinctus* (tatu peba), *Dasybus novemcinctus* (tatu verdadeiro) e *Tamandua tetradactyla* (tamanduá). Os caçadores (n=47) afirmaram que com o auxílio de cães de caça capturam uma maior quantidade de espécies que outras estratégias de caça, podendo caçar um número elevado da mesma espécie ou de espécie-alvo distintas. Dessa forma, observamos que criadores mantem seus cães de acordo com seu local de habitação e renda. Com relação à caça com cães, esperamos que nossos resultados auxiliem na elaboração de planos de manejo para conservação da fauna silvestre, levando em consideração o contexto socioeconômico e cultural dos caçadores, já que as atividades cinegéticas são disseminadas entre as gerações e está relacionada ao entretenimento das pessoas.

Palavras-chave: Pessoas e cães. Caça. Semiárido Nordestino.

ABSTRACT

The first relationships between humans and dogs (*Canis familiaris*) are old, and have become increasingly frequent, in view of the immense importance and diversity of roles of dogs in our society. The present work aimed to investigate the relationship between people and dogs. The field research was carried out from October 2018 to May 2019 in a semi-arid location in Northeast Brazil. A total of 199 households that keep dogs were visited. Of the total number of households visited, 47 belong to hunters who keep dogs for hunting activities. Data were collected through semi-structured questionnaires. Mixed breed dogs are the most common, especially in rural areas. Low-income informants choose to breed mixed-breed dogs for home protection and hunting, while in the urban area some breeders keep them as pets. With regard to animal welfare, part of the interviewees ($n = 76$; 38%) said they walked their dog, and part of the informants, said they bathed the animals in their homes, and only the Poodle dogs (5%) , receive care in a pet shop. Most respondents report that their dogs have been vaccinated against rabies in free vaccination campaigns. With regard to hunting with dogs, all respondents ($n = 47$) stated that the target species are hunted at night, such as *Conepatus semistriatus* (tacaca), *Euphractus sexcinctus* (armadillo peba), *Dasypus novemcinctus* (true armadillo) and *Anteater tetradactyla* (anteater). Hunters ($n = 47$) stated that with the help of hunting dogs they capture a greater number of species than other hunting strategies, being able to hunt a large number of the same species or different target species. Thus, we observe that breeders keep their dogs according to their place of residence and income. With regard to hunting with dogs, we hope that our results will assist in the elaboration of management plans for the conservation of wild fauna, taking into account the socioeconomic and cultural context of hunters, since hunting activities are disseminated between generations and are related to entertainment. of people.

Keywords: People and dogs. Hunting. Northeastern Semi-arid.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO GERAL | 9 |
| APRESENTAÇÃO | 10 |
| REFERÊNCIAS | 12 |
| CAPÍTULO I: INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES EM UMA REGIÃO SEMIÁRIDA DO NORDESTE BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM ETNOZOOLOGICA | 19 |
| Introdução | 20 |
| Metodologia | 22 |
| <i>Área de estudo</i> | 22 |
| <i>Coleta de dados</i> | 23 |
| <i>Aspectos éticos</i> | 25 |
| <i>Análise dos dados</i> | 25 |
| Resultados | 25 |
| Discussão | 31 |
| Considerações finais | 33 |
| Referências | 33 |
| CAPÍTULO II: BEM-ESTAR DE CÃES DOMÉSTICOS EM UMA REGIÃO SEMIÁRIDA NORDESTINA DO BRASIL | 38 |
| Introdução | 39 |
| Metodologia | 41 |
| <i>Análises dos dados</i> | 41 |
| Resultados | 41 |
| Discussão | 50 |
| Considerações finais | 54 |
| Referências | 54 |
| CAPÍTULO III: O PAPEL DOS CÃES NAS ATIVIDADES DE CAÇA EM UMA ÁREA NO SEMIÁRIDO DO NORDESTE BRASILEIRO | 59 |
| Introdução | 60 |
| Metodologia | 62 |
| Resultados | 63 |
| Discussão | 75 |
| Considerações finais e implicações conservacionistas | 77 |
| Referências | 78 |
| CONCLUSÃO GERAL | 79 |
| ANEXOS | 80 |

INTRODUÇÃO GERAL

As relações entre pessoas e canídeos são antigas, tendo surgido há mais de 15 mil anos, inicialmente auxiliando na proteção e em atividades de caça dos seres humanos (SAVOLAINEN et al., 2002, DRISCOLL e MACDONALD, 2010). A espécie *Canis familiaris* (Linnaeus, 1758) foi o primeiro animal domesticado, originando-se de populações de lobos *Canis lupus* (Linnaeus, 1758) que se isolaram reprodutivamente (CLUTTON-BROCK, 1995, SAVOLAINEN et al., 2002, LOSEY et al., 2013), e esse processo de domesticação consistiu em alterações no tamanho corporal e configuração crânio-dentário (CLUTTON-BROCK, 1995, COPPINGER e SCHNEIDER, 1995), proporcionando aos cães, o consumo de uma diversidade de alimentos, incluindo grandes presas silvestres (VANAK & GOMPPER, 2009a).

Ao longo da história, os cães foram se fazendo presente em lares em diversas partes do mundo, assumindo diversos papéis nessa convivência. Os tipos de interações entre humanos e animais referem-se aos relacionamentos mútuos e dinâmicos, que podem afetar desde a saúde física, psicológica até o bem-estar de ambos. Nesse processo, os seres humanos selecionam cães de acordo com suas necessidades (ALVES, 2016). Nesse contexto de interações, há diversos estudos sobre pessoas e seus cães, que abordam benefícios à saúde humana física e psicológica, como também, facilitações de interações sociais entre pessoas após a aquisição dos cães (WELLS, 2004, HART et al., 2016), cães como animais de companhia (DOTSON e HYATT, 2008, ARAHORI et al., 2017), diminuição da pressão arterial e doenças cardíacas (FRIEDMANN et al., 1980, ANDERSON et al., 1992, FRIEDMANN e THOMAS, 1995) e auxílio no combate à depressão (GARRITY et al., 1989, BEETZ et al., 2011). Dessa forma, percebe-se a importância e implicações que os cães possuem em nossa sociedade.

Devido ao vínculo afetivo dos donos com seus pets, estes estão cada vez mais dispostos a gastar altas somas de dinheiro com procedimentos médicos para os cães (ALBERT e BUCROFT, 1987, ALBERT e BUCROFT, 1990, COMMINGS, 2003). Aliado a isso, há uma indústria de alimentos que cresce significativamente, agregando diversos tipos de suplementos, que estão mais “humanizados” acompanhando as tendências alimentares dos seres humanos, como também os serviços de pet shop que incluem diversos itens, desde os mais simples aos mais requintados (NEILSON, 2002, ABINPET, 2017).

Em contrapartida, por motivos variados, cães são abandonados, o que se configura como um sério problema de maus tratos e bem-estar animal (ALVES e ROCHA, 2018). Diante desse contexto, há implicações na saúde pública, visto que, cães podem ser causadores de zoonoses decorrente de mordidas ou contato com o animal contaminado, transmissores de doenças para humanos, como por exemplo, raiva, bactérias, vermes, entre tantas outras (FELDMANN, 1974, BECK, 1975, WHO, 1990, FEKADU, 1993, SILVA et al., 2001, ACOSTA-JAMETT et al., 2010).

Do ponto de vista ecológico, cães domésticos abandonados ou livres podem representar um grave problema, pois eles são potenciais transmissores de doenças (cinomose canina e a raiva) para carnívoros nativos (BECK, 1975, COURTNEY et al., 2001, WHITEMAN et al., 2007, VANAK e GOMPPER 2009a) e são também predadores em potencial da fauna silvestre (HOROWITZ, 1992, MARINHO-FILHO et al., 1998, RODRIGUES, 2002, GALETTI e SAZIMA, 2006, CAMPOS et al., 2007, OLIVEIRA et al., 2008). Consequentemente cães ferais, que foram abandonados e retornaram ao estado selvagem, e cães que vagueiam livremente no ambiente atacam e matam espécies silvestres, competem com espécies nativas, portanto, impactando negativamente a vida selvagem (LOWRY e KATHERINE, 1978, BUTLER e BINGHAM, 2004, VANAK e GOMPPER, 2010, HUGHES e MACDONALD, 2013, KUMAR e PALIWAL, 2015, DOHERTY et al., 2016, WIERZBOWSKA et al., 2016). Essa situação é bem ilustrada no trabalho de revisão de Doherty et al. (2017) sobre o impacto global de cães domésticos, o qual relata que cães contribuíram com a extinção de 11 vertebrados e é uma ameaça a 188 espécies nativas no mundo.

Os cães foram e continuam sendo usados para as atividades cinegéticas, sendo auxiliares para caça em diversas partes do mundo, desde a caça de subsistência até a esportiva (ALLCHIN, 1966, BULMER, 1968, JONES, 1970, WHITE, 1972, AYRES e AYRES, 1979, TENAZA e TILSON, 1985, MARTINS, 1993, IKEYA 1994, FITZGIBBON et al., 1995, KOSTER 2008a, KOSTER e NOSS, 2014). No Brasil, essa técnica de caça vem sendo largamente registrada em áreas da Amazônia (MARTINS, 1993, BONAUDO et al., 2002, TRINCA, 2004, BONAUDO, 2005, TRINCA e FERRARI 2006, BIZRI, 2014, BARBOZA et al., 2016, FERNANDES-FERREIRA & ALVES 2017, CONSTANTINO, 2018), e na região do semiárido nordestino, onde espécies de mamíferos são capturadas com auxílio dos cães de caça, entre as quais: *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758), (tatu peba), *Dasyus novemcinctus* (Linnaeus, 1758) (tatu

verdadeiro), *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus, 1758) (tamanduá) e *Conepatus semistriatus* (Boddaert, 1785) (tacaca), (ALVES et al., 2009, ALVES et al., 2010a, BARBOZA et al., 2011, BARBOSA et al., 2011, SOUSA e ALVES, 2014, BARBOZA et al., 2016).

Além disso, a caça com cães pode aumentar o número de espécimes capturados (REDFORD e ROBINSON, 1987, KOSTER 2008a, KOSTER, 2008b, SOUZA, 2013) e em conjunto com armas de fogo pode resultar em uma caça ainda mais eficaz (ALVES et al., 2009, HANAZAKI et al., 2009, KOSTER, 2008a). Do ponto de vista conservacionista, o auxílio de cães na caça é preocupante, pois exerce enorme pressão sob determinadas espécies nativas (KOSTER, 2008a, SOUZA, 2013, FERNANDES-FERREIRA, 2014).

Dessa forma, as interações entre as pessoas e animais podem ser investigadas através da etnozootologia (ALVES et al., 2007, ALVES e SOUTO, 2010), um ramo da Etnobiologia que busca entender a dinâmica da relação dos humanos com os demais seres vivos que se tem contato (ALVES e SOUTO, 2010). De acordo com Marques (2002), a etnozootologia busca compreender, de maneira transdisciplinar, os conhecimentos e as crenças, os sentimentos e os comportamentos que intermedeiam as relações entre seres humanos e as espécies animais dos ecossistemas que as incluem. O presente estudo objetivou investigar as relações entre pessoas e cães, bem-estar animal, caça com cães e impactos sobre espécies nativas e ameaçadas de extinção numa região do semiárido brasileiro, em que foi analisada a influência de diferentes fatores sociais e econômicos sobre as interações das pessoas com seus cães.

APRESENTAÇÃO

A dissertação encontra-se estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo são abordados aspectos etnozoológicos ligados à criação de cães domésticos (utilidades dos cães, escolha das raças dos cães e parâmetros socioeconômicos dos criadores) na área rural e urbana de um município do semiárido paraibano. Foram analisadas as seguintes hipóteses:

ASPECTOS ETNOZOOLOGICOS

H¹: Parâmetros socioeconômicos dos proprietários de cães (local de moradia, gênero, níveis de escolaridade e renda) influenciam na disposição de se manter um cão nas suas residências e na escolha da raça do animal.

H²: Em áreas urbanas, as interações com os cães são direcionadas mais por aspectos afetivos (animal de companhia) e nas áreas rurais são guiadas para o uso do cão na caça ou como sentinela das residências dos criadores.

No segundo capítulo são abordados aspectos relacionados ao bem-estar dos cães na área rural e urbana da região, no que diz respeito, as formas de tratamentos que o animal recebe dos proprietários. Foi investigada a seguinte hipótese:

BEM ESTAR ANIMAL

H¹: Cães da área urbana tem melhor tratamento (melhor alimentação e cuidados veterinários) que cães da área rural. Adicionalmente, presume-se que o tratamento varia de acordo com parâmetros socioeconômicos dos proprietários e com a raça do cão.

No terceiro capítulo são abordados aspectos ligados à conservação de espécies silvestres, enfatizando as espécies capturadas e as mais pressionadas pela caça com cães e o uso de outras estratégias de caça. Aqui, as seguintes hipóteses foram investigadas:

H¹: Embora vertebrados diversos sejam caçados com auxílio de cães, espécies de mamíferos silvestres são os mais frequentemente caçados com cães de caça na região, por serem espécies que permitem a perseguição via terrestre e serem alvos preferenciais de caça.

H²: Quando se usa cães como auxiliares de caça na região, a possibilidade de captura/abate das espécies alvo da caça é potencializada, quando se compara ao uso de outras estratégias de caça utilizadas. Além disso, o número de espécimes caçados (de uma mesma espécie) é maior.

Abaixo são apresentadas as referências bibliográficas referentes à introdução geral. O trabalho encontra-se redigido em forma de artigo para cada capítulo, posteriormente, as referências dos mesmos, e por último, termos e anexos contendo o questionário geral usado na pesquisa de campo.

REFERÊNCIAS

- ABINPET, Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação, 2017. Dados do mercado. Manual Pet Food Brasil 9ª edição. Acesso em 26, julho, 2019. <http://abinpet.org.br/faq/>.
- ACOSTA-JAMETT, G; CLEAVELAND, S; CUNNINGHAM, A.A; BRONSVOORT, B.M. Demography of domestic dogs in rural and urban areas of the Coquimbo region of Chile and implications for disease transmission. *Preventive Veterinary Medicine*, v. 94, p. 272–281, 2010.
- ALBERT, A; BULCROFT, K. Pets, families, and the life course. *Journal of Marriage and the Family*, v.50, p. 543-552, 1990.
- ALBERT, A; BULCROFT, K. Pets and Urban Life, *Anthrozoös*, v.1, n.1, p. 9-25, 1987. <http://dx.doi.org/10.2752/089279388787058740>.
- ALLCHIN, B. *The Stone-Tipped Arrow*. New York: Barnes and Noble, 1966.
- ALVES, R.R.N. Domestication of animals. In: Albuquerque, U.P. (Ed.), *Introduction to Ethnobiology*. Springer, Switzerland, p. 221–225, 2016.
- ALVES, R.R.N; MENDONÇA, L.E.T; CONFESSOR, M.V.A; VIEIRA, W.L.S; LOPEZ, L.C.S. Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 5, n. 12, p. 1-50, 2009. <http://dx.doi.org/10.1186/1746-4269-5-12>.
- ALVES, R.R. N; MENDONÇA, L.E.T; CONFESSOR, M.V.A; VIEIRA, W.L.S; VIEIRA, K.S; ALVES, F.N. 2010a. Caça no semiárido paraibano: uma abordagem etnozoológica. In: Alves, R.R.N; Souto, W.M.S; Mourão, J.S. (eds.), *Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas*. Recife, NUPEEA.
- ALVES, R.R.N; ROCHA, L.A. Fauna at Home: Animals as Pets. In: Alves RRN, Albuquerque UP (eds) *Ethnozology: animals in our lives*. Elsevier: Academic Press, London, v.1 p.303-321, 2018.
- ALVES, R. R. N; ROSA, I. L; SANTANA, G. G. The role of animal-derived remedies as complementary medicine in Brazil. *BioScience*, v. 57 n. 11, p. 949-955, 2007.
- ALVES, R. R. N; SOUTO, W. M. S. Panorama atual, avanços e perspectivas futuras para Etnozoologia no Brasil. In: ALVES, R. R. N; SOUTO, W. M. S; MOURÃO J. S. A *Etnozoologia no Brasil: Importância, Status atual e Perspectivas*. v. 7, 1. ed. Recife, PE, Brazil: NUPEEA, p. 41-56, 2010.

ANDERSON, W; REID, P; JENNINGS, G. L. Pet ownership and risk factors for cardiovascular disease. *Medical Journal of Australia*, v.157, p. 298–301, 1992.

ARAHORI, M; KUROSHIMA, H; HORI, Y; TAKAGI, S; CHIJIWA, H; FUJITA, K. Owners' view of their pets' emotions, intellect, and mutual relationship: Cats and dogs compared. *Behavioural Processes*, p. 316-321, 2017.

AYRES, J. M; AYRES, C. Aspectos da caça no alto Rio Aripuanã. *Acta Amazonica*, v. 9, n. 2, p. 287-298, 1979.

BARBOSA, J.A.A; NOBREGA, V.A; ALVES, R.R.N. Hunting practices in the semiarid region of Brazil. *Indian Journal of Traditional Knowledge*, v.10, n.3, p.486-490, 2011.

BARBOZA, R.R D; MOURÃO, J.S; SOUTO, W.M.S; ALVES, R.R.N. Knowledge and Strategies of Armadillo (*Dasyus novemcinctus* L. 1758 and *Euphractus sexcinctus* L. 1758) Hunters in the Sertão Paraibano, Paraíba State, Ne Brazil. *Bioremediation, Biodiversity & Bioavailability*, v.5, p.53-59, 2011.

BARBOZA, R.R.D; LOPES, S.F; SOUTO, W.M.S; FERREIRA-FERNANDES, H; ALVES, R.R.N. The role of game mammals as bushmeat In the Caatinga, northeast Brazil. *Ecology and Society* v.2, p.2-21, 2016. <http://dx.doi.org/10.5751/ES-08358210202>.

BECK, A.M; LORING, H; LOCKWOOD, R. The Ecology of Dog Bite Injury in St. Louis, Mo. *Public Health Rep.* v.90, p.262-267, 1975.

BEETZ, A; KOTRSCHAL; TURNER, D. C; HEDIGER, K; UVNÄS-MOBERG, K; JULIUS, H. The Effect of a Real Dog, Toy Dog and Friendly Person on Insecurely Attached Children During a Stressful Task: An Exploratory Study, *Anthrozoös*, v. 24, ISSUE 4, P. 349–368, 2011.

BIZRI, H.R; ARAÚJO, L.W.S; ARAÚJO, W.S; MELO, L.M; VALSECCHI, J. Captura de pacas (*Cuniculus paca*) na Amazônia: uma comparação entre métodos científicos e uma técnica tradicional de caça. Livro de Resumos, Simpósio sobre Conservação e Manejo Participativo na Amazônia (11.: 2014: Tefé, AM), 2014.

BONAUDO, T; LE PENDU, Y; ALBUQUERQUE, N. Caça de animais silvestres na Rodovia Transamazônica. In: Simpósio Internacional da Iufro, manejo integrado de florestas úmidas neotropicais por indústrias e comunidades: aplicando resultados de pesquisa, envolvendo atores e definindo políticas públicas, Belém, 2002. atas.... belém: cifor; embrapa Amazônia Oriental, p. 338-343, 2002.

BONAUDO, T; LE PENDU, Y; FAURE, J.F; QUANZ, D. The effects of deforestation on wildlife along the transamazon highway. *European Journal of Wild life Research* v.51, n.3, p.199-206, 2005.

BULMER, R. The strategies of hunting in New Guinea, v. 38, ed. 4, 1968.

BUTLER, J.R.A; DU TOIT, J.T; BINGHAM, J. Free-ranging domestic dogs (*Canis familiaris*) as predators and prey in rural Zimbabwe: threats of competition and disease to large wild carnivores. *Biol. Conserv.* v. 115, p. 369–378, 2004.

CAMPOS, C.B; ESTEVES, C.F; FERRAZ, K.M.P.M.B; P.G; CRAWSHAW, JR. P.G; VERDADE, L.M. Diet of free-ranging cats and dogs in a suburban and rural environment, south-eastern Brazil. *Journal of Zoology*,v. 273, p.14-20, 2007.

CLUTTON-BROCK, J. Origins of the dog: Domestication and early history. In: Serpell, J. (Org.). *The domestic dog: Its evolution, behaviour, and interactions with people*. Cambridge: Cambridge University Press. Cap. 2, p.7-20, 1995.

COMMINGS, K. Drawing the line: How far do you go to extend the life of a cherished companion? *Animal Watch Spring*, p. 22–27, 2003.

CONSTANTINO, P.A.L. Subsistence Hunting with Mixed-Breed Dogs Reduces Hunting Pressure on Sensitive Amazonian Game Species in Protected Areas. *Environmental Conservation*, p.1-7, 2018. <http://dx.doi.org/10.1017/S0376892918000322>.

COPPINGER, R; SCHNEIDER, R. Evolution of working dogs. In: Serpell, J. (Eds) *The Domestic Dog. Its Evolution, Behaviour, and Interactions with People*. Cambridge University Press, Cambridge, UK. p. 21–47, 1995.

COURTNAY, O; QUINNEL, R.J; CHALMERS, W.S.K. Contact rates between wild and domestic canids: no evidence of parvovirus or canine distemper virus in crab-eating foxes. *Vet. Microbiol.* v. 81, n.1, p.9-19, 2001.

DOHERTY, T.S; DICKMAN, C.R; GLEN, A.S; NEWSOME, T.M; NIMMO, D.G; RITCHIE, E.G; VANAK, A.T; WIRSING, A.J. The global impacts of domestic dogs on threatened vertebrates. *Biological Conservation*, v. 210, p.56-59, 2017.

DOHERTY, T.S; GLEN, A.S; NIMMO, D.G; RITCHIE, E.G; DICKMAN, C.R. Invasive predators and global biodiversity loss. *PNAS*, v.113, p.1-5, 2016. <https://doi.org/10.1073/pnas.1602480113>.

DOTSON, M.J; HYATT, E.M. Understanding dog–human companionship. *Journal of Business Research*, v.61, p.457-466, 2008. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jbusres.2007.07.019>.

DRISCOLL, C.A; MACDONALD, D. W. Top dogs: wolf domestication and wealth. *Journal of Biology*, v. 9, 2010. <https://doi.org/10.1186/jbiol226>.

FELDMANN, B. M. The Problem of Urban Dogs (Editorial). *Science* 185:903, 1974.

FEKADU, M. Canine rabies. *Onderstepoort Journal of Veterinary Research*, v. 60, p. 421-427, 1993.

FERNANDES-FERREIRA, H. 2014. A caça no Brasil: Panorama histórico e atual João Pessoa – PB. 466p. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Paraíba.

FERNANDES-FERREIRA, H; ALVES, R.R.N. The researches on the hunting in Brazil: a brief overview. *Ethnobiology and Conservation*, v. 6, p.1-6, 2017.

FITZGIBBON, C.D; MOGAKA, H; FANSHAW, J.H. Subsistence hunting in ArabukoSokoke, Kenya, and its effects on mammal populations. *Conservation Biology*, v.9, p. 1116-1126, 1995.

FRIEDMANN, E; KATCHER, A.H; LYNCH, J.J; THOMAS, S.A. Animal companions and one year survival of patients after discharge from a coronary care unit. *Public Health Reports*, v.95, p.307-312, 1980.

FRIEDMANN, E; THOMAS, S.A. Posse de animais, apoio social e sobrevivência em um ano após infarto agudo do miocárdio no Julgamento de Supressão de Arritmia Cardíaca (CAST). *The American Journal of Cardiology*, v. 76, p. 1213-1217, 1995.

GALETTI, M; SAZIMA, I. Impacto de cães ferais em um fragmento urbano de Floresta Atlântica no sudeste do Brasil. *Natureza & Conservação*, v.4, n.1, p. 58-63, 2006.

GARRITY, T.F; STALLONES, L; MARX, M.B; JOHNSON, T.P. Pet ownership and attachment as supportive factors in the health of the elderly. *Anthrozoos*, v.3, p.35–44, 1989.

HANAZAKI, N; ALVES, R.R.N; BEGOSSI, A. Hunting and use of terrestrial fauna used by Caicarás from the Atlantic Forest coast (Brazil). *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v.5, n. 1, p. 1-36, 2009.

HART, L. A; HART, B.L; BERGIN, B.L. Socializing effects of service dogs for people with Disabilities. *Anthrozoos*, v.1, n.1, p.41-44, 2016. <http://dx.doi.org/10.2752/089279388787058696>

HOROWITZ C. 1992. Plano de Manejo do Parque Nacional de Brasília: avaliação da Metodologia de Planejamento adotada, Execução e Resultados Alcançados no decênio 79/89. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

HUGHES, J; MACDONALD, D.W. A review of the interactions between free-roaming domestic dogs and wildlife. *Biol. Conserv.* v.157, p. 341-351, 2013. <http://dx.doi.org/10.1016/j.biocon.2012.07.005>.

IKEYA, K. Hunting with dogs among the San in the central Kalahari. *African Study Monographs*, v. 15, p. 119-134, 1994.

JONES, R. Tasmanian Aborigines and dogs. *Mankind*, v.7, p. 256-271, 1970.

KOSTER, J.M. Hunting with dogs in Nicaragua: An optimal foraging approach. *Current Anthropology*, v.49, p.935, 2008a.

KOSTER, J; NOSS, A. Hunting dogs and the extraction of wildlife as a resource. In: *Free Ranging Dogs and Wildlife Conservation*, ed. MEGomper. Oxford, UK: Oxford University Press, p. 265–285, 2014.

KUMAR, A; PALIWAL, R. Feral dogs of Spiti Valley, Himachal Pradesh: An emerging threat for wildlife and human life. *Current Science*, v.108, p.1799-1800, 2015.

LOSEY, R.J; GARVIE-LOK, S; LEONARD, J.A; KATZENBERG, M.A; GERMONPRÉ, M; NOMOKONOVA, T; SABLIN, M.V; GORIUNOVA, O.I; BERDNIKOVA, N.E; SAVEL'EV, N.A. Burying dogs in ancient Cis-Baikal, Siberia: temporal trends and relationships with human diet and subsistence practices. *PLoS One* v. 8, p.1-23, 2013.

LOWRY, D. A; MCARTHUR, K.L. Domestic dogs as predators on deer. *Wildlife Society Bulletin*, 1978.

MARINHO-FILHO, J.S; RODRIGUES, F.H.G; GUIMARÃES, M.M. Mamíferos da Estação Ecológica de Águas Emendadas, p.34-63, 1998. In: Marinho-Filho, J.S; Rodrigues, F.H.G; Guimarães, M.M. (Eds) *Vertebrados da Estação Ecológica de Águas Emendadas*. SEMATEC/IEMA, Brasília, Brasil.

MARQUES, J. G. W. O olhar (des) multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. In: AMOROZO, M. C. M; MINGG, L. C; SILVA, S. M. P. *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*. 1.ed. p. 31-46, 2002.

MARTINS, E. 1993. A caça de subsistência de extrativistas na Amazônia: sustentabilidade, biodiversidade e extinção de espécies. Dissertação (Mestrado em Ecologia), Universidade de Brasília, Brasília, DF.

NIELSON, A.C. Fighting like cats and dogs for share of the pet supply category, 2002.

OLIVEIRA, V.B; LINARES, A.M; CORRÊA, G.L.C; CHIARELLO, A.G. Predation on the black capuchin monkey *Cebus nigritus* (Primates: Cebidae) by domestic dogs *Canis lupus familiaris* (Carnivora: Canidae), in the Parque Estadual Serra do Brigadeiro, Minas Gerais, Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia*, v.25, n.2, p.376-378, 2008.

REDFORD, K.H; E ROBINSON, J.G. The game of choice: patterns of Indian and colonist hunting in the Neotropics. *Research Reports, American Anthropologist*, v. 89, p. 650-667, 1987.

RODRIGUES, F.H.G. 2002. Ecologia do lobo guará na Estação Ecológica de Águas Emendadas, DF. Dissertação de Doutorado em Ecologia, Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.

SAVOLAINEN, P;ZHANG Y;LUO, J; LUNDEBERG, J; LEITNER, T. Genetic evidence for an East Asian origin of domestic dogs. *Science*, v. 298, p.1610-1613, 2002.

SILVA, E.S; ROSCO, E.H; ARRUDA, L.Q; GONTIJO, C.M.F; PAHECO, R.S; BRAZIL, R.P. Leishmaniose visceral canina: estudo clínico-epidemiológico e diagnóstico. *Canine visceral leishmaniasis: clinical epidemiological study and diagnosis. Revista Brasileira de Medicina Veterinária*, v. 23, n. 3, p. 111-116, 2001.

SOUZA, J. B. 2013. Aspectos Sócio-Culturais e Ecológicos das Atividades Cinegéticas no Município do Conde, Paraíba: uma abordagem etnozoológica. João Pessoa – PB. 99p. Dissertação de Mestrado – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal da Paraíba.

SOUZA, J.B; ALVES, R.R.N. Hunting and wildlife use in an Atlantic Forest remnant of northeastern Brazil. *Tropical Conservation Science*, v.7, p.145-160, 2014.

TENAZA, R; TILSON, R.L. Human predation and Kloss's Gibbon (*Hylobates klossii*) sleeping trees in Siberut Island, Indonesia. *American Journal of Primatology*, v.8, p. 299-308, 1985.

TRINCA, C.T. Caça em assentamento rural no Sul da Floresta Amazônica. Universidade Federal do Pará, Belém, p. 53, 2004.

TRINCA, C.T; FERRARI, S. F. Caça em assentamento rural na Amazônia matogrossense. In: Jacobi, P; Ferreira, L. C. (Ed.). *Diálogos em ambiente e sociedade no Brasil*. 1. ed. Indaiatuba: ANPPAS, p. 155-167, 2006.

VANAK, A.T; GOMPPER, M.E. Dogs *Canis familiaris* as carnivores: their role and function in intraguild competition. *Mammal Rev.*v.39, p.265–283, 2009a.

VANAK, A.T; GOMPPER, M.E. Interference competition at the landscape level: the effect of free-ranging dogs on a native mesocarnivore. *Journal of Applied Ecology*, v.47, p.1225–1232, 2010.

WELLS, D.L. The facilitation of social interactions by domestic dogs, *Anthrozoös*, v. 17, n.4, p. 340-352, 2004. <http://dx.doi.org/10.2752/089279304785643203>.

WIERZBOWSKA, I.A; HĘDRZAK, M; POPCZYK, B; OKARMA, H; CROOKS, K.R. Predation of wildlife by free-ranging domestic dogs in Polish hunting grounds and potential competition with the grey wolf. *Biol. Conserv.* v. 201, p. 1-9, 2016. <http://dx.doi.org/10.1016/j.biocon.2016.06.016>.

WHITE, I.M. Hunting dogs at Yalata. *Mankind*, v. 8, p. 201-205, 1972.

WHITEMAN, C; MATUSHIMA, E; CAVALCANTI CONFALONIERI, U; PALHA, M. SILVA, A; MONTEIRO, V. Human and domestic animal populations as a potential threat to wild carnivore conservation in a fragmented landscape from the Eastern Brazilian Amazon. *Biological Conservation*, v.138, p. 290–296, 2007.

WHO/WSPA. Guidelines for dog population management. <http://www.who.int/rabies/animal/en/vph8343rev1.pdf> (VPH/83.43-123), 1990.

CAPÍTULO I

INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES EM UMA REGIÃO SEMIÁRIDA DO NORDESTE BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM ETNOZOOLOGICA

Sebastiana Lima Santos¹, Rômulo Romeu Nóbrega Alves²

¹Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação, Departamento de Biologia, Universidade Estadual da Paraíba, Avenida das Baraúnas, 351, Campus Universitário, Bodocongó, 58109-753, Campina Grande, PB, Brasil. Email: tianalima09@gmail.com

²Departamento de Biologia, Universidade Estadual da Paraíba, Avenida das Baraúnas, 351, Campus Universitário, Bodocongó, 58109-753, Campina Grande, PB, Brasil. Email: romulo_nobrega@yahoo.com.br

Resumo

O cão (*Canis familiaris*) foi o primeiro animal a ser domesticado, interagindo com pessoas há bastante tempo, inicialmente auxiliando na proteção e em atividades de caça dos seres humanos. Os papéis dos cães foram se modificando ao longo da história, atualmente possuem as mais diversas utilidades em diversas partes do mundo. No presente estudo, através de uma abordagem etnozoológica, investigamos as interações entre pessoas e seus cães, bem como, os fatores que influenciam essas interações, em uma localidade da região semiárida brasileira, que a exemplo de outras, é comum o hábito de manter cães em suas residências. Foram utilizados questionários semiestruturados e conversas livres informais contendo perguntas referentes às interações das pessoas com seus cães. Nossos resultados revelaram que 60% dos entrevistados mantêm em suas residências um cão, a maioria dos informantes declarou preferir criar cães machos (n=129). Cães de raça são criados predominantemente como companhia e cães sem raça definida como sentinelas. Foi constatado que proprietários de cães com renda mais baixa optam por criar vira-latas, e ainda que o principal fator que direciona essa escolha é a sua utilidade para proteção de casa e caça, enquanto no meio urbano por estimação. Os cães são animais populares tanto em área rural quanto urbana, sendo observada uma relação positiva entre o local de moradia do criador (urbana ou rural) e as motivações para manter um cão em suas residências. Fazem-se necessárias campanhas gratuitas de esterilização e informações sobre o animal, ressaltando a posse responsável dos proprietários a fim de atenuar problemas ocasionados pelos cães.

Palavras-chave: Pessoas e cães, utilidades dos cães, área rural e urbana.

Abstract

The dog (*Canis familiaris*) was the first animal to be domesticated, interacting with people for a long time, initially assisting in the protection and hunting activities of humans. The roles of dogs have been changing throughout history, currently they have the most diverse uses in different parts of the world. In the present study, through an ethno-zoological approach, we investigated the interactions between people and their dogs, as well as the factors that influence these interactions, in a location in the Brazilian semi-arid region, which, like others, the habit of keeping dogs is common in their homes. Semi-structured questionnaires and informal free conversations were used containing questions regarding people's interactions with their dogs. Our results revealed that 60% of the interviewees keep a dog in their homes, the majority of the informants stated that they prefer to raise male dogs (n = 129). Breed dogs

are bred predominantly as companions and mixed breed dogs as sentinels. It was found that owners of dogs with lower income choose to create mutts, and even though the main factor that directs this choice is its usefulness for home and hunting protection, while in the urban environment by pet. Dogs are popular animals in both rural and urban areas, with a positive relationship between the breeder's place of residence (urban or rural) and the motivations for keeping a dog in their homes. Free sterilization campaigns and information about the animal are necessary, emphasizing the responsible ownership of the owners in order to mitigate problems caused by dogs.

Keywords: People and dogs, dog utilities, rural and urban area.

Introdução

Da longa história de coexistência entre humanos e outros animais, emerge uma ampla gama de interações de grande relevância para as sociedades humanas (Baenninger, 1995, Morey, 2010). Com a domesticação animal, algumas espécies passaram a ter relações ainda mais próximas com humanos. Entre essas, o cão *Canis familiaris* (Linnaeus, 1758), certamente é uma das espécies de maior destaque, considerando a diversidade de relações etnozoológicas que historicamente tem se estabelecido entre humanos e cães, as quais se revestem de grande importância cultural, socioeconômica e ambiental (Miklósi, 2007, Clutton-Brock, 2008, Morey, 2010).

Considerado o primeiro animal domesticado por humanos, inicialmente os cães se mostravam úteis como guardas e no auxílio aos humanos durante suas atividades de caça e coleta (Muller, 2002), uma prática que persiste até os dias atuais (Koster, 2008a). Ao longo da história, as razões para manter um cão se diversificaram, uma vez que estes passaram a ser usados como “armas de guerra”, em atividades policiais, cães-guia para deficientes, como animais de tração, puxando trenós, em terapia assistida com animais em hospitais, para testar medicamentos, em competições esportivas e até mesmo servindo como fonte de proteína (Bernard e Demaret, 1996, Hamama et al., 2011, Dietz et al., 2012, Hultsman, 2012, Farrel et al., 2015, Yamamoto et al., 2015, Alves e Policarpo, Mims e Waddell, 2016, 2018, Alves, 2018, Alves e Barboza, 2018). A partir dessas razões, seres humanos foram selecionando cães de acordo com as qualidades que lhe interessam, criando raças e padronizando-as. Indivíduos de uma raça compartilham determinadas características fenotípicas e comportamentais (Budiansky, 2000). A Fédération Cynologique Internationale (FCI), é uma organização mundial (um membro por país) canina que emitem pedigrees, no qual, estabelecem e descrevem padrões de raças (FCI, For Pedigree dogs worldwide, FCI). Cães sem raça definida são chamados usualmente de vira-latas.

Atualmente, os cães passaram a ser mantidos por razões de status, estética e companheirismo, e muitas vezes passaram a ser considerados “membros da família” (Albert e

Bulcroft, 1990, Cain, 1985, Albert e Bulcroft, 1987, Cohen, 2002, Alves e Rocha, 2018). Portanto, essa relação mais próxima com os humanos é acompanhada de cuidados especiais, sendo comum cães como pets vivendo dentro de casas, compartilhando cômodos com as famílias e utilizando serviços especializados e requintados, que muitas vezes envolvem investimentos financeiros expressivos, impulsionando um amplo mercado de produtos comercializados em pet shops, supermercados e clínicas veterinárias. Para se ter uma ideia do potencial desse mercado, dados recentes compilados em 2018, pelo Instituto Pet Brasil, indicam que no Brasil há 54,2 milhões de cães de estimação (VET FOOD, cães & gatos, 2018). O Brasil, em 2018, já era considerado o segundo maior país do mundo em população de cães, gatos e aves e o quarto maior em população total de animais de estimação (ABINPET, 2018).

Não surpreendentemente os cães são animais frequentemente presentes em agregados familiares em várias partes do mundo (Ortega-Pacheco et al., 2007, Acosta Jamett, et al., 2010, Flint et al., 2010, Fielding et al., 2012, Bekova & Makenov, 2018, Schafer & Farnworthb, 2019), com uma diversidade de motivos que levam a manterem em suas residências, prática influenciada pelo local de moradia, renda e outros parâmetros socioeconômicos das pessoas que criam esses animais (Frant et al., 1980, Enderburg et al., 1990, Westgarth et al., 2007, Slater et al., 2008, Knobel et al., 2008, Flint et al., 2010). Tais fatores influenciam no tratamento recebido dos cães. Além disso, o local de habitação (rural e urbano) é uma variável demográfica que pode influenciar nas motivações de manter cães no agregado familiar (Ortega-Pacheco, et al., 2007). De acordo com Enderburg et al. (1990), uma renda elevada dos proprietários está associada a posse de animais de estimação.

No semiárido Brasileiro, a exemplo de outras regiões do país, cães são frequentemente usados como auxiliares de caça e sentinelas em áreas rurais, bem como são comumente utilizados como animais de estimação por pessoas que residem na região. Nesse estudo investigamos as relações entre pessoas e cães, suas implicações, como também, a influência dos fatores socioeconômicos nas interações dos proprietários com seus cães. Através de uma abordagem etnozoológica, testamos as seguintes hipóteses: a) a maioria dos cães da área rural é criada para uso em caçadas e como sentinelas e na área urbana, são criados como animais de companhia, b) Parâmetros socioeconômicos dos criadores de cães influenciam na disposição de manter esses animais e na escolha da raça do cão.

Metodologia

Área de estudo

O estudo foi realizado no Município de Taperoá situado na região central do estado da Paraíba, mesorregião da Borborema e microrregião do Cariri Ocidental brasileiro (**figura 01**), distante 250 km de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba do Brasil (IBGE, 2010). Sua área de unidade territorial é de 628, 409 km², com uma população estimada de 15. 376 habitantes, sendo aproximadamente 9.239 na zona urbana e 6.137 na zona rural (IBGE, 2019). Apesar da maior parte da população ser alfabetizada (65%), o município tem um índice de pobreza de 63,35% (IBGE, 2012).

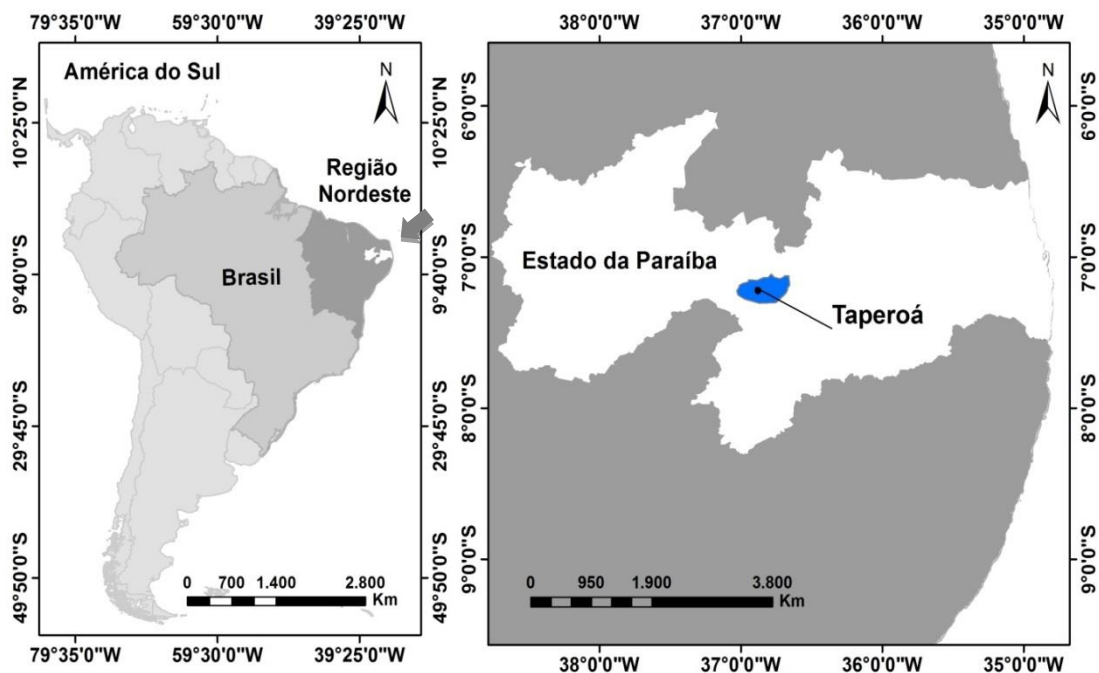


Figura 01- Localização do município de Taperoá, Estado da Paraíba, Brasil. (Foto: Sebastiana Lima dos Santos, 2019).

O principal rio do município é o Taperoá, de regime intermitente, a qual nasce em Teixeira e desemboca no rio Paraíba, no açude Presidente Epitácio Pessoa. A sede municipal situa-se a uma altitude de 532 metros nas coordenadas de “36° 49’ 36” W de longitude e “07° 12’ 27” S de latitude (IBGE, 2010). De acordo com a classificação de Koeppen (1948), predomina o clima do tipo BSw_h: semiárido quente. A precipitação média anual é de 505, 6 mm com uma amplitude de variação entre 500 mm a 750 mm por ano (AESA, 2007). Nesta região, observa-se que a maior concentração do total precipitado em um período aproximado de dois a quatro meses (janeiro a abril), correspondendo a 65 % da pluviosidade anual. Quanto à temperatura, a média anual é de 24 °C, com um máximo em novembro/dezembro

(28 °C) e um mínimo em julho/ agosto (21 °C) (Souza et al., 2004). As áreas desmatadas e utilizadas para agricultura são, em geral, ocupadas por cultivos do gênero *Opuntia* (palmas forrageiras), *Zea mays* (milho) e *Vigna unguiculata* (feijão). A pedologia é mais variada, englobando vários tipos de solo, todos pouco espessos, cascalhentos e pedregosos (Souza et al., 2004).

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada de outubro de 2018 a maio de 2019. Em todos os meses, foram realizadas visitas mensais às comunidades pesquisadas. As informações sobre as interações das pessoas com seus cães foram obtidas por meio de questionários semiestruturados (Bernard, 1994), complementados por entrevistas livres, conversas informais (Huntington, 2000, Mello 2003, Albuquerque et al., 2010) e foi feita observação direta nas residências durante as entrevistas. O questionário foi aplicado aos moradores da região (área urbana e rural) que criavam cães, perguntando-se em cada residência se possuía cães, sendo esse o critério necessário para prosseguir a entrevista. Foram feitas perguntas referentes às interações com cães, incluindo perguntas gerais sobre o animal (raça, sexo, idade, quantos cães, se tem despesas mensais com os cães), se todos concordam com a criação do cão, como ocorreu a obtenção do animal (presente, compra, troca), se já reproduziu (se sim, quantos filhotes), por qual motivo cria o cão (função, custos ou outros), se exerce função de pastoreio, (se sim, para quais animais), comportamento (se possui agressividade ou não), papel do animal na residência (caça, proteção, companhia, pastoreio), e ainda questionamentos englobando aspectos socioeconômicos dos criadores de cães (incluindo idade, sexo, escolaridade, renda familiar e profissão).

Para a área urbana foram selecionados três bairros, sendo priorizados os que apresentavam maior número de residências e para área rural foram selecionados sítios aleatoriamente. Apenas um membro da família foi entrevistado em cada residência, dando preferência ao “criador (a)” do animal. Foi visitado um total de 199 residências onde cães eram mantidos, sendo 93 (47%) da área rural e 106 (53%) da área urbana. A caracterização dos parâmetros socioeconômicos dos criadores de cães é apresentada na **tabela 01**.

Tabela 01- Perfil socioeconômico dos entrevistados (n=199), município de Taperoá, PB, Brasil.

| Parâmetros | Total | % | Rural | % | Urbana | % |
|-----------------------------------|--------------|----------|--------------|----------|---------------|----------|
| Gênero | | | | | | |
| Mulheres | 115 | 58 | 52 | 45 | 63 | 55 |
| Homens | 84 | 42 | 40 | 48 | 44 | 52 |
| Categoria de idade | | | | | | |
| 20 ou menos | 8 | 4 | 3 | 38 | 5 | 62 |
| 21-30 | 22 | 11 | 12 | 55 | 10 | 45 |
| 31-40 | 41 | 21 | 19 | 46 | 22 | 54 |
| 41-50 | 44 | 22 | 24 | 55 | 20 | 45 |
| 51-60 | 45 | 23 | 22 | 49 | 23 | 51 |
| 61-70 | 14 | 7 | 12 | 86 | 2 | 14 |
| 71-80 | 20 | 10 | 9 | 45 | 11 | 55 |
| 81 ou mais | 5 | 2 | 1 | 20 | 4 | 80 |
| Renda mensal por lar (R\$) | | | | | | |
| Não declararam | 2 | 1 | 1 | 50 | 1 | 50 |
| Até 500 | 59 | 30 | 42 | 71 | 17 | 29 |
| 501,00 a 1.000,00 | 75 | 38 | 27 | 36 | 48 | 64 |
| 1.001,00 a 1.500,00 | 17 | 9 | 2 | 12 | 15 | 88 |
| 1.501,00 a 2.000,00 | 29 | 15 | 15 | 52 | 14 | 48 |
| 2.001,00 a 2.500,00 | 9 | 4 | 4 | 44 | 5 | 56 |
| 2.501,00 a 3.000,00 | 5 | 2 | 1 | 20 | 4 | 80 |
| Acima de 3.500,00 | 3 | 1 | - | - | 3 | 100 |
| Nível de escolaridade | | | | | | |
| Analfabeto | 25 | 13 | 15 | 60 | 10 | 40 |
| Apenas escreve o nome | 23 | 11 | 14 | 61 | 9 | 39 |
| Ensino fundamental I incompleto | 59 | 30 | 31 | 53 | 28 | 47 |
| Ensino fundamental II incompleto | 39 | 20 | 18 | 46 | 21 | 54 |
| Ensino Médio incompleto | 12 | 6 | 5 | 42 | 7 | 58 |
| Ensino Médio completo | 30 | 15 | 22 | 73 | 8 | 27 |
| Ensino superior completo | 9 | 4 | - | - | 9 | 100 |
| Ensino superior incompleto | 2 | 1 | 1 | 50 | 1 | 50 |
| Profissão | | | | | | |
| Agricultor (a) | 120 | 60 | 85 | 71 | 35 | 29 |
| Dona do lar | 23 | 12 | - | - | 23 | 100 |
| Autônomo | 10 | 5 | - | - | 10 | 100 |
| Estudante | 8 | 4 | 2 | 25 | 6 | 75 |
| Pedreiro | 6 | 3 | 2 | 33 | 4 | 66 |
| Professor (a) | 6 | 3 | - | - | 6 | 100 |
| Porteiro | 4 | 2 | - | - | 4 | 100 |
| Técnico de enfermagem (a) | 3 | 1,5 | - | - | 3 | 100 |
| Auxiliar de serviços gerais | 3 | 1,5 | - | - | 3 | 100 |
| Confeiteiro | 3 | 1,5 | 2 | 66 | 1 | 33 |
| Enfermeiro (a) | 2 | 1 | - | - | 2 | 100 |
| Microempreendedor | 2 | 1 | - | - | 2 | 100 |
| Agente escolar | 1 | 0,5 | - | - | 1 | 100 |
| Barbeiro | 1 | 0,5 | - | - | 1 | 100 |
| Catador de materiais recicláveis | 1 | 0,5 | - | - | 1 | 100 |
| Diretor de penitenciária | 1 | 0,5 | - | - | 1 | 100 |
| Doméstica | 1 | 0,5 | - | - | 1 | 100 |

| | | | | | | |
|----------------------------|---|-----|---|---|---|-----|
| Mecânico | 1 | 0,5 | - | - | 1 | 100 |
| Motorista | 1 | 0,5 | - | - | 1 | 100 |
| Técnico de eletrônico | 1 | 0,5 | - | - | 1 | 100 |
| Técnico químico industrial | 1 | 0,5 | - | - | 1 | 100 |

Aspectos éticos

Foram entregues aos participantes maiores de idade e para pais ou responsáveis de menores de idade o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para participantes menores de idade foi entregue o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), no qual, para cada termo foi elaborado duas vias, sendo uma retida pelo pesquisador responsável e outra concedida ao entrevistado. A pesquisa foi aprovada pelo o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) (protocolo CAAE: 95966718.8.0000.5175 nº do parecer - 2.922.760).

Análises dos dados

Foram analisados dados socioeconômicos (local de moradia, gênero, níveis de escolaridade e renda) em relação à escolha da raça do cão e na permanência em mantê-lo nas residências. Previamente, atendendo aos pressupostos estatísticos, foi testada a normalidade dos dados através do teste de Shapiro Wilk e a homogeneidade por meio do teste de Bartlett's (Crawley, 2013). Foram realizadas tabelas de contingência para a determinação da frequência entre os fatores analisados e posteriormente utilizado o teste Qui-quadrado de Pearson, com significância de 0,05, para dados não paramétricos. Todas as análises foram feitas no software estatístico R Studio 3.5.0.

Resultados

Do animal, obtenção, comportamento, interações e utilidades

A maioria dos entrevistados (n=119; 60%) mantém em seus domicílios um cão, sendo a maioria dos cães machos (n=129; 65%). Quando perguntados se os respondentes preferiam criar cães machos ou fêmeas, a maioria declarou preferir criar machos (n=129; 65%). Os informantes relataram que as fêmeas procriam, aumentando rapidamente o número de cães no lar, e por isso a rejeição (em nosso estudo as fêmeas quase em sua totalidade não eram castradas) (**tabela 02**).

Quando questionados se as fêmeas já reproduziram durante a criação, um total de 35 entrevistados informou que suas fêmeas já procriaram, concebendo de três ou mais filhotes por gestação, conforme discurso da maior parte destes respondentes (n=24). Quando

perguntados o que fez com esses filhotes, as respostas foram as seguintes: doou (n=12), ficou com os filhotes (n=7), vendeu (n=7), ficou e doou (n=4), trocou (n=5). Alguns respondentes informaram que após o nascimento muitos filhotes adoeciam e não sobreviviam, mas não sabiam de qual doença.

Tabela 02- Aspectos etnozoológicos dos cães do município de Taperoá, PB, Brasil (n=199 criadores) e número de citações por área (rural e urbana).

| Do animal | Nº de citações total | % | Rural | % | Urbana | % |
|-----------------------------------|----------------------|-----|-------|-----|--------|----|
| Número de cães/residência | | | | | | |
| 1 | 119 | 60 | 46 | 39 | 3 | 61 |
| 2 | 49 | 25 | 30 | 61 | 19 | 39 |
| 3 | 21 | 10 | 11 | 52 | 10 | 48 |
| 4 | 3 | 1,5 | 1 | 33 | 2 | 67 |
| 5 | 4 | 2 | 3 | 75 | 1 | 25 |
| 6 | 2 | 1 | 1 | 50 | 1 | 50 |
| 18 | 1 | 0,5 | 1 | 100 | - | - |
| Sexo do animal | | | | | | |
| Macho | 129 | 65 | 66 | 51 | 63 | 49 |
| Fêmea | 37 | 19 | 10 | 27 | 27 | 73 |
| Macho e fêmea (mais de um animal) | 33 | 16 | 17 | 52 | 16 | 48 |
| Preferência do sexo citada | | | | | | |
| Macho | 129 | 65 | 73 | 57 | 56 | 43 |
| Fêmea | 29 | 15 | 12 | 41 | 17 | 59 |
| Não tem preferência | 41 | 20 | 8 | 20 | 33 | 80 |

A idade do animal mantido nas residências variou de um mês até mais de 14 anos de vida. Com relação ao tempo que criam os cães, os proprietários relataram manter cães em suas residências há muito tempo, alguns criadores disseram criar cães há mais de 25 anos, quando ainda eram crianças e residiam com seus pais e continuaram a criar nas suas residências. A maior parte dos cães foi obtido pelos donos quando ainda eram filhotes (n=151; 76%), tanto em área rural (n= 66; 44%) quanto urbana (n= 85; 56%) (**tabela 03**). A maioria dos cães mantidos nas residências foi trazida por cônjuges (n=96; 48%), (rural=55; 57% e urbana=41; 43%), seguida por parentes de primeiro grau (filho, pai, mãe) (n=80; 40%, rural=33; 41% e urbana=47; 59%).

A obtenção dos animais ocorreu de diferentes formas, especialmente por meio de doações em forma de presente (n=135; 63%), tanto em áreas rurais (n=60; 44%) quanto urbana (n=75; 56%). Alguns informantes (n=16) mantêm mais de um cão por domicílio, e por isso, apresentaram mais de uma forma de obtenção. Um total de 45 entrevistados informou adquirir o cão através de compra, com preço predominante variando de 10,00 R\$ a 100,00 R\$ reais, (rural=16 e urbano=3). Contudo, preços mais elevados foram informados por

respondentes da área urbana (**figura 02**). Esses cães que foram adquiridos com custos mais elevados, geralmente eram de raça.

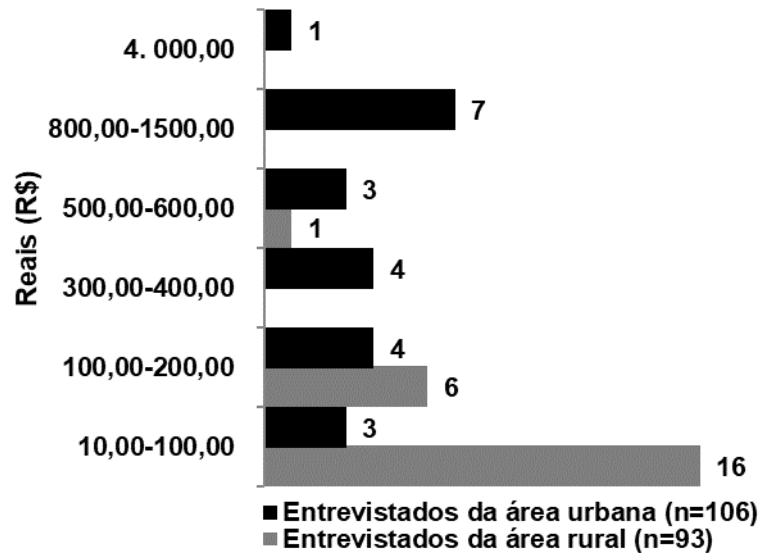


Figura 02- Preços de compra dos cães, município de Taperoá, PB, Brasil.

Um total de 50 entrevistados (rural=9 e urbano=41) informou despesas mensais com o cão, com custos predominantes de 10,00 R\$ a 100,00 R\$ reais, (urbano=18 e rural=6), todavia, despesas mais elevadas foram registradas para a área urbana (**figura 03**). Essas despesas eram com cães criados com utilidade de estimação (n=38), cães de caça (n=10) e cães com funções de pastoreio (n=2). Habitualmente, as despesas ocorriam através das alimentações (ração, carne e derivados), serviços ou tratamentos em clínicas veterinárias e serviços em pet shop.

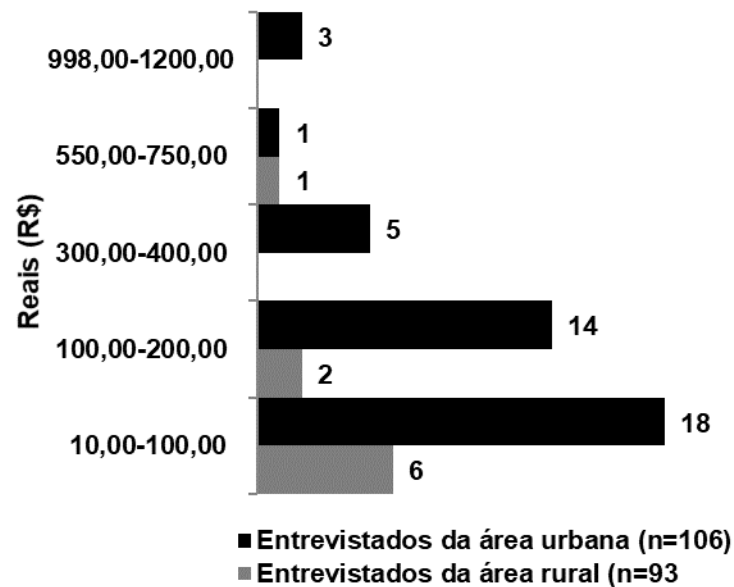


Figura 03- Gastos mensais com cães pelos donos, município de Taperoá, PB, Brasil.

Tabela 03- Aspectos associados à obtenção dos cães do município de Taperoá, PB, Brasil (n=199 entrevistados).

| Obtenção do animal | Nº de citações total | % | Rural | % | Urbana | % |
|-------------------------------------|----------------------|----|-------|-----|--------|----|
| Filhote ou adulto | | | | | | |
| Filhote | 151 | 76 | 66 | 44 | 85 | 56 |
| Adulto | 34 | 17 | 16 | 47 | 18 | 53 |
| Filhote e Adulto | 14 | 7 | 11 | 79 | 3 | 21 |
| Formas de obtenção (n=215) | | | | | | |
| Presente | 135 | 63 | 60 | 44 | 75 | 56 |
| Compra | 48 | 22 | 23 | 48 | 25 | 52 |
| Resgate de rua | 18 | 8 | 6 | 33 | 12 | 67 |
| Troca por galinhas ou outros cães | 10 | 5 | 10 | 100 | - | - |
| Captura de cães selvagens na “mata” | 4 | 2 | 4 | 100 | - | - |

As raças dos cães registradas foram as seguintes: Pastor Alemão, Border Collie, Dachshund, Labrador, Poodle, Pinscher, Setter Irlandês, Cocker Spaniel, American Bully, Perdigueiro, Pitbull, Akita Japones, Fox Paulista e Shitszu (**figura 04**). A grande maioria dessas raças foi registrada na área urbana, e somente sete raças foram registradas na área rural (Border Collie, Poodle, Labrador, Pinscher, Dachshund, Pastor Alemão e Perdigueiro).



Figura 04- Exemplos de algumas raças de cães registradas nas residências dos seus criadores (área urbana), município de Taperoá, PB, Brasil. **A:** Poodle, **B:** Pitbull e Pinscher, **C:** Setter Irlandês, **D:** American Bully, **E:** Shih-Tzu, **F:** Akita Japones, **G:** Border Collie (área rural), **H:** Cocker Spaniel. (Foto: Sebastiana Lima dos Santos, 2020).

Mais da metade dos proprietários informaram que quando pessoas visitam suas residências, seus cães se comportavam com agressividade (n=109; 55%), em seguida, com docilidade (n=57; 29%) e por último, estressados (n=33; 16%). Também relataram alguns casos de cães que atacaram ou morderam pessoas (n=15; 8%), destes, somente dois (13%) das vítimas foram tratadas em hospitais, pois o restante não considerou o ferimento grave ou se recusaram a buscar atendimento hospitalar. Além disso, informaram que cães atacavam outros animais domésticos (caprinos, bovinos, galinhas, gatos, outros cães) e motociclistas que transitam nas proximidades. Os proprietários informaram alguns comportamentos em seus cães diferente do habitual, como: sinais de ciúmes (quando os donos estavam com outros cães), sinais de desânimo (quando os donos se ausentavam do lar), e inquietos (quando percebiam que iam passear ou caçar).

Em unanimidade, os informantes afirmam que seus parentes concordaram em criar os cães. A maior parte dos entrevistados (n=190; 95%) relatou possuir uma relação de afeto com seu cão, tanto em área rural (n=87; 46%) quanto urbana (n=103; 54%). Um total de 100 entrevistados afirmou considerar seu cão como um “membro da família”, sendo, a maior parte da área urbana (n=69).

A maioria dos proprietários (n=117; 59%, rural=75; 64% e urbana=42; 36%) informou escolher criar os cães em seus domicílios (seja estes cães vira-latas ou cães de raça) pelo fato

de possuírem uma fácil adaptação e custos baixos. Neste caso, a maior parte dos proprietários de cães é da zona rural (n=75; 64%), o que direciona para escolha de cães vira-latas. Enquanto, uma outra parte de informantes (n=40) escolheu criar exclusivamente por estimação, sendo a maioria da área urbana (n=36) (**Tabela 04**).

Cães vira-latas são os mais comuns nas áreas rurais quando comparado às áreas urbanas (X-squared = 23.801, p-value <0,001), e não existe diferença em manter cães vira-latas ou de raça com o sexo dos criadores (X-squared = 2.7788, p-value = 0.249). Observamos também que informantes com renda mais baixa optam por vira-latas (X-squared = 16.352, p-value =0,037), e ainda que o principal fator que direciona essa escolha é a sua utilidade para proteção da casa e caça, enquanto no meio urbano é associado à estimação (animal de companhia) (X-squared = 44.746, p-value <0,001).

Alguns entrevistados (n=12) mantém tanto cães vira-latas quanto de raça, neste caso, com diferentes finalidades. Cães de raça são criados como companhia ou com função de pastorear rebanhos e vira-latas com utilidades de sentinelas ou caça. Um total de 15 entrevistados citou criar cães com funções de pastoreio, os quais auxiliam na condução de rebanhos. Como exemplo, cães da raça Border Collie, que são criados, exclusivamente para pastorear rebanhos (caprinos e ovinos), principalmente por fazendeiros (**Tabela 04**), sendo treinados através de técnicas e comandos específicos e comercializados na região e em outras regiões circunvizinhas em feiras de exposições.

Tabela 04- Aspectos relacionados à escolha da raça e função dos cães do município de Taperoá, PB, Brasil (n=199 criadores).

| Por qual motivo cria essa raça | Nº de citações total | % | Rural | % | Urbana | % |
|--|----------------------|----|-------|-----|--------|-----|
| Fácil adaptação e custos baixos (vira-latas) | 117 | 59 | 75 | 64 | 42 | 36 |
| Estimação | 40 | 20 | 4 | 10 | 36 | 90 |
| Proteção da casa | 14 | 7 | 4 | 29 | 10 | 71 |
| Caça | 9 | 5 | 7 | 78 | 2 | 22 |
| Resgatou de rua | 8 | 4 | - | - | 8 | 100 |
| Foi presente | 6 | 3 | - | - | 6 | 100 |
| Pastoreio e Comércio | 2 | 1 | 1 | 50 | 1 | 50 |
| Não é agressivo | 3 | 1 | 2 | 67 | 1 | 33 |
| Função de pastoreio | | | | | | |
| Não | 184 | 92 | 81 | 44 | 103 | 56 |
| Sim | 15 | 8 | 12 | 80 | 3 | 20 |
| Se sim, para quais animais | | | | | | |
| Bovino e Caprino | 8 | 53 | 8 | 100 | - | - |
| Caprino e Ovino | 4 | 27 | 2 | 50 | 2 | 50 |
| Bovino | 3 | 20 | 2 | 67 | 1 | 33 |

Discussão

Como esperado, cães são animais comumente utilizados na área pesquisada, tanto no ambiente urbano como rural, sendo constatado que o local de moradia do criador (urbano ou rural) está relacionado às motivações para manter um cão em suas residências. Os proprietários que criam cães de raça e sem raça definida criavam com finalidades diferenciadas. Na área rural, a grande maioria dos cães eram vira-latas, auxiliavam na caça e como sentinelas. Esses dados são similares ao registrado por Cury et al. (2016), em área rural de Mata Atlântica, Minas Gerais, Brasil, onde a maior parte dos cães criados era sem raça definida, enquanto, na área urbana muitos informantes mantêm cães de raça reconhecida (“pura”), que são criados exclusivamente como pets.

Em nossa pesquisa, a escolha de criar cães de raça e utilidades dos cães é influenciada pelos parâmetros socioeconômicos (local de moradia, renda) dos criadores, já que os cães da área rural são criados com finalidade de sentinelas e caça. Provavelmente proprietários da área urbana possuem condições financeiras mais elevadas, o que reflete na escolha, utilização e tratamento do cão, geralmente cães de raça eram criados por donos que possuem uma renda elevada. Ortega-Pacheco et al. (2007), realizou um levantamento de populações de cães, no México, em áreas rurais e urbana, onde relata os papéis dos cães e formas de tratamentos dispensados a estes animais.

A maior parte dos entrevistados de nossa pesquisa foi representada por mulheres, tanto em áreas rurais quanto urbana. Muitas estavam sozinhas ou com crianças em suas residências durante a coleta de dados, e estas, eram as principais responsáveis por preparar e oferecer a comida do animal, o que evidencia maior interação com os cães. A maioria dos criadores de cães da área rural mantêm em seus domicílios feijão e milho advindo da agricultura como principais alimentos para sua nutrição, o que também está relacionado ao tipo de alimentação oferecida ao cão, sugerindo os baixos custos na nutrição dos cães.

A maioria dos informantes mantêm cães machos nos domicílios, preferência também registrada em outros estudos (Fielding e Mather, 2001, Cury et al., 2016, Schafer e Farnworth et al., 2019). Além das fêmeas serem indesejadas, são alvos de conflitos, porque entram no cio e atraem cães machos, o que resulta em brigas corporais. Em alguns casos, esses cães machos retornam as residências com ferimentos graves. Assim como na área pesquisada, Sepúlveda et al. (2014), em seu estudo sobre cães domésticos em áreas rurais, faixa costeira de Floresta temperada Chilena, relata as cadelas como problemáticas (na opinião dos criadores) devido ao ciclo estral e gravidez.

Muitos proprietários informaram a obtenção dos seus cães sem nenhum custo, principalmente na área rural da pesquisa, assim como na presente pesquisa, a obtenção dos cães relatada em outras localidades é em maioria sem nenhum custo financeiro (Orihuela & Solano, 1995, Kobelt et al., 2003, Slater et al., 2008, Fielding et al., 2012, Schafer & Farnworth, 2019). E quando os proprietários de cães doavam os filhotes, somente os cães machos eram os preferidos para criação, no entanto, alguns donos de cães só doavam o macho se aceitasse também a fêmea ou somente a fêmea. Tais informações indicam a falta ou um reduzido controle da reprodução das fêmeas e superlotação de filhotes que podem ser alvos de abandono tanto na área rural quanto urbana da região, o que pode explicar a presença de cães em áreas de vegetações densas.

Alguns entrevistados relataram aplicar anticoncepcional nas fêmeas, como método para evitar filhotes, uma alternativa mais econômica em relação à esterilização, que requer maiores despesas. Criadores da área rural possuem dificuldades em conduzir seus cães às clínicas veterinárias da cidade, sugerindo que donos com condições financeiras e níveis de informações baixas em áreas distantes da parte urbana são menos propensos a esterilização e cuidados com a saúde dos animais.

Os donos de cães afirmaram ter relações de afeto com seus animais nas duas áreas de pesquisa (rural e urbana), muitos proprietários de cães da área urbana afirmaram tratar seus cães como um membro da família, neste caso, especialmente com cães de raça definida. Estes cães pets compartilhavam dos cômodos da residência, e foi observado cães sob os sofás, cães na sala do lar e donos abraçados com seu pets, o que demonstra uma relação de apego, sugerindo que recebiam uma maior atenção por parte dos seus donos. Diversos estudos abordam relações de apego por parte do proprietário ao seu cão (principalmente em grandes centros urbanos), neste caso, cães usados com animais de companhia (Garrity et al. 1989, Carlisle-Frank & Frank, 2006, Power, 2008, Miltiadesa & Shearera, 2015).

Muitos entrevistados da área rural informaram uma relação de imenso apego aos animais, no entanto, os cães não tem tratamento alinhado com essa afirmação, uma vez que foi visualizado carrapatos, magreza em excesso, infecções cutâneas nos cães e relataram que não permitiam o acesso dos cães a sua residência. Estas informações podem indicar que os donos não possuem o apego que dizem sentir com seu animal, já que não são dispensam cuidados básicos aos animais. Este contrassenso também pode estar associado ao contexto socioeconômico dos proprietários de cães. Para Fielding e Mather (2001), no seu estudo sobre cães na Índia Ocidental, Bahamas, embora muitas pessoas afirmem manter seu cão "como um animal de estimação", muitos criadores mantêm seus cães no lado de fora da residência e

alguns proprietários nunca levaram seus animais de estimação ao veterinário, o que pode gerar dúvidas sobre tal apego. Contrassenso que também foi observado em nossa área de pesquisa.

Considerações finais

Os cães são animais presentes nas residências de diversas pessoas, em várias partes do mundo, assim como na área da presente pesquisa, na região semiárida nordestina, em que praticamente todas as residências visitadas das áreas rurais mantinham cães. Nossos resultados revelaram que nas áreas rurais pessoas mantêm cães vira-latas com funções de proteção e caça, enquanto na área urbana muitos entrevistados criavam cães de raça por estimação.

A escolha de manter cães, bem como utilidades dos cães no agregado familiar está relacionada aos parâmetros sociais e econômicos dos proprietários de cães. Os aspectos relacionados aos gastos mensais ou aquisição dos animais por meio de compra, foram mencionados exclusivamente por moradores da área urbana que criavam cães de raça como animais de companhia, estes, possuíam uma renda mais elevada.

Pessoas da região evitam criar fêmeas porque estas procriam o que evidencia a falta de controle reprodutivo, praticamente todos os cães da área de estudo não eram esterilizados e em alguns casos, os donos controlavam a reprodução das fêmeas por meio de anticoncepcionais, o que representa danos à saúde do animal. Então, campanhas gratuitas de esterilização precisam ser implementadas, bem como, a veiculação de informações acerca dos benefícios sobre a saúde animal.

Referências

ABINPET, Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação, 2018. Dados do mercado. Manual Pet Food Brasil 9ª edição. Acesso em: 23-09-2019. <http://abinpet.org.br/faq/>.

Acosta-Jamett, G; Cleaveland, S; Cunningham, A.A; Bronsvort, B.M.C. Demography of domestic dogs in rural and urban areas of the Coquimbo region of Chile and implications for disease transmission. *Preventive Veterinary Medicine*, v. 94, p. 272–281, 2010. <http://dx.doi.org/10.1016/j.prevetmed.2010.01.002>.

AESA, Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba. Proposta de Instituição do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba. 2007. Disponível em: <http://www.aesa.pb.gov.br/comites/paraiba/proposta.doc>. Acessado em 29-05-2019.

Albert, A; Bulcroft, K. Pets and Urban Life. *Pets and Urban Life, Anthrozoös*, v.1, n. 1, p.9-25, 1987. <http://dx.doi.org/10.2752/089279388787058740>.

Albert, A; Bulcroft, K. Pets, families, and the life course. *Journal of Marriage and the Family*, v.50, p. 543-552, 1990.

Albuquerque, U.P; Lucena, R; Alencar, N.L. Métodos e Técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: Ulysses Paulino de Albuquerque, Reinaldo Farias Paiva de Lucena, Luiz Vital Fernandes Cruz da Cunha. (Org.). Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. Recife: NUPEEA, p. 39-64, 2010.

Alves, R.R.N. The Ethnozoological Role of Working Animals in Traction and Transport. In: Alves, R.R.N, Albuquerque UP (eds) *Ethnozoology: animals in our lives*. Elsevier, London, p. 339-349, 2018.

Alves, R.R.N; Barboza, R.R.D. What About the Unusual Soldiers? Animals Used in War. In: Alves, R.R.N, Albuquerque UP (eds) *Ethnozoology: animals in our lives*, vol 1. Academic Press, Elsevier, London, p.323-337, 2018.

Alves, R.R.N; Policarpo, I.S. Animals and Human Health: Where Do They Meet? In: Alves RRN, Albuquerque UP (eds) *Ethnozoology*. Elsevier, p. 233-259, 2018.

Alves, R.R.N; Rocha, L.A. Fauna at Home: Animals as Pets. In: Alves, R.R.N, Albuquerque UP (eds) *Ethnozoology: animals in our lives*, vol 1. Academic Press, Elsevier, London, p.303-321, 2018.

Baenninger, R. Some consequences of animal domestication for humans. *Anthrozoös*, v.8, n.2, p.69-77, 1995.

Bekova, S; Makenov, M. Two Sides of the City: Dog-keeping Practices in Russian Urban Areas, *Anthrozoös*, v.31, n.4, p. 423-432, 2018. <http://dx.doi.org/10.1080/08927936.2018.1482114>.

Bernard, P; Demaret, A. *Why Have Pets? Present and Permanent Reasons*, 1996.

Budiansky, Stephen. *The Truth About Dogs*. NY: Viking, 2000.

Cain, A. O. Pets as family members. In M. B. Sussman (Ed.), *Pets and the family*. New York: Hayworth, p. 5-10, 1985.

Carlisle-Frank, P; Frank, J.M. Owners, guardians, and owner-guardians: Differing relationships with pets. *Anthrozoös*, v.19, n.3, p. 225–242, 2006.

Clutton-Brock, J. Origins of the dog: domestication and early history. In: Serpell, J. (Ed.). *The domestic dog: Its evolution, behaviour, and interactions with people*. Cambridge University Press, Cambridge. p 7-20p, 2008.

Cohen, S.P. Can Pets Function as Family Members? *Western Journal of Nursing Research*, v. 24, n. 6, p. 621-638, 2002. <https://doi.org/10.1177/019394502320555386>.

Cury, N.H.D.A; Massara, R.L; de Oliveira Paschoal, A.M; Soriano-Araújo, A; Lobato, Z.I.P; Demétrio, G.R; Chiarello, A.G; Passamani, M. Prevalence and risk factors for viral exposure in rural dogs around protected areas of the Atlantic forest.. *BMC Vet.* v. 12, n. 1, 2016.

Dietz, T.J; Davis, D; Pennings, J. Evaluating animal-assisted therapy in group treatment for child sexual abuse. *Journal of Child Sexual Abuse*, v. 21, p. 665–683, 2012. <http://dx.doi.org/10.1080/10538712.2012.726700>.

Endenburg, N; Hart, H; Vries, H.W. Differences Between Owners and Nonowners of Companion Animals, *Anthrozoös*, v.4, n.2, p. 120-126, 1990. <https://doi.org/10.2752/089279391787057242>.

Farrel, J.M; Hope, A.E; Hulstein, R; Spaulding, S.J. Dog-Sport Competitors: What Motivates People to Participate with Their Dogs in Sporting Events? *Anthrozoös: A multidisciplinary journal of the interactions of people and animals*, v. 28, n.1, p. 61-71, 2015. <http://dx.doi.org/10.2752/089279315X1412935072201>.

FCI, Fédération Cynologique Internationale. For Pedigree dogs worldwide, apresentação da organização. Disponível em: <http://www.fci.be/es/Presentacion-de-nuestra-organizacion>, Acessado em: 23-09-2019.

Fielding, W.J; Gall, M; Green, D; Eller, W. S. Care of Dogs and Attitudes of Dog Owners in Port-au-Prince, the Republic of Haiti, *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v.15, n.3, p.236-253, 2012. <http://dx.doi.org/10.1080/10888705.2012.683760>.

Fielding, W.J; Mather, J. Dog ownership in the West Indies: A case study from the Bahamas. *Anthrozoös*, v. 14, p. 72-80, 2001.

Fielding, W.J; Plumridge, S.J. Characteristics of owned dogs on the island of New Providence, The Bahamas. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v.4, p. 245–260, 2005.

Flint, E.L; Minot, E.O; Perry, P.E; Stafford, K.J. Characteristics of adult dog owners in New Zealand. *New Zealand Veterinary Journal*, v.58, n. 2, p. 69-73, 2010. <https://doi.org/10.1080/00480169.2010.65261>.

Franti, C.E; Kraus, J.F; Borhani, N.O; Johnson, S.L; Tucker, S.D. Pet ownership in rural northern California (El Dorado County). *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 176, p.143-149, 1980.

Garrity, T.F; Stallones, L; Marx, M.B; Johnson, T.P. Pet ownership and attachment as supportive factors in the health of the elderly. *Anthrozoös*, v. 3, n. 1, p. 35-44, 1989.

Hamama, L; Hamama, Raz; Dagan, K; Greenfeld, H; Rubinstein, C; Ben-Ezra, M. A preliminary study of group intervention along with basic canine training among traumatized teenagers: A 3-month longitudinal study. *Children and Youth Services Review*, v. 33, p. 1975–1980, 2011. <http://dx.doi.org/10.1016/j.childyouth.2011.05.021>.

Hultsman, W. Z. Couple involvement in serious leisure: Examining participation in dog agility. *Leisure Studies*, v. 31, n. 2, p. 231–253, 2012.

Huntington, H.P. Using Traditional Ecological Knowledge in Science: Methods and Applications. *Ecological Applications*, v.10, n.5, p. 1270-1274, 2000.

IBGE, Instituto Brasileira de Geografia e Estatística, 2012. Disponível: <http://cod.ibge.gov.br> Acesso: 01/06/2018.

IBGE, Instituto Brasileira de Geografia E Estatística, Taperoá: IBGE, 2019. Disponível: <http://cod.ibge.gov.br>. Acesso: 01/06/2018.

Knobel, D.L; Laurenson, M.K; Kazwala, R.R; Boden, L.A; Cleaveland, S.A. Cross-sectional study of factors associated with dog ownership in Tanzania. *BMC Veterinary Research*, v. 4, n.5, p. 1-10, 2008. <http://dx.doi.org/10.1186/1746-6148-4-5>.

Kobelt, A.J; Hemsworth, P.H; Barnett, J.L; Coleman, G.J. A survey of dog ownership in suburban Australia - conditions and behaviour problems. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 82, p. 137-148, 2003.

Koeppen, W. *Climatologia: un estudio de los climas de la Tierra*. México: Fondo de Cultura Economica. México, 478p, 1948.

Koster, J.M. Hunting with dogs in Nicaragua: An optimal foraging approach. *Current Anthropology*, v.49, p.935-4, 2008a.

Mello, L.G. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2003.

Miklósi, Á. *Dog behaviour, evolution, and cognition*. Oxford University Press, Oxford. p.289, 2007.

Miltiadesa, H; Shearer, J. Attachment to Pet Dogs and Depression in Rural Older Adults. *Anthrozoös: A multidisciplinary journal of the interactions of people and animals*, v.24, n.2, p.147-154, 2015. <http://dx.doi.org/10.2752/175303711X12998632257585>.

Mims, D; Rhondda, W. Animal Assisted Therapy and Trauma Survivors, *Journal of Evidence-Informed Social Work*, v.13, n.5, p. 452-457, 2016. <http://dx.doi.org/10.1080/23761407.2016.1166841>.

Morey, D.F. *Dogs: Domestication and the development of a social bond*. Cambridge University Press, Cambridge, 2010.

Muller, W. *In the first Steps of animal Domestication*. Oxford, Oxbow Books. 2002.

Orihuela, T.A; Solano, V.J. Demographics of the Owned Dog Population in Miacatlan, Mor. Mexico, *Anthrozoös*, v. 8, n. 3, p. 171-175, 1995. <http://dx.doi.org/10.2752/089279395787156356>.

Ortega-Pacheco, A; Rodriguez-Buenfil, J.C; Bolio-Gonzalez, M.E; Sauri-Arceo, C.H; Jiménez-Coello, M; Forsberg, C.L. A survey of dog populations in urban and rural areas of Yucatan, Mexico. *Anthrozoös*, v. 20, p.261-274, 2007. <http://dx.doi.org/10.2752/089279307X224809>.

Power, E. Furry families: making a human-dog family through home. *Furry families: making a human–dog family through home. Social & Cultural Geography*, v. 9, n. 5, 2008. <http://dx.doi.org/10.1080/14649360802217790>.

Schafer, N.P; Farnworth, M. Residents' Management of, and Attitudes Towards, the dog population on two mariana Islands. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, p. 2-16, 2019. <https://doi.org/10.1080/10888705.2019.1594230>.

Sepúlveda, M.A; Singer, R.S; Silva-Rodriguez, E; Stowhas, P; Pelican, K. Domestic Dogs in Rural Communities around Protected Areas: Conservation Problem or Conflict Solution? *PLoS One*, v. 9, n. 1, e86152, 2014.

Slater, M.R; Di Nardo, A; Pediconi, O; Villa, P.D; Candeloro, L; Alessandrini, B; Del Papa, S. Cat and dog ownership and management patterns in central Italy. *Preventive Veterinary Medicine*, v. 85, p. 267–94, 2008.

Souza, B.I; Silans, A.M.B.P; Santos, J.B. Contribuição ao estudo da desertificação na Bacia do Taperoá. *Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental*, v.8, n.2/3, p. 292-298, 2004. <http://www.agriambi.com.br>.

VET FOOD, Cães e gatos. Levantamento: mercado pet brasileiro. 2018. Disponível em: <http://caesegatos.com.br/levantamento-mercado-pet-brasileiro-movimenta-r-34-4-bilh-es-em-2018>. Acessado em 14-08-2019.

Westgarth, C; Pinchbeck, G.L; Bradshaw, J.W; Dawson, S; Gaskell, R.M; Christley, R.M. Factors associated with dog ownership and contact with dogs in a UK community. *BMC Veterinary Research*, v.3, n.5, p.3-9, 2007. <http://dx.doi.org/10.1080/08927936.2018.1482114..1186/1746-6148-3-5>.

Yamamoto, M; Marissa, M; Yamamoto & Lynette, A; Hart, A. Physical Activity and Welfare of Guide Dogs and Walking Activity of Their Partners, *Anthrozoös*, v. 28, n.2, p. 277-289, 2015. <http://dx.doi.org/10.1080/08927936.2015.11435402>.

CAPÍTULO II

BEM-ESTAR DE CÃES DOMÉSTICOS EM UMA REGIÃO SEMIÁRIDA NORDESTINA DO BRASIL

Sebastiana Lima Santos¹, Rômulo Romeu Nóbrega Alves²

¹Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação, Departamento de Biologia, Universidade Estadual da Paraíba, Avenida das Baraúnas, 351, Campus Universitário, Bodocongó, 58109-753, Campina Grande, PB, Brasil. Email: tianalima09@gmail.com

²Departamento de Biologia, Universidade Estadual da Paraíba, Avenida das Baraúnas, 351, Campus Universitário, Bodocongó, 58109-753, Campina Grande, PB, Brasil. Email: romulo_nobrega@yahoo.com.br

Resumo

O cão (*Canis familiaris*) é o mamífero carnívoro terrestre mais abundante e difundido no mundo, representando o primeiro animal a ser domesticado. A história de expansão das populações humanas no planeta está, em parte, ligada à domesticação deste animal. O presente estudo que possui enfoque etnozoológico, investigou as interações entre pessoas e seus cães, enfocando o bem-estar animal e os fatores que influenciam tais relações, em área rural e urbana de uma região semiárida. A obtenção de dados ocorreu por meio de questionários semiestruturados e conversas livres informais. Nossos resultados mostraram que dos 199 entrevistados, 59% mantém o cão solto, sobretudo no quintal da residência. Os cães são alimentados principalmente com sobras de comida caseira (n=138; 69%), e a maior parte dos cães foi vacinada em campanhas de vacinação contra a raiva (n=150; 75%), tanto em áreas rurais (n=77; 51%) quanto urbana (n=73; 49%), no entanto, na área urbana, parte dos cães foi vacinada somente em clínicas veterinárias. Com relação aos conflitos pela criação do cão, entrevistados (n=49) relataram perda de cães por envenenamento, também foi relatado por parte dos informantes (n=20) ataques de cães a rebanhos. O tratamento das pessoas com seus cães variam de acordo com o tipo de moradia (rural e urbano), e nota-se que os criadores da área urbana forneciam cuidados mais adequados na alimentação e vacinação dos cães que nas áreas rurais. Além disso, a ocorrência de conflitos entre pessoas e cães pode se configurar em problemas de maus tratos animal. Os fatores sociais e econômicos influenciam no relacionamento das pessoas com seus cães, bem como, nos cuidados dispensados aos cães.

Palavras-chave: Etnozologia, tratamentos, área rural, área urbana, conflitos.

Abstract

The dog (*Canis familiaris*) is the most abundant and widespread terrestrial carnivorous mammal in the world, representing the first animal to be domesticated. The history of expansion of human populations on the planet is partly linked to the domestication of this animal. The present study, which has an ethno-zoological focus, investigated the interactions between people and their dogs, focusing on animal welfare and the factors that influence such relationships, in rural and urban areas of a semiarid region. Data were obtained through semi-structured questionnaires and informal free conversations. Our results showed that of the 199 respondents, 59% keep the dog loose, especially in the backyard. Dogs are fed mainly with leftover homemade food (n = 138; 69%), and most dogs were vaccinated in rabies vaccination campaigns (n = 150; 75%), both in rural areas (n = 77; 51%) and urban (n = 73; 49%), however, in the urban area, part of the dogs was vaccinated only in veterinary clinics. Regarding conflicts over dog breeding, respondents (n = 49) reported loss of dogs due to poisoning, it was also reported by informants (n = 20) attacks by dogs on herds. The treatment

of people with their dogs varies according to the type of housing (rural and urban), and it is noted that breeders in the urban area provided more adequate care in the feeding and vaccination of dogs than in rural areas. In addition, the occurrence of conflicts between people and dogs can be configured in problems of animal mistreatment. Social and economic factors influence people's relationship with their dogs, as well as in the care of dogs.

Keywords: Ethnozoology, treatments, rural area, urban area, conflicts.

Introdução

O cão doméstico *Canis familiaris* (Linnaeus, 1758) é o mamífero carnívoro terrestre mais abundante e difundido no mundo (Vanak e Gompper, 2010, Hughes e Macdonald, 2013). Foi o primeiro animal domesticado (Savolainen et al., 2002, Driscoll e Macdonald, 2010), sendo derivado de lobos *Canis lupus* (Linnaeus, 1758) (Savolainen et al., 2002), e seu processo de domesticação resultou em mudanças no tamanho corporal e na configuração crânio-dentição (Coppinger e Schneider, 1995, Clutton-Brock, 2008), que possibilitaram o consumo de uma grande variedade de alimentos, até presas silvestres (Vanak e Gompper, 2010). A história de expansão das populações humanas no planeta, está, em parte, ligada à domesticação deste animal (Clutton-Brock, 2008, Morey, 2010). Até 2014, a população mundial de cães era estimada em mais de 700 milhões (Hughes e Macdonald, 2013, Gomper, 2014b), à medida que a população humana cresce as populações desses animais também crescem (Sepúlveda et al., 2014).

De acordo com a literatura, há uma grande diversidade de estudos envolvendo cães, como por exemplo, uma pesquisa publicada recentemente realizada com proprietários de pets, na República Tcheca, destacando que os criadores desses animais são propensos a uma melhor saúde do coração, e ainda, uma melhor saúde mental e física (Cães e gatos, VET FOOD, 2019). Além disso, os cães são temas cada vez mais recorrentes nas mídias, sendo personagens de filmes a séries televisivas (Cães e gatos, VET FOOD, 2019), e já existem perfis de cães nas redes sociais, nos quais os donos criam o perfil, compartilhando fotos e interagindo de diversas formas com outros criadores de pets (Social Pet, Rede social animal), evidenciando, a importância desse animal para seus proprietários e a dimensão que tomou em nossa sociedade.

O hábito de manter cães é comum em várias partes do mundo, quer seja como utilidades de companhia e sentinelas ou caça. As pessoas criam de acordo com suas necessidades, e essa criação está associada a uma série de cuidados, desde os mais básicos aos mais requintados. O Brasil possui a segunda maior população de cães, tendo uma força potencial na economia brasileira, que é composta pela indústria e distribuição dos segmentos

de alimentos, medicamentos veterinários e cuidados com a saúde e higiene do cão. Em 2017, a indústria de produtos para animais de estimação faturou R\$ 20,37 bilhões (ABINPET, 2018). No entanto, nem sempre os cães recebem cuidados básicos por parte dos criadores. Em alguns casos, cães são criados sem a devida atenção as suas necessidades comportamentais e de saúde física. Embora, não exista um consenso universal sobre como definir e medir o bem-estar animal, há algumas concepções de bem-estar, em cuidados básicos, como por exemplo, disponibilidade de comida, cuidados físicos e com a saúde do animal, e ainda, outros aspectos, que inclui considerações comportamentais, como nível de socialização, exercitar-se e interações homem-animal (Bir et al., 2019).

As interações dos cães com humanos nem sempre são harmoniosas. Esses também são alvos de conflitos com humanos, quer sejam decorrentes de comportamentos agressivos dos cães ou de prejuízos associados a ataques destes animais domésticos (Sepúlveda et al., 2014, Kumar e Paliwal, 2015, Wierzbowska et al., 2016). Em muitos casos os cães são descartados em áreas urbanas por seus próprios donos, formando uma população numerosa de animais abandonados, tornando-se vulneráveis a doenças, e acarretando um problema de saúde pública, uma vez que muitas zoonoses podem ser transmitidas para população humana e outros animais, sendo constantemente vítimas de maus tratos (Feldmann, 1974, Beck, 1975, Kantere et al., 2014).

Cães abandonados podem obter sua alimentação através de caça e se abrigarem em reservas de matas em áreas urbanas ou rurais adjacentes as cidades, passando a procriar livremente, mantendo-se em bandos ou isolados de grupos humanos e competindo com outros animais, comportando-se como predador o que representa uma séria ameaça à conservação de animais silvestres (Young, et al., 2011, Hughes e Macdonald, 2013, Vanak et al., 2013, Lessa et al., 2016, Doherty et al., 2017). Globalmente, cães livres causam problema para conservação de outras espécies animais e a saúde humana (Hughes e Macdonald, 2013, Gompper, 2014).

Cães são frequentemente criados no semiárido nordestino brasileiro, a exemplo de outras regiões (rural e urbana) do país, e nem sempre recebem o mesmo tratamento. Nesse contexto, esse estudo investigou as interações entre pessoas e cães na área rural e urbana, bem como, implicações sobre o bem-estar animal, analisando fatores socioeconômicos que refletem nessas interações. Através de uma abordagem etnozoológica, testamos as seguintes hipóteses: a) a maioria dos cães da área urbana recebe melhores tratamentos (melhor alimentação, cuidados veterinários) que os cães da área rural, b) tratamentos direcionados aos cães varia de

acordo com o local de moradia dos proprietários, com a raça dos cães e parâmetros socioeconômicos dos criadores.

Metodologia

Área de estudo (ver capítulo I)

Coleta de dados (ver capítulo I)

Foram feitas perguntas referentes às interações com cães, incluindo questionamentos referente ao cão, sobre a forma que são mantidos (se são mantidos soltos ou amarrados), alimentação (qual alimentação e com qual frequência é ofertada), se leva seu animal para passear (qual a frequência), se existe cuidados com a higiene do cão (com qual frequência), se é vacinado (se sim, para prevenção de quais doenças), se é vacinado em clínicas veterinárias (se sim, para quais doenças e com qual frequência), se já atacou espécies silvestres (se sim, quais espécies), conflitos (se já atacou caprinos, ovinos e se o cão já foi envenenado).

Aspectos éticos (ver capítulo I)

Análises dos dados

Foram analisados se existe diferença entre áreas urbanas e rurais quanto aos aspectos de bem estar animal (melhor alimentação e cuidados veterinários). Previamente, atendendo aos pressupostos estatísticos, foi testada a normalidade dos dados através do teste de Shapiro Wilk e a homogeneidade por meio do teste de Bartlett's (Crawley, 2013). Foram realizadas tabelas de contingência para a determinação da frequência entre os fatores analisados e posteriormente utilizado o teste Qui-quadrado de Pearson, com significância de 0,05, para dados não paramétricos. Todas as análises foram feitas no software estatístico R Studio 3.5.0.

Resultados

Formas que os cães são mantidos, alimentação, cuidados higiênicos e veterinários

Com relação ao lugar que o cão é mantido no lar, a maioria dos informantes (n=82; 41,5%, rural=2; 2% e urbano=80; 98%) mantém no quintal (área cercada junto ou atrás da casa) da sua residência, a grande maioria desses cães mantidos no quintal são da área urbana (n=80). Enquanto, somente informantes da área rural (n=62) mantém seus cães amarrados abaixo de árvores (**figura 01**) (**tabela 01**). Um entrevistado da área rural mantém o cão com uma “canga” sob o pescoço, que é um objeto de madeira colocado ao redor do pescoço (geralmente usada em caprinos). Segundo o criador, mesmo que o cão estivesse em uma área cercada, colocava o objeto para evitar o escape (**figura 01**). Um total de 32 entrevistados

relatou que seus cães compartilham a parte interna da residência, principalmente na área urbana (n=26).

Quando perguntados sobre a forma que mantêm o cão, 59% (n=118) dos respondentes os mantem solto, sendo, 29 % (n=34) da área rural e 71% (n=84) urbana (**tabela 01**). Do número total dos entrevistados, 38% afirma passear com seu cão, tendo a caminhada como atividade principal, com o cão acorrentado, sob seu controle, sendo, a grande maioria da área urbana. Aos informantes que declaram passear com o cão, um total de 55 entrevistados (rural=4 e urbano=51) informou passear com frequência semanal (**tabela 01**). Um total de 36% dos respondentes afirmaram soltar o cão sozinho para “dar uma volta”, de vez em quando.

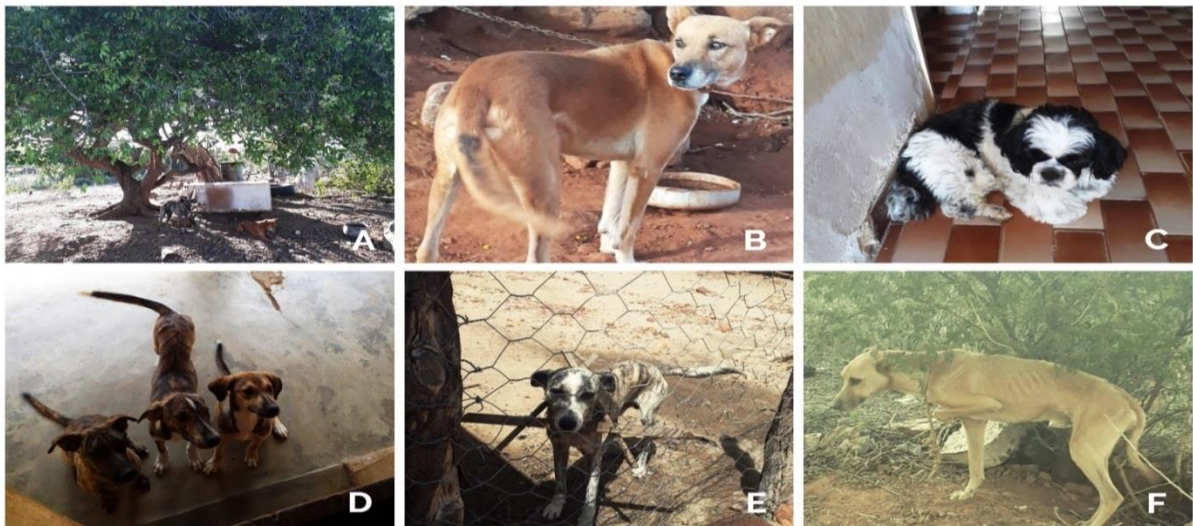


Figura 01- Exemplos de lugares e formas que os cães são mantidos (área rural e urbana), município de Taperoá, PB, Brasil. **A**: Cães amarrados abaixo de um “umbuzeiro” (*Spondias tuberosa*) (área rural), **B**: Cão acorrentado, na área rural, **C**: Pet na parte interna da residência do criador, **D**: Três cães no quintal da residência, área urbana, **E**: cão com uma “canga” sob o pescoço em uma área cercada, **F**: Cão amarrado (área rural), sem parte do membro anterior.

A respeito da alimentação oferecida aos cães, 69% (n=138) dos informantes afirmam oferecer comida caseira, tanto em áreas rurais (n=84) quanto urbana (n=54). Essas refeições são sobras de alimentos consumidos pelas famílias (feijão, cuscuz, arroz, macarrão, xerém). No entanto, entrevistados (n=20) relatam refeições exclusivamente de rações (**figura 02**), todos da área urbana (**tabela 01**). Segundo o discurso dos respondentes, a ração é considerada o alimento mais apropriado para os cães (n=106), principalmente pelos entrevistados da área urbana (n=69) (**tabela 01**). Os proprietários relataram essa refeição como a mais saudável para seu animal, no entanto, justificaram a falta de condições em custear. Com relação à frequência da alimentação oferecida, predominou a frequência de duas vezes ao dia (n=116),

tanto em áreas rurais (n=61) quanto urbana (n=55). Todavia os respondentes mencionam outras frequências, como por exemplo, de alimentar uma vez ao dia ou de três vezes no dia (figura 03).



Figura 02- Exemplos de refeições oferecidas aos cães pelos criadores, município de Taperoá, PB, Brasil. **A** - Patê de carne enlatada, **B** - ração e sachê de carne para cães, **C**- Criadora com vísceras congeladas de galináceos (Galliformes) (moela “crua”, criadora relatou cozinhar, para oferecer ao animal). (Foto: Sebastiana Lima dos Santos, 2020).

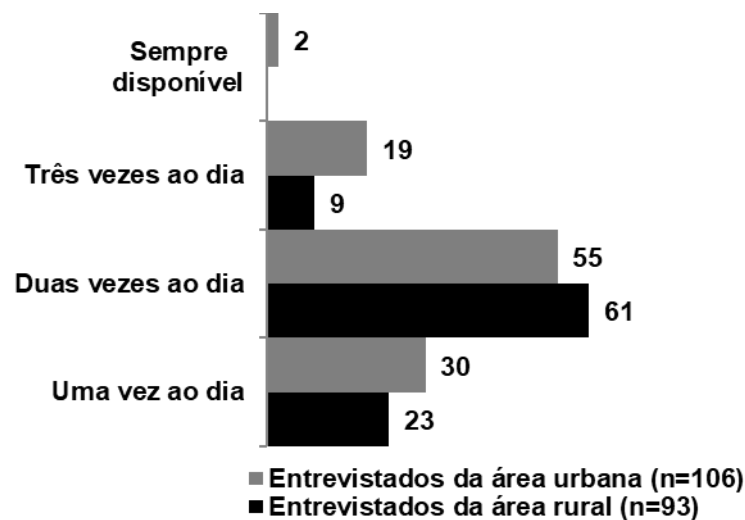


Figura 03- Frequência de refeições oferecida aos cães pelos seus proprietários, município de Taperoá, PB, Brasil.

Em relação aos cuidados com a higiene do cão, um total de 117 proprietários afirmam dar banho nos animais em seus domicílios, sendo, a maior parte dos informantes da área urbana (n=86) (**tabela 01**), os donos utilizam sabão ou shampoo para o banho dos cães. Proprietários de cães da área rural justificaram não possuir condições de custear banhos em pet shop ou não consideraram necessário. Geralmente, só os cães da raça Poodle (5%), todos da área urbana, recebem cuidados em pet shop (banho e tosa). A frequência predominante da higiene com o cão foi a semanal (n=54; 27%), sendo a maioria da área urbana (n=39), mas, outras frequências (quinzenal, mensal) foram mencionadas (**figura 04**).

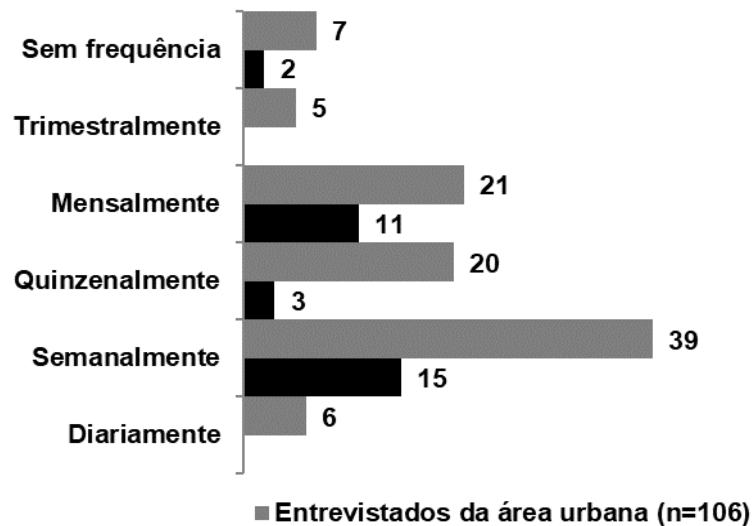


Figura 04- frequência de cuidados higiênicos realizados pelos donos dos cães, município de Taperoá, PB, Brasil.

Tabela 01- Aspectos sobre o bem-estar dos cães do município de Taperoá, PB, Brasil. (n=199 criadores).

| Bem-estar animal | Nº de citações total | % | Rural | % | Urbana | % |
|---|----------------------|------|-------|-----|--------|-----|
| Lugar do cão no lar | | | | | | |
| Quintal da residência | 82 | 41,5 | 2 | 2 | 80 | 98 |
| Abaixo de um pé de árvore (amarrado) | 62 | 31 | 62 | 100 | - | - |
| Não possui lugar específico | 42 | 21 | 26 | 62 | 16 | 38 |
| Dentro do lar | 12 | 6 | 3 | 25 | 9 | 75 |
| Amarrado em um veículo na rua | 1 | 0,5 | - | - | 1 | 100 |
| Forma que o cão é mantido no lar | | | | | | |
| Solto | 118 | 59 | 34 | 29 | 84 | 71 |
| Amarrado | 74 | 37 | 62 | 84 | 12 | 16 |
| Amarrado e solto | 7 | 4 | 6 | 86 | 1 | 14 |
| Se passeia com o cão | | | | | | |
| Sim | 76 | 38 | 6 | 8 | 70 | 92 |
| Frequência de passeio (para os que passeiam com os cães) | | | | | | |
| Diariamente | 17 | 22 | 2 | 12 | 15 | 88 |
| Semanalmente | 55 | 72 | 4 | 7 | 51 | 93 |

| | | | | | | |
|--|-----|-----|----|-----|----|-----|
| Quinzenalmente | 2 | 3 | - | - | 2 | 100 |
| Mensalmente | 2 | 3 | - | - | 2 | 100 |
| Alimentação oferecida ao cão | | | | | | |
| Comida caseira | 138 | 69 | 84 | 61 | 54 | 39 |
| Comida caseira e ração | 35 | 18 | 9 | 26 | 26 | 74 |
| Ração | 20 | 10 | - | - | 20 | 100 |
| Ração e carnes | 5 | 2,5 | - | - | 5 | 100 |
| Ração e frutas/verduras | 1 | 0,5 | - | - | 1 | 100 |
| Alimentação que o dono acha apropriada | | | | | | |
| Ração | 106 | 53 | 37 | 35 | 69 | 65 |
| Comida caseira | 79 | 40 | 49 | 32 | 30 | 38 |
| Comida caseira e ração | 6 | 3 | - | - | 6 | 100 |
| Não declararam | 8 | 4 | 8 | 100 | - | - |
| Cuidados dos donos com a higiene do cão | | | | | | |
| Banho | 117 | 59 | 31 | 26 | 86 | 74 |
| Banho e tosa | 10 | 5 | - | - | 10 | 100 |
| Nenhum | 72 | 36 | 62 | 86 | 10 | 14 |

Informantes (n=60) da área rural e urbana apontam que seus animais já foram acometidos por algumas doenças durante a criação mencionando: Infecções cutâneas, infecção no focinho, infecção urinária, anemia, hemorragia digestiva, prisão de ventre, “doença do carrapato”, “virose”, diarreia, leishmaniose visceral (**figura 05**). No que diz respeito ao tratamento de doenças dos cães, entrevistados da área rural relataram fazer consultas com veterinários em clínicas, contudo, não transportam o animal à clínica, o próprio criador indica os sintomas que o cão apresenta e compram a medicação indicada pelo veterinário. Quando a medicação é injetável, os próprios criadores ou outras pessoas da comunidade aplicam.



Figura 05- Cães dos criadores que apresentam sinais de doenças, município de Taperoá, PB, Brasil. **A:** Cão com infecção no focinho, animal com uma placa de contenção, **B:** Cão com enfermidade no olho, **C, D:** Cães visivelmente com infecções cutâneas. (Foto: Sebastiana Lima dos Santos, 2020).

Práticas Etnoveterinária

Alguns entrevistados (n=10) da área rural mencionaram tratar seus cães de forma caseira, quando o animal é envenenado ou picado por serpentes relataram decepar a ponta da orelha do animal (atitude comum principalmente pelos os moradores mais velhos), pois acreditam que se o animal perder um pouco do sangue pela orelha possa ser curado. Os informantes relataram também utilizar o látex (“leite de pião”), derivados das espécies *Jatropha mollissima* (Pinhão-bravo) e *Jatropha ribifolia* (Pinhão-de-purga), que são plantas medicinais (**figura 06**), usadas para tratar cães picados por serpentes ou que foram envenenados. Outra prática é combinação de alho (*Allium sativum*) com bebidas alcoólicas (cachaças), constituindo ingredientes que os respondentes intitulam de “garrafadas”, aplicado diretamente na boca do animal, para tratar verminoses e cães picados por serpentes.



Figura 06 - Exemplo de tratamento de um cão que foi picado por serpente (jararaca), município de Taperoá, PB, Brasil. **A:** Látex da *Jatropha mollissima*, usado para tratar o animal afetado, **B:** “Ponta da orelha” do cão decepada. (Foto: Sebastiana Lima dos Santos, 2020).

A maior parte dos criadores de cães (n=168; 84%) afirmaram que seus animais podem transmitir doenças (raiva, escabiose, leishmaniose visceral, larva migrans cutânea, parasitas intestinais e “doença do carrapato”) aos seres humanos. Com relação à presença de parasitas sobre seus cães, 42 (21%) entrevistados disseram que os animais possuem carrapatos (**figura 07**), principalmente na área rural, com 29 casos. Quando questionados se o animal possui alguma deficiência, somente dois criadores mencionaram criar cães “mancos”.



Figura 07 - Exemplos de cães dos donos com carrapatos, município de Taperoá, PB, Brasil. **A:** Cão visivelmente apresentando alguns carrapatos sob a região da cabeça, **B:** Outro cão com carrapato sob sua pele. (Foto: Sebastiana Lima dos Santos, 2020).

Com relação à vacinação, a maioria dos entrevistados declarou que seus cães foram vacinados contra raiva em campanhas de vacinação ofertadas pelo Ministério da Saúde (n=150; 75%), tanto em área rural (n=77; 51%) quanto urbana (n=73; 49%). Um total de 50 entrevistados declarou vacinar seus cães em clínicas veterinárias, predominantemente na área urbana, para a prevenção das seguintes doenças (raiva, calazar, viroses, anemia, “verminoses”, pneumonia, “doença do carrapato”). Constatamos que existe diferença entre local e a aplicação de vacina no cão (X-squared = 33.838, p-value <0,001), ou seja, os informantes de locais urbanos vacinam mais do que em áreas rurais, e quanto mais elevado é o nível da escolaridade dos informantes maior é o número de cães vacinados (r=0,256; P<0,001). Um total de 38 entrevistados, todos da área urbana, informou levar seu cão de raça com frequência a clínicas veterinárias (**figura 08**), com frequências de quinzenal a anual. Observamos diferença entre raça e o cão vacinado (X-squared = 39.66, p-value <0,001), ou seja, os cachorros de raças são mais vacinados do que os vira-latas.

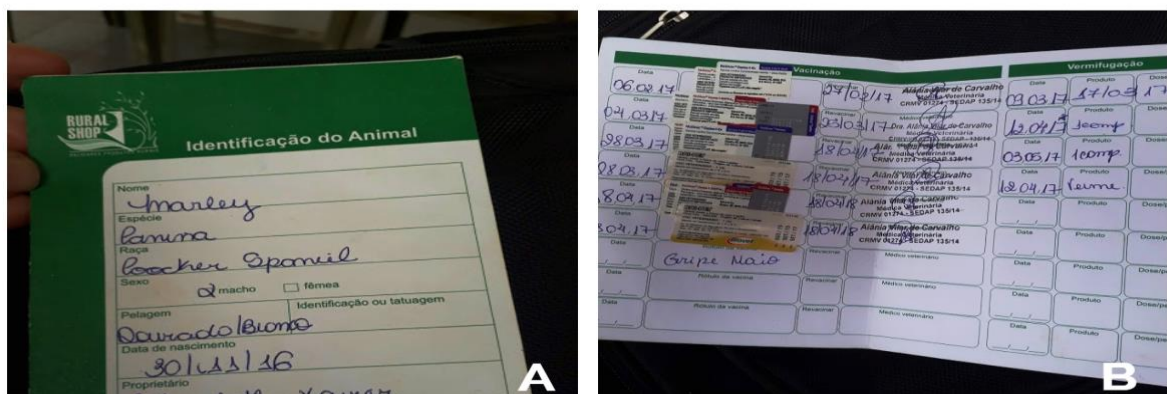


Figura 08- Exemplos de carteiras de vacinação do cão (área urbana), município de Taperoá, PB, Brasil. **A:** Carteira de vacinação com a identificação do cão, **B:** Carteira do cão com frequências da vacinação. (Foto: Sebastiana Lima dos Santos, 2020).

Conflitos com cães nas áreas rurais

Um total de 49 entrevistados da área rural informou que seus cães foram vítimas de “bola”, termo referido a iscas de carne, contendo pequenos pedaços de vidro (provocando problemas nos cães como: hemorragias; sangramento nasal e fecal (atingindo o sistema digestivo), ou couros/carnes de animais (geralmente de bovinos ou galináceos) envenenados, (provocando nos cães convulsões). Todavia, afirmam que quando se trata de bola de vidro, é irreversível. Essas “bolas” podem ser preparadas de diferentes formas, e são colocados e espalhados em propriedades rurais ou em quintais das residências (nesse caso, principalmente na área urbana), em pontos estratégicos, para que outros animais domésticos não sejam alvos. Os informantes relatam que na maioria dos casos essa estratégia é adotada pelos criadores de rebanhos (caprino e ovino) ou por proprietários de terras, neste último caso, em propriedades que ocorre atividades de caça com cães.

Com relação, as interações dos cães com espécies silvestres, um total de 22 entrevistados da área rural informa ataques às espécies silvestres, mesmo sem serem treinados para atividades cinegéticas, tratando-se do extinto natural do animal. Estes ataques acontecem quando os cães acompanham os seus donos em atividades agrícolas ou até em áreas próximas as residências. As principais espécies capturadas são *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758), (tatu peba), *Salvator merianae* (Duméril & Bibron, 1839) (teju) e *Galea spixii* (Wagler, 1831) (preá) e geralmente a carne desses animais é aproveitada para consumo humano, também sendo aproveitada a banha (gordura) do teju, usada como zooterápico.

Um total de sete informantes, disseram que seus cães foram atacados por serpentes, geralmente em áreas agrícolas ou durante atividades de caça, nestes casos, as serpentes são mortas pelo dono do cão, quando possível, porém, nem sempre os cães conseguem sobreviver. Dois criadores mencionaram que seus cães foram alvejados com arma de fogo por vizinho, o que pode refletir questões de conflitos pessoais.

Informantes (n=20) relataram que cães atacaram ou abateram animais (caprino, bovino, suíno). Nestes casos, informaram que os cães podem ser sacrificados pelos seus próprios criadores ou pelos donos dos rebanhos que foram mortos. Alguns respondentes, disseram amarrar seu cão quando este tem suspeita de ataque a rebanhos de animais. No entanto, é possível que alguns tenham omitido informações de ataque pelo fato de ser um assunto comprometedor e gerar uma situação de desentendimento na vizinhança.

Um total de 141 entrevistados (área rural e urbana) informou ter criado cães que já morreram (morreram com idade avançada, vítimas de doenças (calazar, “virose” e câncer),

vítimas de “bolas”, em colisões com automóveis ou motocicletas, e de causas desconhecidas). No entanto, alguns entrevistados (n=21) da área rural e da área urbana mencionaram que a relação entre os mesmos e seus cães foram dissociadas pelos seguintes motivos: animal desapareceu (n=9), foi sacrificado (n=4), abandonado (n=4), roubado (n=2) e, trocado por outros cães (n=2). Os proprietários associaram os desaparecimentos a possíveis envenenamentos dos cães. Com relação ao abandono de cães, observou-se durante a coleta de dados na área urbana e foi informado por alguns entrevistados (n=7), o abandono de cães nas ruas por vizinhos ou por pessoas que eles conheciam (**figura 09**).



Figura 09- Exemplos de cães abandonados (área urbana), município de Taperoá, PB, Brasil. **A:** Cão de rua, visivelmente acometido por alguma doença, **B:** Cães abandonados (segundo vizinhos, moradora mudou-se e os deixou para trás). (Foto: Sebastiana Lima dos Santos, 2020).

Discussão

Cuidados veterinários, formas que os cães são mantidos e alimentação

Em nossa pesquisa, cães da área urbana na maioria das vezes recebem cuidados mais adequados, na alimentação, cuidados higiênicos e veterinários. Os donos de cães com uma renda mais elevada dispensam melhores cuidados aos animais, isto pode estar associado à escolha da raça e finalidade do cão. Monsalve et al. (2018) em seu estudo realizado em Pinhais, Brasil, relata que casos de negligência com animais estão associadas a condições econômicas desfavoráveis e ao baixo nível de escolaridade dos proprietários. Levando em consideração de que, na área urbana da nossa área de pesquisa, pessoas mantêm cães de raça,

com finalidades de pets, sendo estes os que apresentavam maiores frequências de cuidados veterinários e higiênicos, indicando que cães de raça tem tratamento melhor que sem raça definida. Uma tendência semelhante foi registrada por Fielding e Mather (2001), em seu estudo sobre propriedades de cães, nas Bahamas, onde cães que não são de raça recebiam um nível mais baixo de assistência médica do que os cães de raça definida.

Com relação ao local que os cães eram mantidos, a maioria dos cães da zona rural era mantida abaixo de árvores próximas as residências dos proprietários, sob as sombras dessas árvores, sobretudo em áreas rurais. Já na área urbana os cães são mantidos nos quintais cercados junto ao domicílio, geralmente por trás da entrada da residência dos criadores. Situação similar é apontada por Fielding et al. (2012), no estudo sobre cuidados e atitudes dos donos com seus cães, em Porto Príncipe (área urbana), República do Haiti, onde a maioria dos cães era mantida solta no quintal da residência. Outro estudo realizado na Rússia (área urbana) menciona que o cão era mantido na maioria das vezes no quintal, destes, somente metade eram acorrentados (Bekova e Makenov, 2018).

A maioria dos cães não tem permissão dos donos para entrar e permanecer dentro do domicílio, somente cães pets (a maioria era de raça), da área urbana, possuíam acesso a casa e compartilhavam de móveis das residências, enquanto na área rural vira-latas sempre permaneciam fora da casa, estes possuíam apenas utilidades de sentinelas e caça. Como apontado no estudo de Hsu et al. (2003), sobre práticas de manutenção de cães, em Taiwan, as famílias da cidade tendiam a manter cães dentro de casa e as famílias rurais os mantinham ao ar livre ou com acesso ao ar livre. Provavelmente, cães que permanece dentro do lar, tem mais contato com os donos e recebem mais atenção. O trabalho de Fielding & Plumridge (2005), sobre cães, na Ilha da Nova Providência, Bahamas, relata que os cães mantidos dentro do lar provavelmente eram considerados um companheiro, enquanto os cães que eram mantidos fora eram utilizados para segurança.

A maioria das refeições dos cães consistia de sobras de comida caseira das famílias, portanto, não ocasionavam grandes custos aos proprietários. Na área rural, alguns criadores informaram dar vísceras ou ossos com “garras” de carnes cruas aos cães. Refeições exclusivas de ração ocorreram somente na área urbana, especialmente para cães de raça, criados como animais de estimação, sugerindo que criadores destes cães possuem condições financeiras mais elevadas que criadores das áreas rurais. Outros estudos também apontaram que a maioria das refeições oferecidas aos cães pelos donos consistia de sobras de comida caseira (Orihuela & Solano, 1995, Sepúlveda et al., 2014, Cury et al., 2016). Schafer & Farnworth (2019), em seu estudo que trata do nível de cuidados dos cães recebidos pelos donos, em Ilhas Marianas

(Guam e Saipan), descrevem que cães mais preferidos eram alimentados com ração, enquanto os cães mestiços recebiam as sobras das alimentações caseiras.

A maioria dos entrevistados (área rural e urbana) mencionou ração como refeição mais saudável para seu animal, mas justificaram não os alimentar com esse tipo de refeição devido aos custos. Alguns entrevistados da área rural relataram que comida caseira é a mais apropriada, porque a ração pode causar problemas à saúde do animal ou, pode aumentar o peso de cães de caça, afetando seu desempenho ou porque não acham necessário que o animal alimente-se de ração. Tais informações sugerem que os tipos de refeições são influenciados pelas condições financeiras e níveis de informações dos criadores.

Entrevistados mencionaram caminhar com seus cães ou soltá-los de vez em quando para tal ato, o que é importante para o bem-estar dos animais, principalmente para os que permanecem amarrado-acorrentados por longos períodos. Assim como em nossa pesquisa, Bekova e Makenov (2018) relata que em áreas urbanas da Rússia, proprietários de cães informaram passear frequentemente com seu animal.

Proprietários da zona urbana relataram conhecer vizinhos ou pessoas que já abandonaram cães. Duas criadoras da área urbana mencionaram ter “dó” de cães que foram abandonados e quando possível colocavam recipientes com comidas e água na rua para os animais, porém, seus vizinhos descartavam esses recipientes, propositalmente, e por vezes, batiam nos animais. Um morador relatou que sua vizinha mudou-se de casa e abandonou os cães. Estudos que tratam sobre o abandono de cães mencionam que poucos criadores ou ex-proprietários de cães admitiram ter abandonado um dos seus cães na rua, sendo que as razões mais comuns apontadas pelos entrevistados para abandonar um cão eram o seu comportamento, a quantidade de animais em casa, custo do animal com manutenção e mudanças no estilo de vida dos proprietários (Salman et al., 1998, Hsu et al., 2003).

É possível, que em nossa pesquisa entrevistados tenham omitido informações sobre o abandono de cães. Segundo alguns estudos, manter os cães dentro de casa, ter cuidados veterinários assíduos podem resultar em maior atenção às necessidades dos animais, e assim, reduzir o risco do abandono (Patronek et al., 1996, Shore et al., 2006).

Com relação às vacinações dos cães, a maior parte foi vacinada contra raiva, através das campanhas de vacinação gratuitas. Corroborando com outros estudos em outras partes do mundo, onde a vacinação dos cães ocorreu através das campanhas gratuitas ofertadas pelo Ministério da Saúde (Knobel et al. 2008, Fielding et al. 2012, Bekova & Makenov, 2018, Schafer & Farnworth, 2019). Em alguns casos, essas vacinas acontecem em pontos estratégicos, e alguns criadores de nossa pesquisa informaram não vacinar, quando não tinha

condições de conduzir o animal e quando não eram informados da data de vacinação, o que demonstra ainda a falta de divulgação e vacinação eficiente.

Na área urbana, cães pets (especialmente cães de raça), eram vacinados com frequência para prevenção de algumas doenças em clínicas veterinárias, além da vacina antirrábica. Alguns entrevistados da área urbana e áreas rurais relataram insegurança na confiabilidade da vacinação nas campanhas gratuitas e por isso não vacinar, evidenciando falta de esclarecimento por parte dos donos. Segundo Orihuela & Solano (1995), em seu estudo sobre demografia de populações dos cães, Miacatlan, México, somente uma pequena quantidade de vacinações antirrábicas foram realizadas por veterinários em clínicas privadas.

No que diz respeito às zoonoses, em nossa pesquisa, os respondentes estavam cientes sobre as doenças que os cães podiam transmitir (principalmente, escabiose, “verminoses”, raiva). Apesar disso, as vacinações mencionadas por eles, eram na maioria somente para raiva, e apenas uma parte dos entrevistados disseram realizar algum tipo de tratamento de vermifugação e controle de ectoparasitas, mas não havia uma frequência destes, e a maioria não lembrava a medicação usada. Segundo Ortega-Pacheco et al. (2007), em seu estudo sobre cães, os entrevistados estavam cientes sobre as doenças transmitidas por cães, tendo a escabiose, a raiva e parasitoses intestinais reconhecidos como doenças comuns transmissíveis.

Práticas Etnoveterinária

Informantes da área rural mencionaram algumas práticas Etnoveterinária. Tais práticas são disseminadas os moradores da região, que por sua vez, relataram não dispor de condições em custear tratamentos ou medicações nas clínicas veterinárias e dificuldades de acesso a estas. Confessor et al. (2009), em seu estudo na região nordeste do Brasil, descrevem além do uso de zooterápicos, uma associação de plantas medicinais ou outros recursos em práticas etnoveterinárias. Assim como em nossa pesquisa, Agra et al. (2007), relata o uso do látex da *Jatropha molissima* (Pohl) Baill (Pinhão-bravo), e *Jatropha ribifolia* (Pohl) Baill, (Pinhão-de-purga), para tratar picadas de cobras, no Cariri paraibano do Brasil. Práticas e crenças zooterápicas na medicina etnoveterinária na região do nordeste brasileiro são frequentes (Barboza et al., 2007, Alves, 2009, Souto et al., 2011, Souto et al., 2012).

Conflitos

Muitos donos relataram amarrar seu cão para não ter problemas com vizinhos ou problemas quando cães vagueiam livremente, pois, podem atacar outros animais domésticos (galinhas, bodes, ovelhas) ou se alimentar de seus produtos (ovos, entre outros), ou ainda, para não correr o risco de serem alvos de “bola”, já que é comum a prática de envenenamento de cães na região, principalmente na área rural, o que evidencia conflitos indiretos entre cães e

moradores que não são proprietários desses. Além disso, cães que abateram rebanhos de animais, foram mortos para evitar problemas/conflitos com moradores da região que perderam espécimes dos seus rebanhos. Geralmente, cães se juntam e atacam rebanhos de caprinos, quando não abatem estes, deixam feridos. De acordo com Sepúlveda et al. (2014), em seu estudo na Floresta temperada Chilena, cães domésticos foram mortos porque mataram animais domésticos, situação similar a nossa pesquisa.

Considerações finais

Em nosso estudo, foram apresentadas algumas formas de tratamentos dirigidas aos cães. Constatou-se que cães da área urbana dispõem de melhores cuidados por partes dos seus proprietários que cães das áreas rurais, principalmente na saúde dos cães, com vacinações além da antirrábica, já que esta é ofertada nas campanhas gratuitas pelo Ministério da Saúde. Considerando o fato de que criadores, principalmente das áreas rurais, não dispõem de condições financeiras para custear outras vacinas e medicações, além das dificuldades de acesso as clínicas veterinárias. Dessa forma, pelo menos, outros tipos de vacinas deveriam ser ofertadas gratuitamente, buscando a prevenção de possíveis doenças nos cães e transmissão destas aos seres humanos.

No que diz respeito aos conflitos pessoais entre proprietários de cães nas comunidades rurais, é necessário desenvolver estratégias para que cães não sejam alvos de maus tratos ou abatidos, pois, qualquer dono de cão pode ter problemas pelo ataque de cães aos animais domésticos e outros produtos, já que faz parte do extinto natural do animal. Algumas medidas poderiam ser adotadas pelos donos, como exemplo, amarrar os cães principalmente em períodos noturnos, já que estes costumam vaguear nesse período juntamente com outros cães, atacando rebanhos geralmente ao anoitecer ou amanhecer. Outro problema é o ataque de cães a pessoas, quando os cães podem ser alvos de morte por tal ato. Por isso, são importantes intervenções educacionais, oficinas e esclarecimentos através de meios que vinculem informações sobre o animal.

Evidencia-se, a necessidade de novos estudos que investiguem o bem-estar dos cães em outras áreas, principalmente, em grandes centros urbanos, que provavelmente as interações e tratamentos dirigidos aos cães são distintos da nossa área de estudo. Em grandes áreas urbanas a predisposição de manter cães deve ser companhia, e com proprietários de cães com perfis socioeconômicos distintos de nossa área de pesquisa. Os fatores sociais e econômicos influenciam no relacionamento das pessoas com seus cães, bem como, nos cuidados dispensados (na alimentação, vacinação, entre outros) aos cães. Então, faz-se

necessário discutir sobre tais relações e através de programas e leis efetivas para estabelecer medidas que garantam o bem-estar animal.

Referências

- ABINPET, Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação, 2017. Dados do mercado. Manual Pet Food Brasil 9ª edição. Acesso em: 23-09-2019. <http://abinpet.org.br/faq/>.
- Agra, M.F; Baracho, GS, Nurit, K; Basílio, I.J.L.D; Coelho V.P.M. Diversidade medicinal e venenosa da flora do "Cariri Paraibano", Brasil. *Journal of Ethnopharmacology*, v.111, n.2, p. 383-395, 2007. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jep.2006.12.007>.
- Alves, R.R.N; Mendonça, L.E.T; Confessor, M.V.A; Vieira, W.L.S; Lopez, L.C.S. Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v.5, n.12, p.1-50, 2009. <http://dx.doi.org/10.1186/1746-4269-5-12>.
- Barboza, R.R.D, Souto, W.M.S; Mourão, J.S. The use of zootherapeutics in folk veterinary medicine in the district of Cubati, Paraíba State, Brazil, *Journal Ethnobiology Ethnomedicine*, v.3, n.32, p. 1-14, 2007.
- Beck, A.M. *The Public Health Implications of Urban Dogs*. New York City Department of Health, 1975.
- Bekova, S; Makenov, M. Two Sides of the City: Dog-keeping Practices in Russian Urban Areas, *Anthrozoös*, v.31, n.4, p. 423-432, 2018. <http://dx.doi.org/10.1080/08927936.2018.1482114>.
- Bir, C; Croney, C.C; Widmar, N.J.O. US Residents' Perceptions of Dog Welfare Needs and Canine Welfare Information Sources. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 22, n.1, p.42-68, 2019. <https://doi.org/10.1080/10888705.2018.1476862>.
- Clutton-Brock, J. Origins of the dog: domestication and early history. In: Serpell, J. (Ed.). *The domestic dog: Its evolution, behaviour, and interactions with people*. Cambridge University Press, Cambridge. p 7-20p, 2008.
- Confessor, M.V.A; Mendonca, L.E.T; Mourao, J.S; Alves, R.R.N. Animals to heal animals: ethnoveterinary practices in semi- arid region, Northeastern Brazil, *J Ethnobiology Ethnomedicine*, v.5, n.1, p. 1-37, 2009.
- Coppinger, R. & Schneider, R. Evolution of working dogs. In: Serpell, J. (Eds) *The Domestic Dog. Its Evolution, Behaviour, and Interactions with People*. Cambridge University Press, Cambridge, UK. p. 21-47, 1995.
- Cury, N.H.D.A; Massara, R.L; de Oliveira Paschoal, A.M; Soriano-Araújo, A; Lobato, Z.I.P; Demétrio, G.R; Chiarello, A.G; Passamani, M. Prevalence and risk factors for viral exposure in rural dogs around protected areas of the Atlantic forest. *BMC Vet*. v. 12, n. 1, 2016.

Doherty, T.S; Dickman, C.R; Glen, A.S; Newsome, T.M; Nimmo, D.G; Ritchie, E.G; Vanak, A.T; Wirsing, A.J. The global impacts of domestic dogs on threatened vertebrates. *Biological Conservation*, v. 210, p.56-59, 2017.

Driscoll, C.A; Macdonald, D.W. Top dogs: wolf domestication and wealth. *Journal of Biology*, v.9, n.10, p.2-6, 2010. <http://www.biomedcentral.com/1741-7007/8/16/>.

Feldmann, B. M. The Problem of Urban Dogs (Editorial). *Science* 185:903, 1974.

Fielding, W.J; Gall, M; Green, D; Eller, W. S. Care of Dogs and Attitudes of Dog Owners in Port-au-Prince, the Republic of Haiti, *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v.15, n.3, p.236-253, 2012. <http://dx.doi.org/10.1080/10888705.2012.683760>.

Fielding, W.J; Mather, J. Dog ownership in the West Indies: A case study from the Bahamas. *Anthrozoös*, v. 14, p. 72-80, 2001.

Fielding, W.J; Plumridge, S.J. Characteristics of owned dogs on the island of New Providence, The Bahamas. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v.4, p. 245-260, 2005.

Gompper, M.E. The dog-human-wildlife interface: assessing the scope of the problem. In: Gompper, M.E. Ed. *Free-Ranging Dogs and Wildlife Conservation*. Oxford University Press, Oxford, p. 9–54, 2014b.

Hsu, Y; Severinghaus, L.L; Serpell, J.A. Dog keeping in Taiwan: Its contribution to the problem of free-roaming dogs. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 6, p. 1–23, 2003.

Hughes, J; Macdonald, D.W. A review of the interactions between free-roaming domestic dogs and wildlife. *Biol. Conserv.* v.157, p. 341–351, 2013. <http://dx.doi.org/10.1016/j.biocon.2012.07.005>.

Kantere, M; Athanasiou, L.V; Chatzopoulos, D.C; Spyrou, V; Valiakos, G; Kontos, V; Billinis, C. Enteric pathogens of dogs and cats with public health implications. *American Journal of Animal and Veterinary Sciences*, v.9, n.2, p. 84-94, 2014. ISSN:1557-4555.

Knobel, D.L; Laurenson, M.K; Kazwala, R.R; Boden, L.A; Cleaveland, S.A. Cross-sectional study of factors associated with dog ownership in Tanzania. *BMC Veterinary Research*, v. 4, n.5, p. 1-10, 2008. <http://dx.doi.org/10.1186/1746-6148-4-5>.

Kumar, A; Paliwal, R. Feral dogs of Spiti Valley, Himachal Pradesh: An emerging threat for wildlife and human life. *Current Science*, v.108, p.1799–1800, 2015.

Monsalve, S; Hammerschmidt, J; Izar, M.L; Marconcin, S; Rizzato, F; Polo, G; Garcia, R. Associated factors of companion animal neglect in the family environment in Pinhais, Brazil. *Preventive Veterinary Medicine*, v. 157, p. 19–25, 2018.

Morey, D.F. *Dogs: Domestication and the development of a social bond*. Cambridge University Press, Cambridge, 2010.

Orihuela, T.A; Solano, V.J. Demographics of the Owned Dog Population in Miacatlan, Mor. Mexico, *Anthrozoös*, v. 8, n. 3, p. 171-175, 1995. <http://dx.doi.org/10.2752/089279395787156356>.

Ortega-Pacheco, A; Rodriguez-Buenfil, J.C; Bolio-Gonzalez, M.E; Sauri-Arceo, C.H; Jiménez-Coello, M; Forsberg, C.L. A survey of dog populations in urban and rural areas of Yucatan, Mexico. *Anthrozoös*, v. 20, p. 261-274, 2007. <http://dx.doi.org/10.2752/089279307X224809>.

Patronek, G.J; Glickman, L.T; Beck, A.M; McCabe, G.P; Ecker, C. Risk factors for relinquishment of dogs to an animal shelter. *Journal of the American Veterinary Medical Association* v. 209, p. 572–581, 1996.

Salman, M.D; New., Jr, J.G; Scarlett, J.M; Kass, P.H; Ruch-Gallie, Hetts, S. Human and Animal Factors Related to Relinquishment of Dogs and Cats in 12 Selected Animal Shelters in the United States, *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v.1, n.3, p. 207-226, 1998. http://dx.doi.org/10.1207/s15327604jaws0103_2.

Savolainen P; Zhang Y; Luo J; Lundeberg J; Leitner, T. Genetic evidence for an East Asian origin of domestic dogs. *Science*. v. 298, p.1610-1613, 2002.

Schafer, N.P; Farnworth, M. Residents Management of, and Attitudes Towards, the dog population on two mariana Islands. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, p. 2-16, 2019. <https://doi.org/10.1080/10888705.2019.1594230>.

Sepúlveda, M.A; Singer, R.S; Silva-Rodriguez, E; Stowhas, P; Pelican, K. Domestic Dogs in Rural Communities around Protected Areas: Conservation Problem or Conflict Solution? *PLoS One*, v. 9, n. 1, 2014.

Shore, E.S; Michelle, L; Riley, M.R; Douglas, D.K. Pet owner behaviors and attachment to yard versus house dogs, *Anthrozoös*, v.19, n. 4, p. 325-334, 2006. <http://dx.doi.org/10.2752/089279306785415466>.

Social Pet. Rede social animal - Rede social para animais. Disponível em: www.social-pet.com. Acesso: 01/10/2018.

Souto, W.M.S; Barboza, R.R.D; Mourão, J. S; Alves, R.R.N. Traditional knowledge of sertanejos about Zootherapeutic practices used in ethnoveterinary medicine of NE Brazil, *Indian Journal of Traditional Knowledge*, v. 11, n.2, p. 259-265, 2012.

Souto, W.M.S; Mourão, J.S; Barboza, R.R.D; Alves, R.R.N. Parallels between zootherapeutic practices in Ethno-veterinary and Human Complementary Medicine in NE Brazil, *Journal Ethnopharmacol*, n.134, p. 753-767, 2011.

Vanak, A.T; Dickman, C.R; Silva-Rodriguez, E.A; Butler, J.R.A; Ritchie, E.G. Top-dogs and under-dogs: competition between dogs and sympatric carnivores. *Free-Rang. Dogs Wildl. Conserv.* p. 69-93, 2013.

Vanak, A.T & Gompper, M.E. Interference competition at the landscape level: the effect of free-ranging dogs on a native mesocarnivore. *Journal of Applied Ecology*, v.47, p.1225–1232, 2010.

VET FOOD, Cães e gatos. Levantamento: mercado pet brasileiro. 2018. Disponível em: <http://caesegatos.com.br/levantamento-mercado-pet-brasileiro-movimenta-r-34-4-bilh-es-em-2018>. Acesso: 14-08-2019.

Wierzbowska, I.A; Hędrzak, M; Popczyk, B; Okarma, H; Crooks, K.R. Predation of wildlife by free-ranging domestic dogs in Polish hunting grounds and potential competition with the grey wolf. *Biol. Conserv.* v. 201, p. 1-9, 2016. <http://dx.doi.org/10.1016/j.biocon.2016.06.016>.

Young, J.K; Olson, K.A; Reading, R.P; Amgalanbaatar, S; Berger, J. Is wildlife going to the dogs? Impacts of feral and free-roaming dogs on wildlife populations. *Bioscience*, v. 61, p. 125–132, 2011. <http://dx.doi.org/10.1525/bio.2011.61.2.7>.

Capítulo III

O PAPEL DOS CÃES NAS ATIVIDADES DE CAÇA EM UMA ÁREA NO SEMIÁRIDO DO NORDESTE BRASILEIRO

Sebastiana Lima Santos¹, Rômulo Romeu Nóbrega Alves²

¹Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação, Departamento de Biologia, Universidade Estadual da Paraíba, Avenida das Baraúnas, 351, Campus Universitário, Bodocongó, 58109-753, Campina Grande, PB, Brasil. Email: tianalima09@gmail.com

²Departamento de Biologia, Universidade Estadual da Paraíba, Avenida das Baraúnas, 351, Campus Universitário, Bodocongó, 58109-753, Campina Grande, PB, Brasil. Email: romulo_nobrega@yahoo.com.br

Resumo

O uso de cães para caça de espécies silvestres é uma estratégia bastante praticada na região semiárida nordestina do Brasil e traz uma maior eficiência de espécies capturadas durante as expedições cinegéticas. Além disso, a caça com cães exerce uma maior pressão sob determinadas espécies nativas, especialmente, as que permitem perseguição via terrestre e possuem hábitos noturnos. Diante disso, esta pesquisa objetivou investigar as espécies silvestres mais pressionadas pela caça com auxílio de cães e a eficiência do uso de cães comparado a outras estratégias de caça, bem como, o impacto sob as espécies silvestres exploradas. Foram utilizados questionários semiestruturados e conversas informais contendo perguntas referentes às atividades cinegéticas, principalmente relacionadas à utilização de cães na caça. Todos os entrevistados (n=47) afirmaram caçar com auxílio de cães sem raça definida (vira-latas), 64% dos caçadores declararam caçar somente no período noturno, tendo como espécies-alvo *Conepatus semistriatus* (tacaca), *Euphractus sexcinctus* (tatu peba), *Dasypus novemcinctus* (tatu verdadeiro) e *Tamandua tetradactyla* (tamanduá). Além da utilização do cão, foram informadas outras estratégias para as mesmas espécies alvo, sendo indicada pela maioria dos caçadores (n=38; 81%) a técnica de gaiola. Os caçadores criam cães para a captura de mamíferos selvagens e podem aumentar o número de espécimes capturadas comparado a outras técnicas de caça, no entanto, algumas espécies nativas não alvos das caçadas, podem ser perseguidas ou abatidas pelos cães. Dessa forma, cães são treinados para a captura de mamíferos silvestres, o que impacta negativamente a conservação destas espécies. Evidencia-se a necessidade de planos de conservação para as espécies mais pressionadas com essa estratégia de caça e que levem em consideração aspectos socioeconômicos e culturais de caçadores que caçam com cães.

Palavras-chave: Etnozoologia, caça com auxílio de cães, espécies-alvo, conservação.

Abstract

The use of dogs for hunting wild species is a strategy widely practiced in the semi-arid region of northeastern Brazil and brings greater efficiency to species caught during hunting expeditions. In addition, hunting with dogs puts greater pressure on certain native species, especially those that allow hunting on land and have nocturnal habits. Therefore, this research aimed to investigate the wild species most pressured by hunting with the help of dogs and the efficiency of the use of dogs compared to other hunting strategies, as well as the impact on the exploited wild species. Semi-structured questionnaires and informal conversations containing questions related to hunting activities were used, mainly related to the use of dogs in hunting. All respondents (n = 47) claimed to hunt with the help of mixed breed dogs (mongrels), 64%

of hunters declared to hunt only at night, having as target species *Conepatus semistriatus* (tacaca), *Euphractus sexcinctus* (tatu peba), *Dasyurus novemcinctus* (true armadillo) and *Tamandua tetradactyla* (anteater). In addition to the use of the dog, other strategies for the same target species were informed, with the cage technique being indicated by most hunters (n = 38; 81%). Hunters breed dogs to capture wild mammals and can increase the number of specimens captured compared to other hunting techniques, however, some native species that are not the target of hunting, can be chased or slaughtered by dogs. Thus, dogs are trained to capture wild mammals, which negatively impacts the conservation of these species. There is a clear need for conservation plans for the species most pressured by this hunting strategy and taking into account socioeconomic and cultural aspects of hunters who hunt with dogs.

Keywords: Ethnozoology, hunting with the aid of dogs, target species, conservation.

Introdução

A caça é definida como a extração de qualquer animal selvagem de seu meio natural (Nasi et al., 2008). Os animais são caçados por diversos motivos, para o consumo da carne, proteção de pessoas ou animais domésticos, criação e comércio de animais, na medicina popular, ou uma combinação destes (Alves et al., 2007, Inskip e Zimmerman, 2009, Barbosa et al., 2011, Mendonça et al., 2011, Alves et al., 2012, Albuquerque et al., 2012, Oliveira et al., 2017). A caça pode ser praticada para fins de subsistência, ou está ligada a atividades de recreação e entretenimento, e no caso do semiárido nordestino, atualmente parece estar mais direcionada a esta última (Alves 2009, Alves et al., 2012, Barboza et al., 2016).

Na caça de animais silvestres, diversas estratégias podem ser utilizadas, entre elas, o uso de cães, (*Canis familiaris*) (Linnaeus, 1758), (Koster, 2008a, Alves et al., 2009, Alves et al., 2010a, Barbosa et., 2011, Barboza et al., 2011, Barboza et al., 2016). Esses animais começaram a ser domesticados há mais de 15 mil anos, provavelmente foram assistentes na caça, o que pode ter facilitado sua domesticação (Savolainen et al., 2000, Muller 2002, Driscoll e Macdonald, 2010). Desde então, se mostraram úteis para atividades de caça, prática esta, que persiste até os dias de hoje (Koster, 2008a, Alves 2009, Barboza et al., 2016).

A caça com a assistência de cães é uma técnica ativa (com a presença do caçador) e traz uma maior eficiência de espécies capturadas durante as expedições de caça (Alves et al., 2009, Alves et al., 2010a, Barboza et al., 2011), aumentando a quantidade de espécies nativas caçadas quando comparada à caça sem uso de cães (Redford e Robinson, 1987, Koster 2008a, Koster 2008b). Além de que, esses animais são capturados independentemente do sexo ou estados reprodutivos (Alves et al., 2009, Barboza et al., 2011). No entanto, algumas pesquisas sobre a caça com auxílio de cães, não fornecem evidências de que essa estratégia tem um maior impacto sobre as populações de animais (Koster & Noss 2014, Constantino, 2018), o que pode estar relacionado ao hábito e características das espécies de cada região. Vale

ressaltar que, a caça com o auxílio de cães quando combinada com outras estratégias, como por exemplo, armas de fogo, pode resultar em uma caça mais potencializada (Koster 2008c, Alves et al., 2009, Hanazaki et al., 2009), o que é considerado um desafio para a conservação animal.

A utilização de cães exerce uma maior pressão sob determinadas espécies nativas, especialmente as que permitem perseguição via terrestre e possuem hábitos noturnos (Koster, 2008a). Cães possuem uma alta capacidade olfativa e são eficazes na detecção de muitas espécies terrestres, e tem como alvo espécies nativas mais resistentes, algumas das quais, caçadas exclusivamente com a assistência de cães (Koster 2008a, Constantino, 2018). Em áreas rurais no Panamá, a caça com uso de cães é relacionada com a extinção local de espécies selvagens (Ventocilla et al., 1995). Além disso, cães podem capturar espécies nativas de forma indiscriminada, inclusive espécies silvestres que não eram alvos de caça, o que também faz aumentar o número e a diversidade de espécimes caçados (Trinca & Ferrari, 2006, Koster, 2008a, Koster 2008b, Koster & Noss, 2014). Como por exemplo, espécies ameaçadas de extinção que são mortas por caçadores porque ameaçam a vida dos cães após serem encurralados, mas não são alvos intencionais de caça (Koster 2008a, Koster 2008b, Mendonça et al., 2011).

Na região semiárida do Nordeste brasileiro, a caça com o uso de cães, tem como principal alvo mamíferos de médio porte, como a *Conepatus semistriatus* (Boddaert, 1785) (tacaca), *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758), (tatu peba), *Dasybus novemcinctus* (Linnaeus, 1758) (tatu verdadeiro), *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus, 1758) (tamanduá), (Alves et al., 2009, Alves et al., 2010a, Barbosa et al., 2011, Barboza et al., 2016). No entanto, outras espécies podem ser capturadas com o auxílio de cães durante expedições de caça diurnas, como aves (*Crypturellus spp.*) e répteis (*Salvator merianae*) (Alves et al., 2009, Alves et al., 2010a). O que é preocupante para conservação, já que espécies nativas da região semiárida brasileira apresentam forte declínio populacional ou até mesmo sua extinção local (Alves et al., 2016). No Brasil, a caça é uma prática cultural amplamente registrada tanto na região semiárida do Nordeste (Alves et al., 2009, Alves et al., 2012, Barbosa, et al., 2011, Barboza et., 2011, Mendonça et al., 2015, Barboza et., 2016, Oliveira et al., 2017) quanto em áreas da região amazônica (Bonaudo et al., 2002, Trinca, 2004, Bonaudo, 2005, Trinca e Ferrari, 2006, Bizri, 2014, Constantino, 2018).

Dessa forma, cães são frequentemente auxiliares de caça em áreas rurais e Peri-urbanas do semiárido nordestino brasileiro. Apesar de diversos estudos registrarem a caça com o uso de cães, pouco se sabe sobre os efeitos que cães podem exercer sob determinadas

espécies nativas. No presente estudo investigamos as espécies silvestres mais pressionadas pela caça com auxílio de cães e a eficiência do uso de cães comparado a outras estratégias de caça, tendo em vista, o impacto sob espécies silvestres ameaçadas de extinção, além de caracterizar os contextos socioeconômicos e culturais das pessoas que praticam essa atividade de caça. Foram testadas as seguintes hipóteses: a) Mamíferos silvestres são mais frequentemente caçados com o auxílio de cães por permitirem perseguição via terrestre e serem alvos preferenciais de caça, b) Quando se usa cães a captura de espécies é potencializada, quando se compara ao uso de outras estratégias de caça utilizadas e a quantidade de espécimes caçados de uma mesma espécie é maior.

Metodologia

Área de estudo (ver capítulo I)

A presente pesquisa foi realizada em sete localidades rurais do município de Taperoá, Paraíba: Sítio Umbuzeiro, Sítio Lagoa da Onça, Sítio Bugiga, Sítio Pedra D'água, Sítio Carnaubinha, Sítio Jatobá da Serra e Sítio Acauã. Além das áreas rurais, em três bairros da área urbana: Centro da cidade, São José e Alto da Conceição. Foram entrevistados somente os integrantes que caçam com a assistência de cães e que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa.

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada de outubro de 2018 a maio de 2019. Foram realizadas visitas mensais às comunidades pesquisadas. As informações sobre as interações das pessoas com seus cães foram obtidas por meio de questionários semiestruturados (Bernard, 1994), complementados por entrevistas livres e conversas informais (Huntington, 2000, Mello 2003, Albuquerque et al., 2010). Os questionários foram aplicados somente aos moradores locais que exercem atividades de caça. Além do perfil socioeconômico de cada caçador, durante as entrevistas foram obtidas informações sobre quais animais silvestres são caçados, quantos cães utiliza para caça, se há preferência entre macho e fêmea para os cães de caça, motivo pelo qual se caça (alimentação, comercialização, lazer), quais as outras estratégias usadas para caça, quantidade de animais caçados por expedição (com auxílio de cães e com outras estratégias de caça), como acontece à caça com auxílio de cães, se já houve abate de espécies silvestres para defender o cão, se treinou o cão para caça ou se comprou treinado, entre outras perguntas. A seleção dos informantes foi realizada por meio da técnica de amostragem bola de neve (snowball) (Bailey, 1994) que é utilizada para uma seleção intencional de informantes, a partir de um contato inicial com um informante que indica outro e assim sucessivamente. Os

informantes-chave (caçadores mais experientes) foram selecionados pelo critério de “especialistas nativos”, que são as pessoas reconhecidas pela comunidade como culturalmente competentes (Marques, 1995).

Os nomes dos espécimes capturados com o auxílio de cães foram registrados como mencionados pelos entrevistados para posterior identificação com taxonomistas familiarizados com a fauna da área de estudo e também, baseados em estudos etnozoológicos realizados para o semiárido (Alves et al., 2009, Alves 2010a, Alves et al., 2012a, Barbosa et al., 2011). Para verificar o status de conservação das espécies registradas foram utilizados o livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção (Machado et al., 2008) e a lista vermelha de IUCN (International Union for Conservation of Nature), (IUCN, 2020). Antes de cada entrevista foi explicada a natureza e os objetivos da pesquisa e solicitada a permissão aos entrevistados para registrar as informações.

No intuito de buscar respostas fidedignas dos entrevistados sobre práticas de atividades de caça com auxílio de cães, nos primeiros contatos buscou-se iniciar um diálogo agradável, envolvendo temas como interações com seu cão, afeto e treinamento de obediência do cão, prazer de caçar com o apoio de cães e do contato com a natureza. Conforme a conversa informal foi tomando aspecto descontraído, as perguntas do questionário sobre caça foram introduzidas. Além disso, realizou-se mais de um contato com boa parte dos caçadores, com intuito de manter confiança entre pesquisador e informante, e ainda para fotografar espécimes caçados e técnicas de captura.

Aspectos éticos (ver capítulo I)

Resultados

No total, foram entrevistados 47 caçadores que utilizam cães para localizar e capturar animais silvestres. Os parâmetros socioeconômicos dos caçadores são apresentados na **tabela 01**. A grande maioria dos entrevistados é composta por homens (n=43; 91%) e a faixa etária predominante pertence à cota entre 41-50 anos. A renda predominante entre os caçadores é de até 500,00 reais (n=16; 34%) e 501,00 a 1.000,00 reais (n=16; 34%). Os caçadores apresentam diferentes níveis de escolaridade, com prevalência para caçadores que cursaram até o Ensino Fundamental. Com relação à profissão, a maioria dos caçadores (n=37; 79%) é composta por agricultores.

Tabela 01 - Parâmetros socioeconômicos dos caçadores (n=47) do município de Taperoá, PB, Brasil.

| Parâmetros | Total | % |
|-----------------------------------|--------------|----------|
| Gênero | | |
| Homens | 43 | 91 |
| Mulheres | 4 | 9 |
| Categoria de idade | | |
| 20 ou menos | 1 | 2 |
| 21-30 | 6 | 13 |
| 31-40 | 10 | 21 |
| 41-50 | 15 | 32 |
| 51-60 | 9 | 19 |
| 61-70 | 1 | 2 |
| 71-80 | 4 | 9 |
| 81 ou mais | 1 | 2 |
| Renda mensal por lar (R\$) | | |
| Não declarou | 1 | 2,1 |
| Até 500 | 16 | 34 |
| 501 a 1.000,00 | 16 | 34 |
| 1.001,00 a 1.500,00 | 3 | 6,4 |
| 1.501,00 a 2.000,00 | 8 | 17,1 |
| 2.001,00 a 2.500,00 | 2 | 4,3 |
| 2.501,00 a 3.000,00 | 1 | 2,1 |
| Nível de escolaridade | | |
| Analfabeto | 10 | 21 |
| Apenas escreve o nome | 7 | 15 |
| Ensino fundamental I incompleto | 12 | 26 |
| Ensino fundamental II incompleto | 13 | 28 |
| Ensino Médio completo | 3 | 6 |
| Ensino superior completo | 1 | 2 |
| Ensino superior incompleto | 1 | 2 |
| Profissão (a) | | |
| Agricultor | 37 | 79 |
| Pedreiro | 4 | 9 |
| Confeiteiro | 2 | 4 |
| Porteiro | 1 | 2 |
| Assistente social | 1 | 2 |
| Microempresário | 1 | 2 |
| Agente escolar | 1 | 2 |

Todos os entrevistados (n=47) afirmaram caçar com auxílio de cães sem raça definida (vira-latas), somente quatro entrevistados também relatam caçar com cão da raça perdigueiro, neste caso, essa raça de cão é utilizada nas caçadas diurnas de lambus (*Crypturellus* sp.), na qual, o cão fareja e afugenta a ave, para que o caçador a alveje com arma de fogo, em seguida o cão captura a ave abatida. A maioria dos informantes (n=34; 72%) afirma que seus cães sem raça definida além de serem capazes de caçar uma variedade de espécies silvestres, incluindo algumas espécies de aves, adaptam-se melhor na região e às suas condições socioeconômicas.

A maioria dos informantes informa (n=43; 91%) que os cães de caça são mantidos presos próximos as suas residências. A maior parte dos respondentes (n=36; 77%) afirma conduzir dois cães treinados nas expedições de caça, no entanto, alguns caçadores (n=8; 17%)

declaram conduzir três. Os caçadores justificam uma caça mais produtiva com o auxílio de dois cães, pois um cão estimula o outro. Todavia, quando se caça com três cães ou mais, a caça pode se tornar improdutiva, devido a conflitos entre os cães.

Quando questionados se os caçadores preferem caçar com cães machos ou fêmeas, 36% (n=17) dos respondentes declaram preferir caçar com o auxílio de cães machos, porque estes não procriam, enquanto, 32% (n=15) dizem preferir as fêmeas, justificando que estas são mais habilidosas. No entanto, parte dos entrevistados (n=14; 30%) declaram caçar tanto com a fêmea quanto com o macho (o casal), alegando que as fêmeas são mais ativas e incentivam o cão macho a caçar mais espécies silvestres durante as caçadas.

Com relação ao período que se caça, 64% dos caçadores declaram caçar somente no período noturno. Todos os informantes (n=47) afirmam que as espécies-alvo de caçadas ocorrem no período noturno, e são as seguintes: *C. semistriatus* (tacaca), *E. sexcinctus* (tatu peba), *D. novemcinctus* (tatu verdadeiro) e *T. tetradactyla* (tamanduá) (**tabela 02**). Essas espécies são perseguidas exclusivamente com o auxílio de cães. No entanto, segundo os entrevistados, algumas espécies de hábito diurno, como *Salvator merianae* (Duméril & Bibron, 1839) - teju, *Crypturellus tataupa* (Temminck, 1815) - Lambu do pé roxo, *Crypturellus parvirostris* (Wagler, 1827) - Lambu do pé vermelho, *Nothura boraquira*, (Spix, 1825) - cordoniz e *Galea spixii* (Wagler, 1831) - preá, podem ser capturadas à noite com o uso de cães de caça quando estão em sua “dormida”, porém, os caçadores que utilizam cães não têm como alvo principal a caça desses animais, quando casualmente capturados, a carne é consumida ou doada como presente a vizinhos ou amigos. Um total de 33 respondentes afirma que a espécie *S. merianae*, devido ao hábito diurno, é capturada por cães durante esse turno. Essa espécie tem a carne consumida pela população local, adicionalmente, alguns caçadores (n=17) afirmam retirar a banha desse animal para uso zoterápico.

Em unanimidade, os entrevistados afirmam que cães de caça podem ir ao encalço tanto de espécies-alvo, ou seja, aquelas que o caçador tem intenção de capturar, quanto de espécies não alvo, indicando que os caçadores não têm controle sob quais espécies podem ser capturadas pelos cães durante as expedições de caça. De acordo com os respondentes (n=47), algumas espécies capturadas pelos cães não alvos das caçadas podem ter a carne usada para consumo humano, é o caso de mamíferos predadores como *Leopardus tigrinus* (Schreber, 1775) - Gato do mato mirim, *Herpailurus yagouaroundi* (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1803) - Gato do mato vermelho, *Leopardus pardalis* (Linnaeus, 1758) - Gato do mato maracajá, *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758) - Camaleão, roedores como, *Galea spixii* (Wagler, 1831) - preá e *Kerodon rupestris* (Wied, 1820) - mocó e algumas aves. No entanto, outras espécies

abatidas por cães não têm valor utilitário para os caçadores e são descartadas, são elas: *Procyon cancrivorus*, (Cuvier, 1798) - Guaxinim, *Didelphis albiventris*, (Lund, 1840) - Timbu, *Galictis cuja*, (Molina, 1782) - furão, *Cerdocyon thous* (Linnaeus, 1766) - raposa e Guará (espécie não identificada).

Tabela 02 - Espécies cinegéticas caçadas com auxílio de cães no semiárido do estado da Paraíba. Legendas: Espécie-alvo: 1; Espécie não-alvo: 0; Finalidades de usos: A - alimentação, Z - zooterápico, C - controle, - sem uso; Categorias da IUCN (2019.2): LC - Menor preocupação, VU - Vulnerável.

| Ordem / Família / Nome científico / Nome comum local | Espécie-alvo 1 Espécie não-alvo 0 | Nº de citações | Usos | Status de Conservação IUCN |
|--|--------------------------------------|----------------|------|----------------------------|
| Carnivora - Mephitidae - <i>Conepatus semistriatus</i> (Boddaert, 1785) - Ticaca | 1 | 47 | A; Z | LC |
| Cingulata - Dasypodidae - <i>Euphractus sexcinctus</i> (Linnaeus, 1758) - Tatu peba | 1 | 47 | A | LC |
| Cingulata - Dasypodidae - <i>Dasyopus novemcinctus</i> (Linnaeus, 1758) - Tatu verdadeiro | 1 | 47 | A | LC |
| Pilosa - Myrmecophagidae - <i>Tamandua tetradactyla</i> (Linnaeus, 1758) - Tamanduá | 1 | 47 | A; C | LC |
| Squamata - Teiidae - <i>Salvator merianae</i> (Duméril & Bibron, 1839) - Teju | 0 | 33 | A; Z | LC |
| Carnivora - Canidae - <i>Cerdocyon thous</i> (Linnaeus, 1766) - Raposa | 0 | 33 | - | LC |
| Didelphimorphia - Didelphidae - <i>Didelphis albiventris</i> (Lund, 1840) - Timbu | 0 | 30 | - | LC |
| Carnivora - Felidae - <i>Herpailurus yagouaroundi</i> (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1803) - Gato do mato vermelho, gato do mato azul | 0 | 18 | A | LC |
| Carnivora - Felidae - <i>Leopardus tigrinus</i> (Schreber, 1775) - Gato do mato mirim, gato do mato pintado | 0 | 18 | A | VU |
| Carnivora - Felidae - <i>Leopardus pardalis</i> (Linnaeus, 1758) - Gato do mato maracajá | 0 | 18 | A | LC |
| Rodentia - Caviidae - <i>Galea spixii</i> (Wagler, 1831) - Preá | 0 | 16 | A | LC |
| Carnivora - Mustelidae - <i>Galictis cuja</i> (Molina, 1782) - Furão | 0 | 13 | - | LC |
| Guará - Espécie não identificada | 0 | 9 | - | |
| Carnivora - Procyonidae - <i>Procyon cancrivorus</i> (Cuvier, 1798) - Guaxinim | 0 | 5 | - | LC |
| Squamata - Iguanidae - <i>Iguana iguana</i> (Linnaeus, 1758) - Camaleão | 0 | 3 | A | LC |
| Tinamiformes - Tinamidae - <i>Crypturellus tataupa</i> (Temminck, 1815) - Lambu do pé roxo | 0 | 2 | A | LC |
| Tinamiformes - Tinamidae - <i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1827) - Lambu do pé vermelho | 0 | 2 | A | LC |
| Rodentia - Caviidae - <i>Kerodon rupestris</i> (Wied, 1820) - Mocó | 0 | 1 | A; Z | LC |
| Tinamiformes - Tinamidae - <i>Nothura boraquira</i> (Spix, 1825) - Cordoniz | 0 | 1 | A | LC |
| Cariamiformes - Cariamidae - <i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766) - Seriema | 0 | 1 | A | LC |

A grande maioria dos caçadores (n=46) consome e aprecia a carne das espécies-alvo da caça com auxílio de cães (**Figura 01**), do contrário, doam o produto da caça para parentes ou amigos. Um total de 17 entrevistados declara que produtos e subprodutos dos animais cinegéticos (carne assada *in natura*, ossos triturados, caldo do cozimento da carne) podem ser usados como zoterápico, especialmente para tratar reumatismo (**Tabela 02**). Apenas dois entrevistados afirmam comercializar espécies silvestres na região.



Figura 01 - Espécie capturada com auxílio de cães. **A:** *C. semistriatus* (tacaca), espécime capturado; **B:** limpeza inicial do animal ainda no campo de caça; **C:** Animal já com pelo retirado, pronto para “tratar”; **D:** animal limpo, pronto para o cozimento.

Quando perguntados, por que caçam com o auxílio de cães e não somente com outras estratégias de caça, 98% (n=46) dos caçadores afirmam que apenas o cão é capaz de localizar e perseguir as espécies-alvo, além de ser uma prática prazerosa, segundo eles. Ademais, na maioria dos casos, o uso de armadilhas requer conhecimento prévio do local onde se encontra a toca dos animais ou de seus rastros. Parte dos entrevistados (n=32; 68%) afirma caçar exclusivamente por esporte (entende-se localmente o termo “esporte” como lazer e entretenimento) e não por necessidade da proteína animal. Todavia, alguns informantes (n=12) informam caçar por apreciar o sabor da carne das espécies-alvo.

Os caçadores reportam outras técnicas adicionais que podem ser empregadas na captura das espécies-alvo da caça com auxílio de cães as quais, eventualmente, capturam espécies não alvo. Mais de uma estratégia é mencionada por cada caçador (**figura 02**), sendo a “gaiola de peba” a mais citada (n=38), (**figura 03**), a qual, também captura outras espécies

silvestres como *C. semistriatus* (tacaca), *E. sexcinctus* e *D. novemcinctus* (tatu verdadeiro). Essa armadilha cinegética geralmente é posicionada na entrada do esconderijo do animal, quando o animal infiltra-se na gaiola aciona o gatilho que bloqueia sua saída. Uma discreta parte dos caçadores (n=6) informou capturar até dois animais numa única armadilha. Outra estratégia de caça citada é o “toco” (n=10) (**figura 03**), um método de captura não seletiva, a qual é fabricada artesanalmente pelos caçadores com cano de aço e munições do tipo cartucho, funcionando de maneira semelhante a uma arma de fogo e que pode abater qualquer animal que cruze o caminho. Essas técnicas e as demais mencionadas pelos caçadores direcionadas às espécies-alvo caçadas com auxílio de cães estão indicadas na **Figura 02**, estas estratégias já foram reportadas para o semiárido paraibano.

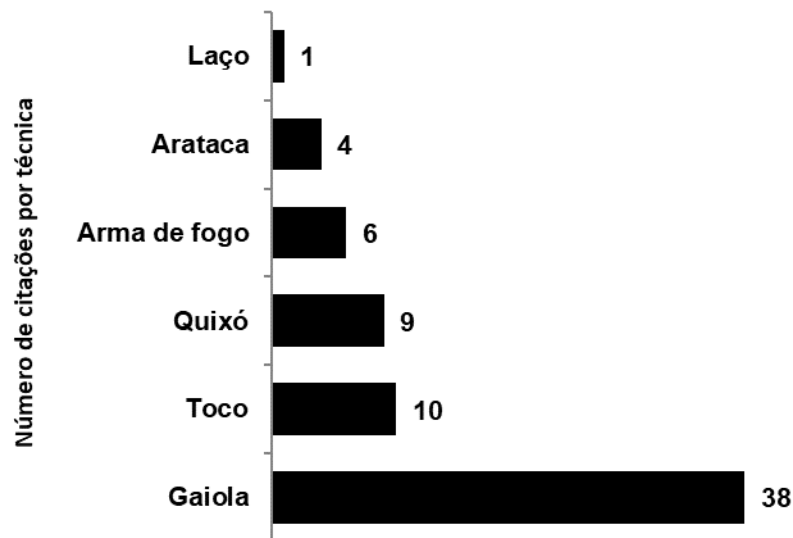


Figura 02- Estratégias de caça mencionadas pelos caçadores, município de Taperoá, PB, Brasil.

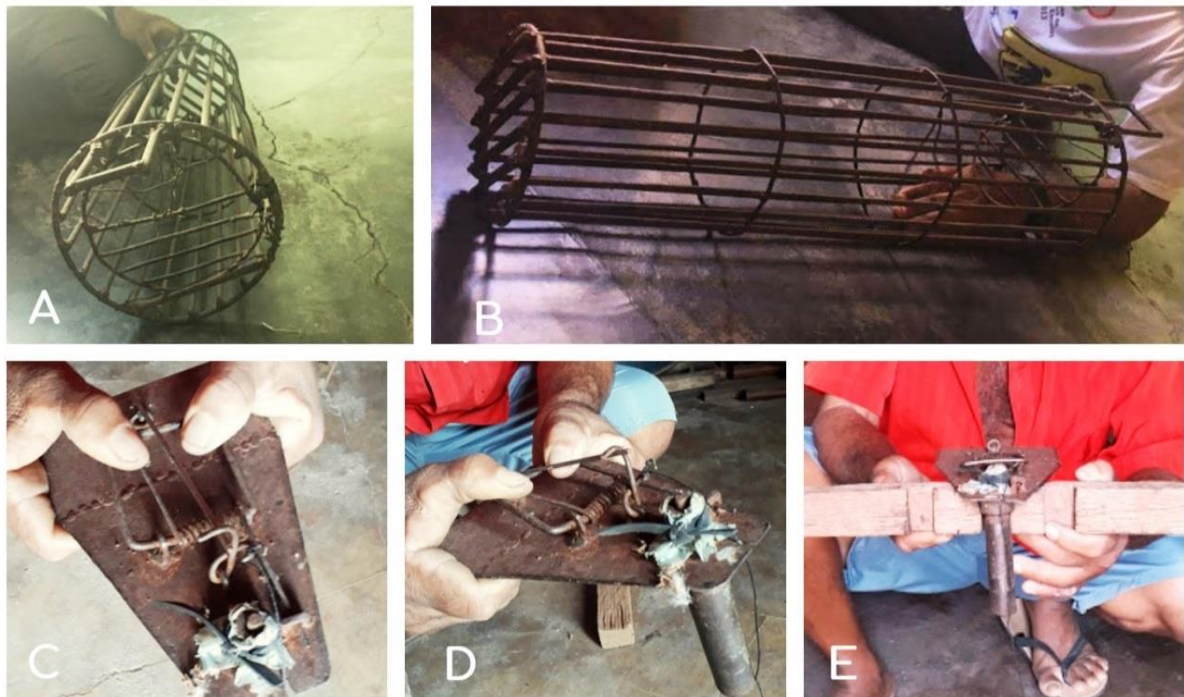


Figura 03 - **A**: Visão da abertura da gaiola de peba, **B**: Visão horizontal da gaiola de peba. Etapas na construção da técnica toco, mostrado por caçador em sua residência, **C**: Ratoeira; **D**: Estrutura com ratoeira e cano; **E**: Estrutura com ratoeira, cano e base de madeira. Município de Taperoá, PB, Brasil.

Todos os entrevistados (n=47) afirmam que com a utilização de cães é possível capturar uma maior quantidade de espécies-alvo quando comparam com outras estratégias de caça sem uso de cães, podendo caçar um número elevado da mesma espécie ou de espécie-alvo distintas. Do número total dos caçadores, a maioria (n=25; 53%) afirma que já capturaram dois indivíduos por expedição de caça com cães, das espécies *E. sexcinctus*, e *C. semistriatus*, de acordo com o discurso dos caçadores, esse número pode chegar até seis indivíduos por caçada. Um número total de 42 entrevistados informou já ter capturado a espécie *D. novemcinctus*, destes, a maior parte (n=19) informou a captura de dois indivíduos por expedição, enquanto outra parte significativa de respondentes (n=16) capturou apenas um. Apenas 25 caçadores mencionaram a captura para a espécie de *T. tetradactyla*, destes, a maioria (n=23) alegou caçar um espécime. Os caçadores citaram o número de indivíduos capturados para cada espécie-alvo.

A diversidade e quantidade de espécies caçadas com o auxílio dos cães podem variar bastante e nem sempre é possível capturar uma ou várias espécies-alvo em uma expedição, dependendo, segundo parte dos entrevistados (n=24; 51%), de treinamento/experiência do cão, ou até da sorte, conforme o discurso de outra parte (n=22; 47%). Excluindo o uso do cão, as demais técnicas de caça podem render, no máximo, a captura de dois indivíduos de uma

mesma espécie por caçada, sendo comum a captura de um indivíduo pela maioria dos caçadores (n=41). Conforme a maioria dos caçadores (n=41) o uso de cães dispensa uso de muitas armadilhas e estas, quando são utilizadas, nem sempre garantem sucesso de captura, uma vez que geralmente as armadilhas são montadas em áreas distantes, sendo necessária nova expedição para checa-las e desmontá-las, representando para os caçadores, desperdício de tempo, energia e dinheiro. Por esse motivo, caçadores revelaram que dificilmente usam outra estratégia além do cão e indicam em seus discursos que a caça com cães é mais prazerosa do que qualquer outra técnica.

Em totalidade, os caçadores informam levar apetrechos para auxiliar na caça com auxílio de cães (**figura 04**), sejam eles usados na captura das espécies cinegéticas ou para a proteção do caçador e cão. O uso de armas de fogo é citado por alguns caçadores (n=18), sendo possível a omissão de informações sobre o uso de armas de fogo nas caçadas por se tratar de assunto comprometedor.

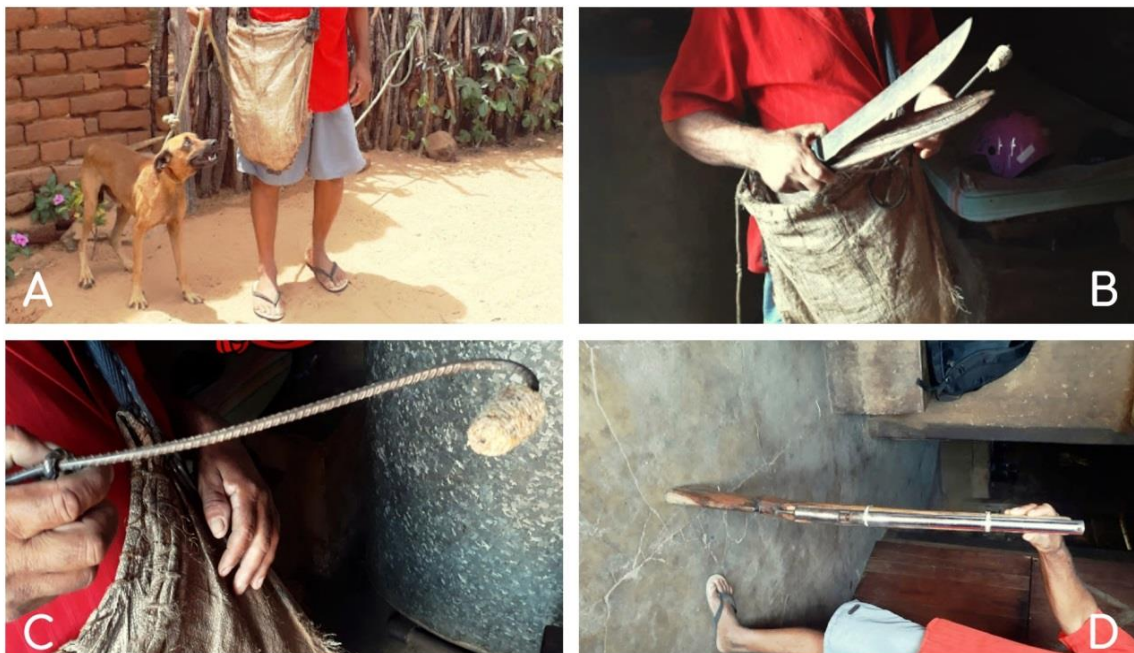


Figura 04 - Instrumentos usados na caça. **A:** Caçador com cão de caça e “bisaco”; **B:** “Bisaco” e facão usado pelo caçador; **C:** Gancho de ferro ou “preaca” usado para puxar ou abater o animal quando está no “buraco”, de difícil acesso; **D:** Arma de fogo.

Segundo todos os caçadores (n=47), a espécie *E. sexcinctus* (peba) é a espécie-alvo mais encontrada e capturada nas expedições de caça com o uso de cães, apenas três caçadores também afirmam que tanto *E. sexcinctus* (peba) quanto *C. semistriatus* (tacaca) são as espécies mais capturadas. Os caçadores justificam que há maior abundância dessas espécies e maior facilidade de captura quando comparada aos outros mamíferos alvos de caça. Em

conformidade com todos os caçadores, a espécie *E. sexcinctus* é a mais fácil de ser capturada devido à sua pouca agilidade na fuga, além de ser comumente encontrado em vegetações abertas, o que facilita sua caça. A espécie *D. novemcinctus* (verdadeiro), segundo parte dos entrevistados (n=31; 66%), é menos abundante e de difícil captura para os cães, além do que, esse animal é muito ágil e, quando perseguido pelos cães, consegue se esconder em locais de difícil acesso. Caçadores apreciam o sabor da carne dessa espécie e alegam que somente cães bem treinados para caça conseguem capturá-la.

A espécie *T. tetradactyla* (tamanduá) é mencionada pelos caçadores (n=39; 83%), como a espécie-alvo mais difícil de ser avistada, o que pode sugerir diminuição da espécie que, apesar de ser arborícola, permite perseguição via terrestre. Alguns caçadores (n=30; 64%) informam que já abateram *T. tetradactyla* para proteger seus cães de caça, pois há uma relação de conflito entre os caçadores e o animal cinegético, este último se sente ameaçado quando perseguido pelos cães, atacando-o como defesa. Um total de 12 entrevistados relata abater serpentes para proteger seu cão.

Todos os caçadores (n=47) afirmam que cães podem capturar ou abater animais silvestres sem distinção entre macho e fêmea ou filhotes e adultos. Porém parte dos entrevistados (n=17; 36%) declara que quando o cão captura fêmeas prenhas com vida, elas são devolvidas à mata (**figura 05**), já os filhotes encontrados, são levados pelos caçadores para suas residências (**figura 05**). Há ainda alguns respondentes (n=14; 30%) que alegam capturar tanto fêmeas prenhas, como filhotes, mantendo-os em cativeiro para posterior abate em momento oportuno. É perceptível o receio dos entrevistados quando relatam o abate ou captura de fêmeas prenhas e filhotes e isso pode indicar a omissão de informações por parte de alguns.



Figura 05 - **A:** Caçador mostrando fêmea de *E. Sexcinctus* (peba); **B:** *E. sexcinctus* sendo solta pelo caçador, seguindo a trilha após soltura; **C:** Pebas em cativeiro na residência do caçador.

De acordo com a percepção dos informantes (n=29; 62%), a abundância local das espécies-alvo, encontra-se baixa devido à elevada quantidade de caçadores. Já alguns respondentes (n=8; 17%) declaram que a abundância local dos animais silvestres é baixa porque os caçadores não respeitam o período reprodutivo das espécies. Com relação à frequência das atividades de caça com a assistência de cães, a maioria dos caçadores (n=33; 70%) declaram caçar semanalmente (**figura 06**). Alguns caçadores (n=19; 40%) informam levar os cães de caça para as suas atividades na agricultura, e que seus cães já capturaram espécies nativas, como por exemplo, *E. sexcinctus* e *G. spixii*, *S. meriana*.

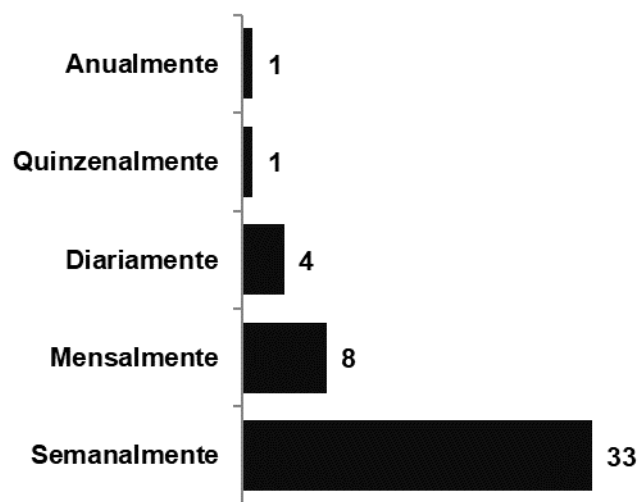


Figura 06 frequência de caça pelos caçadores com o auxílio de cães, município de Taperoá, PB, Brasil.

Os caçadores (n=47) afirmam que no período chuvoso (inverno) espécies-alvo saem de suas “tocas” para forragear por haver mais alimento disponível nessa época. Todavia, a melhor época para o caçador realizar as atividades cinegéticas é o período do verão (período seco), os caçadores justificam que nesse período a mata está mais aberta possibilitando melhor visualização dos animais caçados, e menor esforço no percurso da caça, além do que, no período chuvoso, a maioria dos caçadores está ocupada em suas atividades na agricultura, do qual demanda bastante energia.

Treinamento dos cães e caça de perseguição

A maioria dos entrevistados (n=34; 72%) afirma treinar seu cão para as atividades cinegéticas, apenas alguns caçadores (n=8; 17%) relataram que adquiriram o cão já treinado. O custo de um cão treinado para a caça pode variar de 300,00 a 6.000,00 reais, segundo os

caçadores (**Figura 07**). Entretanto, a maioria dos caçadores (n=40; 85%) afirma que não vende seus cães de caça, os demais, afirmam comercializar.

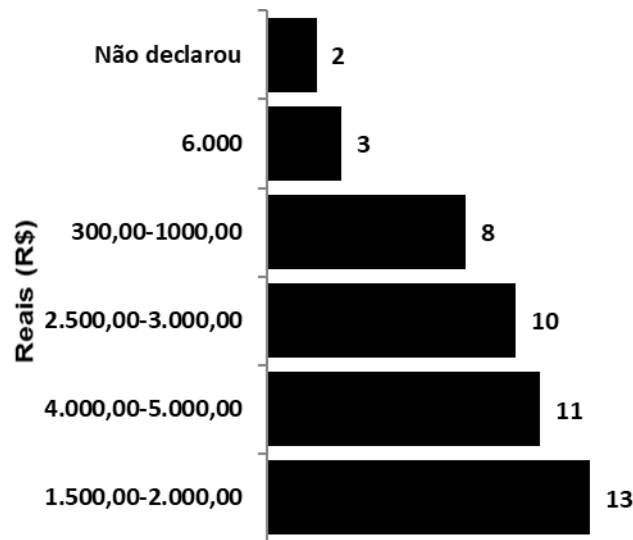


Figura 07 - Custo em média de cães de caça, mencionados pelos caçadores, município de Taperoá, PB, Brasil.

O treinamento do cachorro ocorre com o auxílio de outro cachorro já experiente, colocando os dois para caçarem juntos em áreas de caça, no intuito de repetir a técnica do cão já treinado. Alguns caçadores mantêm espécies cinegéticas em cativeiro, principalmente de *E. sexcinctus*, onde o solta a nas proximidades da residência para que o cão sinta o cheiro e encurrale a presa. A duração do treinamento dos cães para a caça pode levar de seis meses a dois anos, segundo os caçadores, o ideal é que o cão inicie o treinamento ainda jovem, entre três e seis meses de idade. Cães já treinados para as atividades cinegéticas são menos habilidosos ao caçar em ambientes desconhecidos por estes, ou seja, que nunca caçou anteriormente, retornando junto ao caçador em curto intervalo de tempo, conforme relatado pela maior parte dos informantes (n=31; 66%).

Em unanimidade os caçadores caçam com a utilização de cães durante o período noturno, geralmente é praticada em grupo e é conduzida pelos cães que adentram a vegetação, farejando e “acuando” (denominação local que significa encurralar) as presas (**figura 08**). Cães são treinados para avisar aos caçadores quando a presa estiver acuada e não para abatê-las, o que não ocorre sempre. Os caçadores relatam que às vezes, o cão abate particularmente a espécie *E. sexcinctus*, perfurando a parte ventral na cabeça da presa, chamado pelos caçadores do local de “sangria” do animal. Pode acontecer ainda, de o cão perseguir a presa

até que esta se refugie em sua toca, sendo necessário o uso de instrumentos pelo caçador para retirá-las (seja para cavar a toca ou para puxar o animal da toca com um gancho).

Caçadores declaram que reconhecem através do latido do cão que tipo de presa foi encontrada, o local em que ela está encurralada ou se ainda o cachorro está “pegado” com a caça (expressão local que significa que o cachorro está atacando à presa). Por exemplo, quando o cão está rosnando ferozmente significa que está “pegado” com a presa, quando o latido é mais espaçado, quer dizer que o animal está acuado na sua toca, quando o latido ecoa, significa que o animal está acuado em seus esconderijos, **figura 08**.



Figura 08: A: Cães encurralando a espécie *E. sexcinctus*; B: *E. sexcinctus* abatida; C: Cães na perseguição da presa refugiada em esconderijo; D: Cães encurralando a espécie *C. semistriatus*.

De acordo com boa parte dos informantes (n=29; 62%) cães de caça nunca fugiram durante as atividades cinegéticas para a mata, mas segundo poucos entrevistados (n=9), o cão de caça já fugiu e não retornou as suas residências, neste caso, caçadores sugerem que os cães podem ter sido alvos de envenenamento nas áreas de caça, através iscas de carne envenenadas ou com pedaços de vidro, uma vez que, proprietários de áreas rurais não estão de

acordo com atividades de caça em suas áreas privadas porque muitos caçadores causam prejuízos aos proprietários. Os demais entrevistados (n=9) declaram que os cães fugiram durante as caçadas, no entanto, retornaram após alguns dias para suas residências. Para evitar que os cães sejam alvos de envenenamentos nas atividades de caça, alguns caçadores (n=5) empregam o uso de focinheiras nos cães, que também servem para impedir que os cães abatam as presas (**figura 09**). Um caçador mencionou que algumas equipes de caça em regiões circunvizinhas utilizam GPS na coleira dos cães para identificar o local onde este se encontra.



Figura 09 - A; B: Focinheira usada no cão de caça, mostrado pelo caçador em sua residência.

Discussão

Nossos resultados demonstraram que cães de caça são criados para a captura de mamíferos selvagens que são alvos preferencias dessa estratégia, podendo elevar o número de animais nativos caçados em uma única expedição, o que corrobora com estudos em outras partes do mundo, que sugerem que cães aumentam as taxas de captura de determinadas espécies nativas (Redford e Robinson 1987, Koster 2008a). Assim, consideramos válida nossa hipótese de que mamíferos selvagens de habito noturno são os mais frequentemente caçados com auxílio de cães, pois, sem o auxílio desses animais treinados, dificilmente seriam avistados, perseguidos e capturados.

A estratégia de usar cães para o enalço das presas, otimiza o tempo e a energia dispensada pelos caçadores na atividade cinegética e possibilita a captura de maior quantidade e diversidade de animais cinegéticos por expedição. Situação similar é relatada por outros autores sobre essa capacidade dos cães de detectar espécies noturnas que, de outra forma, poderiam passar despercebidas pelos caçadores em excursões diurnas (Koster, 2008b, Newton et al., 2008). Koster (2008a) registrou que, com auxílio de cães, caçadores da Nicarágua

encontraram oito vezes mais cutias do que caçadores sem cães, e espécies noturnas tais como pacas (*Cuniculus paca*) e tatus-verdadeiros (*Dasypus novemcinctus*) foram tipicamente localizados em jornadas de caça com uso de cães. Assim como em nossa pesquisa, além do uso de cães, diversas estratégias de caça foram registradas na região semiárida nordestina do Brasil, para a captura de mamíferos nativos, (Alves et al., 2009, Barbosa et al., 2011, Barboza et al., 2011, Santos et al., 2018).

T. tetradactyla (tamanduá) e *D. novemcinctus* (tatu verdadeiro) foram indicadas como as espécies menos encontradas pelos informantes dessa pesquisa, sendo difícil de ser localizada durante as atividades cinegéticas, em razão de sua baixa abundância. Os caçadores consideram essa diminuição ao número elevado de caçadores que existiam antigamente, desmatamento para agricultura e períodos de estiagem prolongada como indicadores da redução dessas espécies. Sugerindo que a caça com auxílio de cães e diminuição do hábitat são agravadores para o declínio populacional. Essas espécies constam na lista da IUCN como, "LC" - de Menor Preocupação, todavia, pesquisas etnobiológicas realizadas no semiárido do Nordeste brasileiro já apontam possível declínio populacional ou até ameaças de extinção em locais específicos dessas espécies, alvos da prática da caça (Barboza et al., 2011, Barboza et al., 2016, Mendonça et al., 2016, Oliveira et al. 2017).

T. tetradactyla, não consta como espécie vulnerável na lista da IUCN (2020), no entanto, está incluída na categoria vulnerável em lista vermelhas estadual nos estados do Rio Grande do Sul e Minas Gerais (Chiarello et al., 2008). Alguns caçadores afirmaram que a fêmea dessa espécie tem períodos menstruais e já ter observado tal fato quando estas são capturadas, tendo aversão ao consumo da carne desta, sendo doada a parentes ou amigos que consomem a carne, mesmo se tratando de uma crença conhecida por famílias de caçadores locais, a espécie continua sendo caçada, os caçadores justificam que não se tem controle na captura da fêmea ou macho.

Em nossa pesquisa, “gatos do mato” não são alvos da caça com auxílio de cães, porém, podem ser localizados e, capturados por cães. Essas espécies são consideradas difíceis de ser encontradas na região ultimamente. A espécie *L. tigrinus*, de acordo com a lista da IUCN (2020), encontra-se na categoria vulnerável, também consta na lista brasileira de animais ameaçados do Brasil (Machado et., 2008). De acordo com Mendonça et al. (2015) em pesquisa no semiárido paraibano, a espécie *H. yagouaroundi* parece estar em declínio, segundo os entrevistados de sua pesquisa. De uma perspectiva conservacionista, as preocupações com o uso de cães de caça dependem do status das espécies que podem ser caçadas com auxílio de cães (Koster e Noss, 2014).

Cães são treinados para caça e capazes de localizar espécies de difícil acesso, contudo, não selecionam as espécies-alvo das caçadas, podendo caçar qualquer espécie silvestre. Além do que, podem capturar espécies silvestres independentemente da idade, sexo ou estado reprodutivo. Situação similar é relatada por outros estudos na região semiárida (Alves et al., 2010a, Barboza et al., 2011), evidenciando que essa prática de caça pode aumentar a pressão de caça sob determinadas espécies silvestres.

A caça é uma atividade cultural transmitida ao longo de gerações, que permanece até os dias atuais, e atualmente apresenta algumas facilidades, como por exemplo, viajar através de veículos motorizados, (cães são levados nos veículos em caixotes) aos locais de caça distantes, arma de fogo e acesso à internet, onde atividades de caça são combinadas através de aplicativos gratuitos (*via whatsapp*). Tais facilidades torna a caça ainda mais potente.

A caça é atividade ilegal reconhecida pelos caçadores da região, muitos caçadores não aceitaram fazer parte da pesquisa por medo e desconfiança. Essa recusa e desconfiança é uma situação partilhada por outros pesquisadores etnozoológicos do Brasil, visto que a caça de espécies silvestres é proibida no Brasil (Alves e Souto, 2011). Algumas informações nessa pesquisa podem ter sido omitidas, como por exemplo, o uso frequente de armas de fogo, já que caçadores pareciam incomodados em dialogar sobre tal uso.

Considerações finais e implicações conservacionistas

Atividades cinegéticas persistem na área pesquisada, apesar da caça ser uma atividade ilegal, que é amplamente reconhecida no Brasil (Art. 29 da Lei Federal 9605/98 - Lei de Crimes Ambientais), tendo os caçadores desta pesquisa o conhecimento dessas implicações legais. A caça com auxílio de cães tem como alvo a captura de mamíferos nativos de grande a médio porte, é uma prática esportiva e o abate é direcionado para o consumo da carne e demais subprodutos podem ser aproveitados na medicina popular.

Espécies cinegéticas são registradas na lista da IUCN ou em listas estaduais, e de acordo com a que busquem percepção dos caçadores algumas espécies estão em declínio, o que evidencia a necessidade de alternativas minimizarem o impacto sobre as espécies nativas causadas pela caça. Conforme sugerido por Alves et al. (2012), ações destinadas a minimizar os impactos nas populações animais são essenciais e devem incluir os seguintes fatores: a) elaboração de programas educacionais para o manejo da fauna silvestre com forte componente do direito ambiental e sua efetiva aplicação e b) estabelecimento de canais de comunicação entre instituições acadêmicas e governamentais e as populações humanas envolvidas em atividades de caça (Alves et al, 2010a). A elaboração de planos de manejo e

conservação deve-se levar em consideração o contexto socioeconômico e cultural dos caçadores e em concordância com estes, pois qualquer plano sem concordância dos usuários será fracassado.

Referências

Albuquerque, U.P, Lima, E.A; Souto, A; Bezerra, B; Freire, E.M.X; Sampaio, E; Casas, F.L; Moura, G; Pereira, G; Melo, J.G.; Alves, M; Rodal, M; Schiel, M; Neves, R.L; Alves, R.R.N; Azevedo-Junior, S; Telino, Junior, W. Caatinga revisited: ecology and conservation of an important seasonal dry forest. *Scientific World Journal*, p.1-18, 2012. <http://dx.doi.org/10.1100/2012/205182>.

Alves, R.R.N. Fauna used in popular medicine in Northeast Brazil. *Journal Ethnobiology Ethnomedicine*, v. 5, n.1, p.1-30, 2009. <http://dx.doi.org/10.1186/1746-4269-5-1>.

Alves, R.R.N; Feijó, A; Barboza, R.R.D; Souto, W.M.S, Fernandes-Ferreira, H; Cordeiro-Estrela, P; Langguth, A. Game mammals of the Caatinga biome. *Ethnobiology and Conservation* v.5, p.1-51, 2016. doi:10.15451/ec2016-7-5.5-1-51.

Alves, R.R.N; Gonçalves, M.B; Vieira, W.L.S. Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido Brasileiro. *Tropical Conservation Science*, v. 5, n.3, p. 394-416, 2012.

Alves, R.R.N; Mendonça, L.E.T; Confessor, M.V.A; Vieira, W.L.S; Lopez, L.C.S. Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v.5, n.12, p.1-50, 2009. Doi:10.1186/1746-4269-5-12.

Alves, R.R.N; Mendonça, L.E.T; Confessor, M.V.A; Vieira, W.L.S; Vieira, K.S; Alves, F.N. Caça no semiárido paraibano: uma abordagem etnozoológica. In: Alves, R.R.N; Souto, W.M.S; Mourão, J.S. (eds.), *Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas*. Recife, NUPEEA, 2010a.

Alves, R.R.N; Rosa, I.L; Santana, G.G. The role of animal-derived remedies as complementary medicine in Brazil. *BioScience*, v. 57 n.11, p. 949-955, 2007.

Alves, R.R.N; Souto, W.M.S. Etnozoologia: uma breve introdução. *Ethnobiol Conserv*, v.4, p 1-13. <http://dx.doi.org/10.15451/ec2015-1-4.1-1-13>, 2015.

Barbosa, J.A.A; Nobrega, V.A; Alves, R.R.N. Hunting practices in the semiarid region of Brazil. *Indian Journal of Traditional Knowledge*, v.10, n .3, p .486-490, 2011.

Barboza, R.R.D; Lopes, S.F; Souto, W.M.S; Ferreira-F, H; Alves, R.R.N. The role of game mammals as bushmeat In the Caatinga, norernandestheast Brazil. *Ecology and Society* v.2, p.2-21, 2016.

Barboza, R.R; D; Mourão, J.S; Souto, W.M.S; Alves, R.R.N. Knowledge and Strategies of Armadillo (*Dasypus novemcinctus* L. 1758 and *Euphractus sexcinctus* L. 1758) Hunters in the Sertão Paraibano, Paraíba State, Ne Brazil. *Bioremediation, Biodiversity & Bioavailability*, v.5, p.53-59, 2011.

Bizri, H.R; Araújo, L.W.S; Araújo, W.S; Melo, L.M; Valsecchi, J. Captura de pacas (*Cuniculus paca*) na Amazônia: uma comparação entre métodos científicos e uma técnica tradicional de caça. Livro de Resumos, Simpósio sobre Conservação e Manejo Participativo na Amazônia (11.:2014: Tefé, AM), 2014.

Bonaudo, T; Le Pendu, Y; Albuquerque, N. Caça de animais silvestres na Rodovia Transamazônica. In: Simpósio Internacional da Iufro, manejo integrado de florestas úmidas neotropicais por indústrias e comunidades: aplicando resultados de pesquisa, envolvendo atores e definindo políticas públicas, Belém, 2002. atas.... Belém: cifor; embrapa Amazônia Oriental, p. 338-343, 2002.

Bonaudo, T; Le Pendu, Y; Faure, J.F; Quanz, D. The effects of deforestation on wildlife along the transamazon highway. *European Journal of Wild life Research* v.51, n.3, p.199-206, 2005.

Chiarello, A.G; Aguiar, L.M.S; Cerqueira, R; Melo, F.R; Rodrigues, F.H.G; Silva, V.M. Mamíferos ameaçados de extinção no Brasil. In: A.B.M. Machado, G.M. Drummond & A.P. Paglia (eds), Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte, p. 697–874, 2008.

Constantino, P.A.L. Subsistence Hunting with Mixed-Breed Dogs Reduces Hunting Pressure on Sensitive Amazonian Game Species in Protected Areas. *Environmental Conservation*, p.1-7, 2018. <http://dx.doi.org/10.1017/S0376892918000322>.

Driscoll, C.A; Macdonald, D.W. Top dogs: wolf domestication and wealth. *Journal of Biology*, v.9, n.10, 2010. <http://jbiol.com/content/9/2/10>.

Fernandes-Ferreira, H.S.V; Mendonça, C; Albano, F.S; Ferreira; Alves, R.R.N. Caça, uso e conservação de aves no Nordeste do Brasil. *Biodiversidade e Conservação*, v. 21, n.1, p. 221-244, 2012. <http://dx.doi.org/10.1007/s10531-011-0179-9>.

Hanazaki, N; Alves, R.R.N; Begossi, A. Hunting and use of terrestrial fauna used by Caicaras from the Atlantic Forest coast (Brazil). *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v.5, n. 1, p. 1-36, 2009.

Inskip, C., e Zimmermann, A. Human-felid conflict: a review of patterns and priorities worldwide. *Oryx* v.43, n.1, p.18–34, 2009.

IUCN 2020. Red List of Threatened Species. Version 2020.1. www.iucnredlist.org.

Koster, J. Kills of giant anteaters (*Myrmecophaga tridactyla*) by hunters with dogs in the Bosawas Biosphere Reserve, Nicaragua. *Southwestern Naturalist*, v.53, p.414-16, 2008c.

Koster, J.M. Hunting with dogs in Nicaragua: An optimal foraging approach. *Current Anthropology*, v.49, p.9354, 2008a.

Koster, J.M. The impact of hunting with dogs on wildlife harvests in the Bosawas Reserve, Nicaragua. *Environmental Conservation*, v.35, p.11-20, 2008b.

- Koster, J; Noss, A. Hunting dogs and the extraction of wildlife as a resource. In: *Free Ranging Dogs and Wildlife Conservation*, ed. MEGomper. Oxford, UK: Oxford University Press, p. 265-285, 2014.
- Machado, A. B. M; Drummond, G. M; Paglia, A. P. *Livro Vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção*. MMA, Fundação Biodiversitas, Brasília, DF, 2008.
- Mendonça, L.E.T., Souto C.M., Andreilino L.L., Souto W.M.S., Vieira W.L.S., Alves R.R.N. Conflitos entre pessoas e animais silvestres no semiárido paraibano e suas implicações para conservação. *Sitientibus Série Ciências Biológicas*, v. 11, p.185-199, 2011.
- Mendonça, L.E.T; Vasconcellos, A; Souto, C.M; Oliveira, T.P.R; Alves, R.R.N. Bushmeat consumption and its implications for wildlife conservation in the semi-arid region of Brazil. *Reg Environ Change*, p.1-9, 2016. <http://dx.doi.org/10.1007/s10113-015-0901-3>.
- Muller, W. *In the first Steps of animal Domestication*. Oxford, Oxbow Books. 2002.
- Nasi, R; Brown, D; Wilkie, D; Bennett, E; Tutin, C; Van Tol, G; Christophersen, T. *Conservation and use of wildlife-based resources: the bushmeat crisis*. Secretariat of the Convention on Biological Diversity and Center for International Forestry Research (CIFOR), Bogor, Indonesia, Montreal, Canada, Montreal, Canada, 2008. ISBN 92-9225-083-3.
- Newton, P; Van Thai, N; Roberton, S; Bell, D. Pangolins in peril: Using local hunters' knowledge to conserve elusive species in Vietnam. *Endangered Species Research*, v.6, p.41 - 53, 2008.
- Oliveira, W.S.L; Luna, M.S.O; Souto, W.M.S; Alves, R.R.N. Interactions between people and game mammals in a Brazilian semi-arid area. *Indian Journal of Knowledge*, v.16, n.2, p.221-228, 2017.
- Redford, K.H; Robinson, J.G. The game of choice: patterns of Indian and colonist hunting in the Neotropics. *Research Reports, American Anthropologist*, n. 89, p. 650-667, 1987.
- Santos, S.L; Alves, R.R.N; Mendonça, L.E.T. Fauna Silvestre Utilizada em Comunidades Rurais no Semiárido Paraibano. *Biodiversidade Brasileira*, v.8, n.2, p. 149-162, 2018.
- Savolainen P; Zhang Y; Luo J; Lundeberg J; Leitner, T. Genetic evidence for an East Asian origin of domestic dogs. *Science*. v. 298, p.1610-1613, 2002.
- Trinca, C.T. *Caça em assentamento rural no Sul da Floresta Amazônica*. Universidade Federal do Pará, Belém, p. 53, 2004.
- Trinca, C.T; Ferrari, S.F. *Caça em assentamento rural na Amazônia matogrossense*. In: Jacobi, P. & Ferreira, L. C. (eds.) *Diálogos em ambiente e sociedade no Brasil*. São Paulo, Ed. Annablume, 2006.
- Ventocilla, J; Herrera, H; Nuñez, V. *Plants and animals in the life of the Kuna* Austin, TX, USA. University of Texas Press, 1995.

CONCLUSÃO GERAL

Tendo em vista, os aspectos observados, concluímos que, os cães são animais presentes em diversos domicílios visitados da região de estudo. Nossos resultados demonstram que os cães são criados como sentinelas, animais de estimação e para caça de espécies nativas. Aspectos sócioeconômicos e culturais dos proprietários de cães estão associados ao papel do cão no lar, como também, qual raça e em formas de tratamentos dispostos aos cães. Na área rural da pesquisa, a grande maioria dos cães são sem raça definida e criados como sentinelas, enquanto na área urbana, parte dos cães são criados como pets, e estes, são de raça definida. Cães são treinados para atividades cinegéticas e são usados para caça de mamíferos silvestres, sendo considerada a estratégia mais eficaz na captura dessas espécies. Dessa forma, a caça com uso de cães, tem implicações negativas na conservação das espécies silvestres.

ANEXOS

ANEXO I- Questionário geral

Código do participante: _____

Sexo: Masculino Feminino Idade: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Endereço: _____ N°: _____

Área rural () Área urbana ()

DO ANIMAL

01. Você cria cachorros?

02. Quantos exemplares cria? Qual o sexo do(s) animal(s)? Qual a raça?

Por qual motivo você cria essa raça (está ligada a função do cão ou custeio)?

03. Você prefere fêmeas ou machos? Por quê?

04. Há quanto tempo tem/cria o animal?

05. Qual a idade do seu animal?

Você usa seu cão como função de proteção das residências, lojas comerciais ou propriedades?

Caso, use, é a principal função do cão?

Você usa seu cão com função de pastoreio?

Se, sim, para pastoreio de quais animais?

Descreva como ocorre essa atividade, e qual motivo levou usar o cão para essa função?

07. Quem foi o responsável por trazer o animal para ser mantido em casa?

A. Pai

B. Mãe

C. Filhos

D. Filhas

Outros? _____

06. Por qual motivo você cria seu animal?

08. Todos que moram com você concordam com a criação do cão como animal de estimação?

A.() Sim

B.() Não

09. Já houve discussão na sua residência por causa do animal? Se sim, pode indicar o motivo?

A.() Sim – Motivo _____

B.() Não

CÃES DE CAÇA-ANIMAIS SILVESTRES

01. Você já observou seus cães interagindo com animais silvestres?

02. Se sim, quais são as espécies silvestres?

03. Se sim, qual é a reação do cão com as espécies nativas (ataca, mata, foge, late)?

04. Você caça ou já caçou com cães? Se sim, respondam, as perguntas abaixo:

4.1 Quantos cães você usa para as atividades de caça?

4.2 Qual a raça do cão que você utiliza para a caça?

4.3 Essa raça de cão que você caça, é usado para caça qualquer espécie ou caça espécies silvestres específicas? Por qual motivo você escolheu caçar com esse tipo de raça?

4.4 Qual o sexo do cão usado na caça? Qual motivo leva a escolha do sexo para o cão de caça?

05. Sobre a fauna local. Quais são as espécies silvestres caçadas com cães? Colocar na exata ordem de citação do entrevistado.

06. Você caça com cães no período da noite, do dia ou qualquer um dos turnos?

07. Se caça no período noturno, quais são espécies que você caça da noite?

08. Se caça no período diurno, quais as espécies que você caça no dia?

09. Se caça em apenas um dos turnos, responda:

10. Por qual motivo você escolhe o período diurno ou noturno para a caça ?

11. Existem diferenças de usos para cada espécie? Quais são os usos (alimentação, estimação, zooterapia, medicinal) para cada espécie mencionada acima?

12. Porque você caça com o auxílio de cães essas espécies que você mencionou acima e não somente com outras técnicas de caça?

Essas espécies que você caça com cães, você caça porque são mais saborosas, são maiores, por prazer, ou outro motivo?

13. Para cada espécie caçada com cão indique outra estratégia de caça que pode ser usada para capturar a mesma espécie.

14. Por qual motivo você caça animais com cachorros (esporte, alimentação, comercializar, proteção de animais domésticos)?

15. Você caça com cães com frequência?

A. Diariamente

B. Semanalmente

C. Mensalmente

D. Anualmente

E. Outros

16. Quando caça, qual o número em média de espécimes você consegue caçar com o auxílio de cães para cada espécie? Do que depende o número de caça? (sorte, do cão).

Dentre as espécies que você caça ou já caçou, na sua percepção, qual a espécie que se caça em uma maior quantidade com uso de cães (quantos espécimes caçou por expedição) ? Por que?

Existem diferenças na quantidade de espécimes caçados com caça apenas de cães ou outras estratégias? Com qual se caça mais?

29. Quando você está caçando com outras técnicas de caça, e levam seus cães, estes abatem espécies silvestres? Quais?

30. Quando você sai para caçar com cachorros, você caça espécies específicas ou qualquer espécie que encontrar? Quais são essas espécies?

31. Você acredita caçar maior número de espécies selvagens quando leva os cães para caçar? Se sim, quais são espécies?

Indicar a quantidade de espécimes caçados por expedição de caça da caça com cães e quando está associado com outras estratégias de caça?

17. Qual o animal mais fácil de ser encontrada na região com o auxílio de cães?

18. Qual o animal mais difícil de ser encontrado com cães nessa região ultimamente?
20. Abundância do animal citado (de acordo com a percepção do entrevistado): Muito baixa
 Baixa Média Alta
21. Melhor época para a captura do animal (meses e estação do ano (chuvosa ou seca), Por quê?).
22. Seu cão de caça vive preso ou solto?
23. Seu cão só caça quando você leva para mata? Ou você já viu seu cachorro sair para mata sozinho?
24. Quando você vai caçar, sempre leva seus cachorros? Por quê?
- Quando você exerce atividades de agricultura você leva seu cão de caça? Se leva, por qual objetivo você leva?
25. Quando você caça com cães, você usa para caça outra técnica ou estratégia de caça? Se sim, por qual motivo?
26. Como acontece a captura de animais silvestres (descrever)?
27. Na caça, os cães capturam espécies de qual sexo (macho ou fêmea) ou filhotes?
28. Se capturar fêmeas grávidas ou filhotes, o que você faz com essa caça (mata para comer, cria em casa, solta)?
32. Você já abateu alguma espécie de animal silvestre para defender seu cão?
33. Seu cão já abateu alguma espécie de animal silvestre que você não desejaria caçar? Quais espécies?

TREINAMENTO DO CÃO DE CAÇA

34. Você treinou seu animal ou comprou para a caça?
- treinou comprou
35. Caso tenha comprado, quanto custou?
36. Caso tenha treinado, como ocorreu o treinamento (quanto tempo durou)?
37. Você venderia seu cachorro de caça?
- A. Sim
- B. Não

Se sim, Por quanto?

38. Você sabe quanto custa um cachorro de caça na região?

39. Durante o treinamento de caça, seu cachorro já fugiu para mata e não voltou?

OBTENÇÃO DO ANIMAL

01. Obteve o animal adulto ou filhote?

02. Como você adquiriu?

A. Compra

Caso seja compra, por favor, responda as questões a seguir:

a.1 Onde comprou? _

a.2 Qual foi o preço?

A.3 O vendedor ainda comercializa?

A. Sim

B. Não

A.4 Como ocorre à comercialização?

A. Captura

B. Você obteve o animal como doação/presente?

MANUTENÇÃO DO ANIMAL

01. Seu animal tem um lugar específico na casa onde ele costuma ficar?

A. Sim Se sim, qual?

B. Não

02. O animal é mantido apenas na parte externa da residência?

A. Sim

B. Não

03. Seu animal usa a parte interna, são permitidos que ele compartilhasse móveis como sofás, camas e outros?

A. Sim

B. () Não

04. Você costuma soltar seu animal na rua sozinho?

A. () Sim

B. () Não

05. Onde o animal é mantido?

A. () Terraço

B. () Viveiro

C. () Solto

D. () Amarrado/acorrentado

E. Outros.

06. Você leva seu animal para passear? Se sim, qual a frequência? Usa coleira/focinheira?

07. Você abandonaria seu animal?

A. () Sim

B. () Não

Se sim, em que situação?

08. Qual é a alimentação oferecida ao animal?

A. () Ração

B. () Comida caseira

Outros:

09. Qual tipo de comida que você acha apropriada para seu animal? Por quê?

10. Que tipo de comida ele prefere comer? Você fornece a comida preferida dele? Por quê?

11. Em que quantidade e com que frequência ela é oferecida?

A. () Uma vez ao dia

B. () Duas vezes ao dia

C. () Três vezes ao dia

Outros:

12 Quais são os cuidados higiênicos do seu animal?

A.() Banho

B.() Tosa

C.() Nenhum

Outros:

13. Qual a frequência?

A.() Diariamente

B.() Semanalmente

C.() Quinzenalmente

D. () Mensalmente

E. outros _____

18. Os cuidados da questão 17 são feitos em casa ou no pet shop? Por quê?

19. Quanto, em média, é o seu gasto mensal com o animal?

CUIDADOS VETERINÁRIOS

01. O animal já ficou doente?

A.() Sim

B.() Não

Se sim, você sabe que tipo de doença o acometeu? Como procedeu para tratar?

02. Seu animal tem parasita (carrapatos, pulgas, etc.)?

A.() Sim

B.() Não

03. Seu animal é vacinado? Para quais doenças?

04. Seu animal é vacinado em clínicas veterinárias?

A.() Sim

B.() Não

Se sim, quais as vacinas?

05. Seu animal é vacinado nas campanhas obrigatórias ofertadas pelo município?

A.() Sim

B.() Não

06. Se não, por qual motivo você não leva seu animal para vacinar nas campanhas?

07. Seu animal costuma ficar doente?

A.() Sim

B.() Não

08. Você leva seu animal ao veterinário?

A.() Sim

B.() Não

09. Se sim, com que frequência?

A.() Mensalmente

B.() Anualmente

Outros: _____

10. Seu animal possui alguma deficiência? Qual?

A.() Sim

B.() Não

COMPORTAMENTO

01. Descreva a convivência que seus animais têm com outros cães?

02. O que faz seu animal mudar de comportamento? Descrever.

03. Como seu animal se comporta ao ver pessoas desconhecidas?

A.() Estresse

B.() Agressivo

C.() Dócil

Outros: _____

04. Seu animal já atacou ou mordeu você ou alguma pessoa?

A.() Sim

B.() Não

05. Quais os procedimentos realizados com a vítima e com o animal que mordeu?

A.() Sim

B.() Não

CONFLITOS

01. Seu animal incomoda os vizinhos?

A.() Sim

B.() Não

Seu animal já atacou ou abateu animais domésticos (caprinos, ovinos, bovinos)? Caso tenha, o que aconteceu com seu cão?

02. Você já conseguiu reproduzi-los?

A.() Sim

B.() Não

Quantas vezes?

03. Quantos filhotes por gestação?

A.() Um

B.() Dois

C.() Três

D.() Acima de três

04. O que você fez com os filhotes?

A.() Vendeu

B.() Doou

C.() Abandonou

D.() Ficou com os filhotes

Outros: _____

05. Há alguma doença de seu animal de estimação que pode ser transmitida para humanos?

A. Sim

B. Não

Se sim quais doenças?

PERGUNTAS GERAIS

01. Diante de sua experiência com esses animais você indicaria pra alguém criá-los como animais de estimação?

A. Sim

B. Não

02. Você possui relação de afeto com seu animal? Considera como membro da família?

03. Já criou outras espécies?

A. Sim

B. Não

04. O animal foi criado até a morte?

A. Sim

B. Não

Se sim, morreu de que forma?

05. O animal foi descartado por outro motivo?

A. Sim

B. Não

Se sim, de que forma descartou?

PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO (as informações repetidas preencher depois)

Estado Civil

Casado: Religioso Cartório Outros

Solteiro: Separado Desquitado Divorciado

Grau de Instrução

Analfabeto Apenas escreve o nome Apenas lê Lê e escreve

Ensino fundamental I Incompleto

Ensino fundamental II Incompleto

Ensino Médio Completo) Incompleto

Curso técnico

Pós-Graduação Superior Completo Incompleto

Dados da Atividade, Renda Mensal.

Qual a sua renda mensal? _____

ANEXO II- Termos de Consentimentos e Assentimento Livre E Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) para maiores de 18 anos

Prezado participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **COMPREENDENDO AS INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES NO SEMIÁRIDO PARAIBANO: ETNOZOOLOGIA, BEM-ESTAR E CONSERVAÇÃO** desenvolvida por Sebastiana Lima dos Santos, discente da pós-graduação, do curso de Mestrado em Ecologia e Conservação da Universidade Estadual da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Rômulo Romeu da Nóbrega Alves. O objetivo geral da pesquisa é Analisar as interações entre pessoas e cães na área urbana e rural do semiárido paraibano, e suas implicações, no município de Taperoá, Paraíba, Brasil. Os objetivos específicos são: Analisar parâmetros socioeconômicos dos criadores de cães (local de moradia, gênero, níveis de escolaridade e renda) que influenciam nas interações dos criadores e seus cães; Verificar quais os fatores influencia no tratamento dispensado aos cães e questões associadas ao bem-estar animal; Investigar quais os grupos de vertebrados silvestres são mais pressionados pela caça com auxílio de cães. Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária. Os possíveis riscos inerentes à pesquisa que podem ocorrer, são os de origem psicológica, intelectual ou/e emocional aos voluntários da pesquisa, pois, há a possibilidades de constrangimento aos voluntários; desconfortos; podem também, se sentir receosos; quebra de sigilo; cansaço ao responder as questões. Para minimizar os riscos, serão utilizadas inicialmente, conversas informais, explicar com clareza a natureza do estudo, estar acompanhada por um ou dois moradores locais conhecidos pelos possíveis entrevistados e procurar entrevistar em horários de menor ocupação dos voluntários. Caso você, participante, sofra algum dano decorrente dessa pesquisa, a pesquisadora garante indenizá-lo por todo e qualquer gasto ou prejuízo. Garanto também a você participante, que caso haja encargos financeiros, estes ficarão sob responsabilidade da pesquisadora. O voluntário terá assistência/acompanhamento durante o desenvolvimento dessa pesquisa. “Em caso de dúvida

quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da CEP-CESED”: Endereço: Av. Senador Argemiro de Figueiredo, 1901 - Iatraré CEP: 58411-020 – Campina Grande – PB. Telefone: (83) 2101-8857; Fax: (83) 2101-8857 e E-mail: cep@cesed.br

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

Endereço e contato da pesquisadora responsável:

Endereço da pesquisadora: Rua Wilson César de Souza, 203-Dinamérica CEP: 58.432-445 – Campina Grande.

Tel: (83) 98821-5232 ou (83) 99827-0405.

E-mail: tianalima09@gmail.com

Para participantes maiores de 18 anos:

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ estou de acordo em participar da pesquisa intitulada **COMPREENDENDO AS INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES NO SEMIÁRIDO PARAIBANO: ETNOZOOLOGIA, BEM-ESTAR E CONSERVAÇÃO**, de forma livre e espontânea, podendo retirar a qualquer meu consentimento a qualquer momento.

_____, de _____ de 20__

Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante

Para participantes maiores de 18 anos:

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ estou de acordo em participar da pesquisa intitulada **COMPREENDENDO AS INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES NO SEMIÁRIDO PARAIBANO: ETNOZOOLOGIA, BEM-ESTAR E CONSERVAÇÃO**, de forma livre e espontânea, podendo retirar a qualquer meu consentimento a qualquer momento.

_____, de _____ de 20__

Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) para pais ou responsáveis e/ou pais dos menores de idade

Prezado participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **COMPREENDENDO AS INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES NO SEMIÁRIDO PARAIBANO: ETNOZOOLOGIA, BEM-ESTAR E CONSERVAÇÃO** desenvolvida por Sebastiana Lima dos Santos, discente da pós-graduação, do curso de Mestrado em Ecologia e Conservação da Universidade Estadual da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Rômulo Romeu da Nóbrega Alves. O objetivo geral da pesquisa é Analisar as interações entre pessoas e cães na área urbana e rural do semiárido paraibano, e suas implicações, no município de Taperoá, Paraíba, Brasil. Os objetivos específicos são: Analisar parâmetros socioeconômicos dos criadores de cães (local de moradia, gênero, níveis de escolaridade e renda) que influenciam nas interações dos criadores e seus cães; Verificar quais os fatores influencia no tratamento dispensado aos cães e questões associadas ao bem-estar animal; Investigar quais os grupos de vertebrados silvestres são mais pressionados pela caça com auxílio de cães. Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Como também não é obrigatório responder qualquer tipo de pergunta, tendo respeito por parte da pesquisadora. As informações coletadas serão para pesquisa e poderão ser divulgadas em eventos e publicações científicas. Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária. Os possíveis riscos inerentes à pesquisa que podem ocorrer, são os de origem psicológica, intelectual ou/e emocional aos voluntários da pesquisa, pois, há a possibilidades de constrangimento aos voluntários; desconfortos; podem também, se sentir receosos; quebra de sigilo; cansaço ao responder as questões. Para minimizar os riscos, serão utilizadas inicialmente, conversas informais, explicar com clareza a natureza do estudo, estar acompanhada por um ou dois moradores locais conhecidos pelos

possíveis entrevistados e procurar entrevistar em horários de menor ocupação dos voluntários. Caso você, participante, sofra algum dano decorrente dessa pesquisa, a pesquisadora garante indenizá-lo por todo e qualquer gasto ou prejuízo. Garanto também a você participante, que caso haja encargos financeiros, estes ficarão sob responsabilidade da pesquisadora. O voluntário terá assistência/acompanhamento durante o desenvolvimento dessa pesquisa. “Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da CEP-CESED”: Endereço: Av - . Senador Argemiro de Figueiredo, 1901 - Iatraré CEP: 58411- 020 – Campina Grande – PB. Telefone: (83) 2101-8857; Fax: (83) 2101-8857 e E-mail: cep@cesed.br

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

Endereço e contato da pesquisadora responsável:

Endereço da pesquisadora: Rua Wilson César de Souza, 203-Dinamérica CEP: 58.432-445 – Campina Grande.

Tel: (83) 98821-5232 ou (83) 99827-0405.

E-mail: tianalima09@gmail.com

Para participantes menores de 18 anos (crianças e adolescentes)

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ CPF _____, responsável legal pelo (a) _____ autorizo sua participação no estudo intitulado **COMPREENDENDO AS INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES NO SEMIÁRIDO PARAIBANO: ETNOZOOLOGIA, BEM-ESTAR E CONSERVAÇÃO**, desde que o (a) mesmo (a) aceite de forma livre e espontânea, e que possa se retirar a qualquer momento.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ estou de acordo em participar desta pesquisa acima descrita.

_____, de _____ de 20____

Assinatura do participante (quando possível)

Assinatura do responsável legal

Assinatura do responsável pela pesquisa

Para participantes menores de 18 anos (crianças e adolescentes)

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ CPF _____, responsável legal pelo (a) _____ autorizo sua participação no estudo intitulado **COMPREENDENDO AS INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES NO SEMIÁRIDO PARAIBANO: ETNOZOOLOGIA, BEM-ESTAR E CONSERVAÇÃO**, desde que o (a) mesmo (a) aceite de forma livre e espontânea, e que possa se retirar a qualquer momento. Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ estou de acordo em participar desta pesquisa acima descrita.

_____, de _____ de 20__

Assinatura do participante (quando possível)

Assinatura do responsável legal

Assinatura do responsável pela pesquisa

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Prezado participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **COMPREENDENDO AS INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES NO SEMIÁRIDO PARAIBANO: ETNOZOOLOGIA, BEM-ESTAR E CONSERVAÇÃO** desenvolvida por Sebastiana Lima dos Santos, discente da pós-graduação, do curso de Mestrado em Ecologia e Conservação da Universidade Estadual da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Rômulo Romeu da Nóbrega Alves. O objetivo geral da pesquisa é Analisar as interações entre pessoas e cães na área urbana e rural do semiárido paraibano, e suas implicações, no município de Taperoá, Paraíba, Brasil. Os objetivos específicos são: Analisar parâmetros socioeconômicos dos criadores de cães (local de moradia, gênero, níveis de escolaridade e renda) que influenciam nas interações dos criadores e seus cães; Verificar quais os fatores influencia no tratamento dispensado aos cães e questões associadas ao bem-estar animal; Investigar quais os grupos de vertebrados silvestres são mais pressionados pela caça com auxílio de cães. Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem

necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Como também não é obrigatório responder qualquer tipo de pergunta, tendo respeito por parte da pesquisadora. As informações coletadas serão para pesquisa e poderão ser divulgadas em eventos e publicações científicas. Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária. Os possíveis riscos inerentes à pesquisa que podem ocorrer, são os de origem psicológica, intelectual ou/e emocional aos voluntários da pesquisa, pois, há a possibilidades de constrangimento aos voluntários; desconfortos; podem também, se sentir receosos; quebra de sigilo; cansaço ao responder as questões. Para minimizar os riscos, serão utilizadas inicialmente, conversas informais, explicar com clareza a natureza do estudo, estar acompanhada por um ou dois moradores locais conhecidos pelos possíveis entrevistados e procurar entrevistar em horários de menor ocupação dos voluntários. Caso você, participante, sofra algum dano decorrente dessa pesquisa, a pesquisadora garante indenizá-lo por todo e qualquer gasto ou prejuízo. Garanto também a você participante, que caso haja encargos financeiros, estes ficarão sob responsabilidade da pesquisadora. O voluntário terá assistência/acompanhamento durante o desenvolvimento dessa pesquisa. “Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da CEP-CESED”: Endereço: Av - . Senador Argemiro de Figueiredo, 1901 - Iatraré CEP: 58411-020 – Campina Grande – PB. Telefone: (83) 2101-8857; Fax: (83) 2101-8857 e E-mail: cep@cesed.br

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

Endereço e contato da pesquisadora responsável:

Endereço da pesquisadora: Rua Wilson César de Souza, 203-Dinamérica CEP: 58.432-445 – Campina Grande.

Tel: (83) 98821-5232 ou (83) 99827-0405.

E-mail: tianalima09@gmail.com

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa **COMPREENDENDO AS INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES NO SEMIÁRIDO PARAIBANO: ETNOZOOLOGIA, BEM-ESTAR E CONSERVAÇÃO.**

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.
 Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

_____, de _____ de 20 _____.

Assinatura do menor

Assinatura do pesquisador

Assinatura do(a) menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa
COMPREENDENDO AS INTERAÇÕES ENTRE PESSOAS E CÃES NO SEMIÁRIDO PARAIBANO: ETNOZOOLOGIA, BEM-ESTAR E CONSERVAÇÃO.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

_____, de _____ de 20 _____.

Assinatura do menor

Assinatura do pesquisador

Assinatura do(a) menor